



“Vida Universitária”: política, esportes e festas.
Uma análise antropológica da sociabilidade estudantil contemporânea

Carlos Eduardo Costa

“Vida Universitária”: política, esportes e festas.
Uma análise antropológica da sociabilidade estudantil contemporânea

Aluno: Carlos Eduardo Costa

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

Universidade Federal de São Carlos – Centro de Educação e Ciências Humanas

Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Pesquisa financiada pela FAPESP: Processo 04/12650-0R

Composição da Banca Examinadora

Nome:	Instituição
Prof. Doutor Luiz Henrique de Toledo	UFSCar
Prof. Doutor Marcos Pazzanese Duarte Lanna	UFSCar
Profa. Doutora Simoni Lahud Guedes	UFF

São Carlos 18 de abril de 2007

Agradecimentos

Ao terminar – começar, talvez? – um trabalho como esse temos a dimensão exata de como precisamos de pessoas amigas e de confiança ao nosso lado para nos ajudar na superação dessas etapas, ou “rituais de iniciação”, mesmo nas piores adversidades.

Como não poderia deixar de ser, em virtude das condições que me possibilitaram estudar numa Universidade como essa, gostaria de agradecer à minha mãe Marli e a meu pai Alceu pelo apoio incondicional, mesmo nas situações em que não parecia muito claro o que iria ser ou fazer, preocupações essas que devem nortear quaisquer pais que amam e se preocupam com seus filhos, como eu sei que os meus o fazem.

Gostaria também de estender esse carinho ao meu irmão Pedro e a todos os outros membros de minha família, meus tios e avós e, em especial, a meus primos Bruno, Gabriel, Hugo, Danilo ChikDan, Carolina, Lídia, Marcela, Felipe e Rafael, pois todos, de uma maneira ou de outra, me ajudaram a concluir esse trabalho.

Aos meus amigos de Rio Claro que, na confusão provocada pelo “estranhamento” frente ao que exatamente seria a Antropologia, ou mesmo as Ciências Sociais, exercitaram ao máximo sua paciência e amizade quando de algumas discussões não muito tranquilas, principalmente para aqueles que ainda acham que eu sou “comunista”, ou irei estudar os “índios”.

Um abraço sincero para o Serginho, Rodnei, Alex, Caio, Kiko, Tarja, Rafael e Dezan; para o pessoal da Unesp de Rio Claro: Juninho, Favaro e Ivan e também para o Eric “Caaso Xupa!”. Todo carinho ao Fabrício e a Tati e sua linda princesa Sara. Estendo esse agradecimento a todos os outros cujos nomes me fogem ao momento, mas que certamente não são menos importantes em minha formação. Um grande beijo Rô!

Em São Carlos talvez sejam mais numerosos, o que dificultaria um agradecimento nominal; por isso sou grato às “repúblicas” de modo geral: ao pessoal da Marisales (que continua firme e forte), da Casa Azul e da Toca da Capivara (*in memoriam*) e de tantos outros lugares que me fizeram entender um pouco melhor o que era a universidade, principalmente no início, diante de tantas dúvidas e adversidades. Um beijo para você Paty!

Agradeço também aos meus “irmãos” de *Barravento*, com quem tive a oportunidade e a felicidade de passar muito tempo e de discutir bastante, o que influenciou de maneira decisiva minha escolha em seguir para a Antropologia.

Ao silêncio enigmático do Kléber, rompido em algumas madrugadas de conversas a fio; ao jeito característico do “Tio” Delega, sempre presente; ao Pansinha, e sua disposição em discutir “política”; ao “burocrata” do Leandro, com suas contas e números; à teimosia do Tom, com quem se pode conversar a mesma coisa por horas ininterruptas sempre com produtividade, ao “bixão” Jonatan e, por fim, ao Braga e sua rígida disciplina, que também me ajudou a ser mais responsável.

Devo muito também aos professores que me apresentaram a Antropologia e me auxiliaram na conclusão deste trabalho; embora eles não sejam responsáveis pelos possíveis erros que aqui cometi, foi com a ajuda deles que cheguei ao resultado final. Um abraço para o Kike, meu orientador, para o Piero, grande amigo, Marina e Igor.

Por fim, gostaria de lembrar aquelas pessoas que, durante as pesquisas de campo, não acreditavam ser possível um estudo “sério”, tendo como objeto os estudantes universitários, principalmente seus torneios e festas. Esse trabalho contém um pouco de cada um.

Resumo

Inicialmente, o objetivo dessa pesquisa era realizar uma etnografia dos “torneios universitários”, eventos que congregam estudantes de diferentes instituições de ensino superior em torno de *festas e competições esportivas*.

A ampliação do escopo empírico, todavia, veio no sentido de mostrar que os torneios, para além da fruição e sociabilidade esportiva que instilam, estão profundamente imbricados a um ethos *universitário* com desdobramentos em várias esferas, da doméstica, e a análise sobre as repúblicas atesta tal fato, até o universo público dos embates próprios da política estudantil.

A pesquisa pretende renovar, num certo sentido, os trabalhos sobre as manifestações estudantis na medida em que as atrelam a um sistema simbólico universitário mais amplo, revelador de uma dinâmica própria onde o ethos do jogo, da festa e do esporte não estão fora das tomadas de decisão política. Trata-se, na verdade, de um sistema que não se esgota no objeto “esporte universitário” propriamente dito. Na análise sobre as “repúblicas”, por exemplo, a noção de *casa* proposta por Lévi-Strauss para os estudos de parentesco se mostrou bastante fecunda, uma vez que o regime de afinidade definido nessas moradias estudantis, como revelam as categorias nativas ali operacionalizadas, tais como amizade, chegado, “irmão”, se entrelaçam e dialogam com regimes de afinidade afetiva, ideológica.

Sem uma etnografia dessas práticas que perpassam essa sociabilidade intensa, visível nos jogos e torneios, mas que se revela importante também na esfera do cotidiano, no domínio doméstico, voltando na esfera pública a partir dos movimentos reivindicatórios estudantis, não se compreenderia o processo de formação mais universal desses jovens universitários no Brasil.

Palavras-chaves: *etnografia, universitários, movimento estudantil, segmentação, substâncias, Antropologia do esporte, práticas esportivas, festas*

Sumário

I.	Introdução	6
II.	Uma Universidade do ponto de vista dos estudantes	15
1.	<i>Os espaços marcadamente dos estudantes: o campus da UFSCar São Carlos</i>	16
2.	<i>O Movimento Estudantil na UFSCar</i>	23
3.	<i>A Semana da Calourada da UFSCar</i>	30
4.	<i>A Gincana da Atlético e a “tendência à segmentação”</i>	35
5.	<i>Algumas considerações</i>	45
III.	As Repúblicas Estudantis: “microcosmos da vida universitária”	47
1.	<i>Casas</i>	48
2.	<i>Substâncias</i>	66
3.	<i>Considerações finais</i>	71
IV.	Esportes, jogos ou festas? A sociabilidade nos preparativos e acomodações dos torneios	73
1.	<i>Breve histórico de algumas entidades ligadas ao desporto universitário</i>	73
2.	<i>A segmentaridade na organização dos eventos</i>	77
3.	<i>A Tusca: considerações preliminares</i>	82
4.	<i>Esportes versus Festas: a rivalidade na organização da Tusca 2005</i>	84
5.	<i>As viagens: o Engenharíadas e o Inter-Unesp</i>	88
6.	<i>Alojamentos: a “potencialização das repúblicas”</i>	94
V.	Os Torneios Universitários	103
1.	<i>Identificação e rivalidades: As Torcidas Universitárias</i>	107
2.	<i>As Práticas Esportivas e os “Jogos Alternativos”</i>	121
3.	<i>As Festas</i>	135
	Considerações Finais	143
	Anexos	148
	Referências Bibliográficas	158
	Referências da Internet	163

Introdução

A proposta de uma pesquisa que envolvesse os estudantes universitários surgiu com a monografia. A partir da idéia de que os “torneios universitários” poderiam ser pensados segundo uma perspectiva ritual, a Tusca¹ foi alvo de análise na medida em que se contrastava o torneio com o cotidiano dos estudantes.

Numa ampliação de tal idéia, o projeto formulado para o mestrado apontava para o ganho em manter essa perspectiva através da intensificação da pesquisa de campo, isto é, fazer incursões em outros torneios para apresentar possíveis diferenças e similitudes entre eles; para tanto, as seguintes pesquisas foram realizadas: Tusca 2004, 2005 e 2006; Inter-Bio 2004; Inter-Unesp 2005 e 2006; Engenharíadas 2006; Economíadas 2006 e CaipirUSP 2006².

Em alguns deles, a possibilidade de participação de um estranho foi contornada com diferentes estratégias de pesquisa; já em outros, inclusive antecipadamente levantados, à distância entre pesquisador e pesquisados dificultou e, por vezes, impossibilitou essa participação³.

O arcabouço teórico da antropologia do esporte é base de onde saíram às argumentações. Por conta disso, a multiplicidade de práticas esportivas encontradas no meio acadêmico sugeriu que os esportes devessem ser pensados de maneira que levasse em consideração os locais em que são praticados. Isso porquê *festas* e *disputas esportivas* são constantemente organizadas em conjunto, tal como nos torneios, nos Inter-Cursos, nos Inter-Rep ou nos Inter-Bixos⁴.

¹“Taça Universitária de São Carlos”, evento organizado pelas atléticas da UFSCar e do Caaso – Centro Acadêmico Armando Sales de Oliveira, *campus* da USP São Carlos – que ainda conta com a participação de duas universidades convidadas.

² *Inter-Bio*, torneio entre os estudantes do curso de Biologia das seguintes universidades: UFRJ, UnB, UFMG, UEL, Unicamp, Unesp Botucatu, Unesp Rio Claro, USP São Paulo, USP Ribeirão Preto, UFSCar e UFPR; *Inter-Unesp*, evento que congrega os diversos *campi* da universidade que se situam em cidades do interior do estado; *Engenharíadas*, torneio disputado entre os departamentos de engenharia das universidades: Mackenzie, USP São Paulo – Poli –, USP São Carlos – Caaso –, UFSCar, Mauá, PUC Campinas, Unicamp, Unifei Itajubá, FEI e FAAP; *Economíadas*, torneio disputado entre os cursos de Economia das universidades: ESPM, Mackenzie, FEA-USP, FGV, FAAP, Ibmec, PUC e Unicamp e por fim o *CaipirUSP*, evento que contou com a participação dos *campi* da USP que se situam no interior do estado: São Carlos – Caaso –, Ribeirão Preto – Farmácia, Fisioterapia e Enfermagem –, Pirassununga e Bauru – Fonoaudiologia e Odontologia.

³ Como, por exemplo, no Inter-EF, torneio entre os estudantes de Educação Física, o qual, por não ser aluno do curso, não consegui participar.

⁴ Essa relação entre *esporte* e *feira* será evidenciada especialmente nos capítulos 3 e 4. Em anexo encontram-se ilustrações sobre essa proximidade.

Algumas dessas disputas, como os torneios e os Inter-Cursos, serão abordadas no decorrer da pesquisa; já os Inter-Rep são competições, geralmente de futebol de salão ou em grama sintética, entre as *repúblicas*⁵ onde moram os estudantes, ao passo que os Inter-Bixos são competições envolvendo apenas os recém ingressos, os *bixos*.

Os *bixos* são os calouros anuais das universidades; esse contraste pelo qual os novatos passam ocorre anualmente e separa os *bixos* dos *veteranos*. Enquanto *bixo* é somente aquele que está em seu primeiro ano, a partir do segundo ano o aluno já passa a ser considerado *veterano*. Todavia, a gradação completa, por assim dizer, seria: *larva*, *bixo*, *veterano* e *dinossauro*.

A separação entre *larvas* e *bixos* ocorre com a entrada na Universidade; aqueles que passam no vestibular deixam de ser *larvas* e viram *bixos*, um primeiro corte que identifica os estudantes de graduação. Fazer a matrícula, ganhar um número através do Registro Acadêmico, passar pelo “trote”, segregar a participação nas disputas esportivas ou nas entradas das festas ou a própria formatura são momentos em que a distinção entre os *universitários* e os *não-universitários* mais se acentua⁶.

Já a distinção entre *veteranos* e *dinossauros* está no tempo: *dinossauros* são aqueles que estão há muito tempo na universidade, mas ainda não se formaram. Para essa pesquisa, entretanto, a separação entre *bixos* e *veteranos* é a que mais interessa, pois estabelece uma relação de alteridade fundamental no universo acadêmico evidenciada principalmente através do “trote”.

O trote é um momento de enaltecer a diferença entre os que já estão e aqueles que chegam à universidade, isto é, estabelece uma relação hierárquica pela qual todos os alunos passarão. Existem inúmeras maneiras de se aplicar esse “trote”, mas o que deve ser ressaltado é a instauração dessa alteridade e como ela é evidenciada, inclusive, em disputas esportivas, como o Inter-Bixo citado acima ou mesmo a Tusquinha⁷.

Com esse recorte voltado para os alunos de graduação, acompanhar os estudantes em outros momentos possibilitou uma ampliação do leque de temas a serem abordados, pois estes partiam dos próprios universitários. Assim, a organização do movimento estudantil, as atividades de suas entidades, a moradia nas repúblicas ou mesmo a intensa participação nos torneios são

⁵ Casas alugadas por grupos de alunos para a residência durante a graduação; capítulo 2.

⁶ Mais à frente.

⁷ “Tusquinha” é um torneio envolvendo apenas os calouros da UFSCar e da USP São Carlos.

acontecimentos de reconhecida importância na vida desses jovens e somente por isso tornaram-se relevantes à pesquisa.

Esses desencadeamentos apontaram para o entendimento que o objeto a ser analisado, mais do que os torneios ou as práticas esportivas – ou as festas –, eram os próprios *estudantes universitários*, acima de tudo, aqueles que realizam tais atividades⁸.

Nesse sentido, o primeiro capítulo está centrado nos alunos da UFSCar. A preponderância nesse *campus* ocorreu basicamente por dois motivos: o primeiro era a dificuldade em viajar para outras cidades para acompanhar o cotidiano de algumas dessas entidades; o segundo é o fato de que a UFSCar apresenta uma estrutura completa, por assim dizer, pois todas as instâncias do movimento se encontram presentes: Centros Acadêmicos, Departamentos Acadêmicos, Diretório Central dos Estudantes, Atlética entre outras.

A idéia é descrever os espaços marcadamente freqüentados pelos estudantes dentro da universidade, assim como a organização e algumas atividades de seu “movimento estudantil”.

Baseado numa divisão que foi apontada durante uma entrevista com um dirigente estudantil, a intenção é apresentar outras atividades para além da participação nos movimentos *políticos* (Forachi 1968; Martins Filho 1996; Abramo 1994). Essa classificação é interna ao movimento e se baseia numa diferenciação entre as chamadas “entidades tradicionais” e as “entidades não tradicionais” de participação⁹.

O interesse nesse capítulo inicial reside em apresentar características que permearão todo o texto, especialmente a *segmentaridade* (Evans-Pritchard 2002) e a intensidade da *rivalidade* nas relações estabelecidas. A dinâmica com que se unem e se separam grupos de pessoas de acordo com o momento, e como essa relação é permeada por disputas e competições, é característica marcante dos universitários.

O que será tratado como “tendência à segmentação” será apresentado em diferentes relatos, em especial na organização do movimento estudantil e numa atividade de recepção aos calouros, a *Gincana da Atlética*, momentos em que a *fusão* e a *segmentação* são operacionais na dinâmica das relações.

⁸ Nesse caminho agradeço a leitura do texto de qualificação feita pela professora Marina Cardoso, onde a perspectiva ritual na análise desses eventos foi colocada em questão perante uma abordagem que ampliasse a pesquisa mais do que “enquadrá-la” por esse viés.

⁹ Como “tradicionais” podem ser adiantadas essas entidades responsáveis pelo debate político: CAs, DAs, DCE; entre as “não tradicionais” estão principalmente as Atléticas e as Baterias. Mais à frente.

Já no capítulo dois, que diz respeito às *repúblicas estudantis*, inúmeras casas em diversas cidades foram visitadas. Algumas graças ao fato de ter conhecido as pessoas nos torneios; a maioria delas, entretanto, foi visitada em festas organizadas por seus moradores, festas essas que, como ficará claro no decorrer do capítulo, são bastante rotineiras entre os universitários.

A moradia em comum durante a graduação é um aspecto interessante de ser abordado. A *casa* no interior do discurso antropológico sempre suscitou muitos debates; *parentesco*, *formação da Pessoa* ou *substâncias* são temas destacadamente antropológicos e se encontram presentes durante a co-residência.

É nesse sentido que a idéia da casa enquanto “microcosmos” da vida em comunidade (Lévi-Strauss 2004; Bourdieu 1999) será aproximada às repúblicas, pois mais do que servir de moradia para os estudantes, as repúblicas são espaços que sintetizam, ou melhor, refletem as principais atividades que delineiam o que é ser um “universitário”: consumo de substâncias alucinógenas, festas, práticas esportivas, estudo, participação no movimento estudantil, e diversos outros temas cotidianos, que mobilizam a vida dos estudantes, são compartilhados dentro do mesmo espaço doméstico (Carsten 2004).

O processo de nomeação das repúblicas é outro tema interessante em ser abordado; não apenas das repúblicas, mas também os nomes que os próprios calouros recebem ao entrarem na universidade. Nesse sentido, alguns elementos constitutivos e característicos dos universitários se encontrarão tanto nos nomes das casas quanto nos nomes dos estudantes¹⁰.

Como desde o início a análise esteve mais próxima dos torneios universitários, o terceiro capítulo prima pela delimitação do problema e apresentação de momentos que antecedem às competições.

A partir da constatação de uma relação entre *esporte* e *feira* que é fundamental no plano organizacional, as diferenças entre os torneios realizados no universo acadêmico e entre as atléticas envolvidas na preparação de um evento serão apresentadas por ilustrarem a *segmentaridade* e a *rivalidade* presente nas relações estabelecidas. *Turmas*, *cursos*, *departamentos* e *universidades* podem estar juntos ou separados de acordo com os interesses por detrás do torneio que está sendo realizado.

¹⁰ O *batizado*, por exemplo, é uma festa em que os novatos recebem um novo nome que pode estar associado com características individuais, com o consumo de substâncias alucinógenas, com práticas esportivas; é uma típica festa de república por ser predominantemente realizada pela e para as pessoas do *curso*; mais à frente.

Para ilustrar etnograficamente, basta adiantar que dos torneios pesquisados, o Inter-Bio e o Economíadas são relativos aos *cursos* dos participantes, o Engenharíadas é uma disputa entre *departamentos*, o Inter-Unesp e o CaipirUSP comportam os diversos *campi* de uma mesma universidade e a Tusca coloca frente à frente, predominantemente, *universidades*.

A identificação dos estudantes perante esses símbolos varia de acordo com o momento analisado; some-se o fato de que existem ainda as disputas entre *bixos* e entre *repúblicas* e pode-se dizer que as competições esportivas e as festas organizadas pelos universitários estão inseridas em um dinâmico e segmentarizado universo de possibilidades.

Cabe lembrar também das *viagens* e mesmo das acomodações nos *alojamentos* enquanto etapas importantes para a descrição substancial dos torneios propriamente ditos. Características levantadas em outros momentos, como nas repúblicas, aparecerão novamente indicando a recorrência de certos temas, como a *coletividade* e o consumo de *substâncias alucinógenas*.

Enfim, o quarto capítulo trata dos torneios universitários. A existência de uma relação entre *esporte* e *feira* é indicativa na apresentação da idéia de que as práticas esportivas devem ser compreendidas a partir do ambiente em que estão sendo disputadas.

Para tanto, uma diferenciação entre o que se convencionou chamar de *modalidades tradicionais* e *modalidades excêntricas* será apresentada para atestar a influencia mútua que os esportes exercem sobre as festas e as festas exercem sobre os esportes durante os torneios. Nesse sentido, a fórmula *formas-representações* estabelecida por Toledo em suas análises sobre o futebol (Toledo 2002), será expandida, por assim dizer, na tentativa de ampliar a aplicabilidade de tal modelo para outras práticas esportivas.

Por *formas*, basicamente, pode ser entendido às disposições e as *performances* dos atletas dentro do espaço do jogo; dizem respeito às configurações e aos posicionamentos determinados pelos treinadores e também pela linguagem sintética dos *sistemas táticos*, isto é, a atuação do atleta está atrelada às *formas* de jogar.

As *representações* consistem, num plano simbólico, na codificação de tais *formas* de acordo com os envolvidos no processo, no caso do futebol, *profissionais*, a *crônica especializada* e os *torcedores*.

Já durante os torneios, outros recursos simbólicos estão sendo negociados entre os participantes; as *performances* dos atletas nos jogos muitas vezes se coadunam a atitudes que se esperariam em outros momentos do evento, isto é, o consumo de substâncias alucinógenas, as

relações sexuais, enfim, são temas que estariam mais próximos das festas do que propriamente das disputas esportivas.

Por sua vez, a torcida é responsável por estabelecer as *representações* de acordo com o local e os participantes do torneio; as *performances* são diferenciadas, pois inseridas numa variedade de possibilidades que são negociadas entre atletas e torcedores: “Os matizes de tais *formas-representações* podem ser constatados a partir de uma disposição que vai de um nível mais individualizado ao coletivizado, do local ao mais global” (Toledo 2002).

Portanto, a presença marcante das *torcidas*, a diversidade das *práticas esportivas* e das *festas* são os dados trabalhados por serem a base constituinte desses eventos; mais do que o caráter educativo e “civilizador” do esporte (Elias 1992), cabe apresentar *performances* e *modalidades* que partem do esporte praticado em alto nível, mas que muitas vezes, por estarem inseridas nesse ambiente, desencadeiam outras *formas-representações* mesmo que sobre uma mesma modalidade.

A Internet também se mostrou uma ferramenta interessante de pesquisa na medida em que os acontecimentos e até mesmo a organização de algumas atividades são veiculadas por esse meio de comunicação. Especialmente através de um *site* do Google, o *Orkut*, onde as pessoas se encontram para fazer amigos e se reunirem em comunidades, vários assuntos concernentes a esta pesquisa são tratados: organização, comentários, lembranças de estórias vividas nos torneios, nas repúblicas ou em entidades do movimento estudantil são comunicadas de modo bastante dinâmico, pois estão ao alcance de todos¹¹.

A descrição da comunidade do Inter-Bio nesse site pode ajudar a ilustrar o interesse nessa utilização:

“Imagina o maior espetáculo da Terra, uma parada assim, sapopembática, foda pra caralho. Agora imagina que este evento é uma putaria generalizada, um ótimo lugar pra zoar os medicuzinhos que se masturbam com estetoscópios, 4 dias no ano onde vc se diverte, bebe, beija e fala muito palavrão. Um evento que não se consegue definir ao certo pois ninguém lembra de nada, muuuuito bom (com pelo menos 4 Us), o fim da picada, coisa de fuma-grama dorme-sujo, enfim!”¹²

¹¹ O orkut é um site de comunidades onde as páginas individuais dos usuários, os *perfis*, são abertos a todos; teve uma rápida inserção entre os internautas brasileiros e o número de usuários do site é desmedidamente maior do que os de outros países. Entre os universitários não é diferente; é difícil encontrar algum aluno que não possua uma conta no site.

¹² <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=100006>

Note que a descrição ressalta os elementos mais importantes e presentes para a realização de um torneio: *rivalidades* entre cursos – no caso, biólogos versus médicos – relações sexuais, consumo de substâncias alucinógenas, disputas verbalizadas, enfim, as comunidades são espaços onde os acontecimentos são debatidos entre os participantes, uma vez que o evento “não se consegue definir ao certo pois ninguém lembra de nada”.

Esses temas são partilhados pelos estudantes durante a estada na universidade; reconhecidamente são acontecimentos que aproximam e fazem dessa experiência algo marcante na vida dessas pessoas.

A idéia é apresentar uma rede de sociabilidade que está para além da obtenção do conhecimento científico que se pretende na formação universitária; a ampliação do escopo empírico permite pensar numa condição geracional atrelada a um “estilo de vida” (Bourdieu 1996) que somente se vive durante a graduação.

A intenção mais geral, contudo, é apresentar a universidade como uma espécie de *ritual de passagem*, isto é, entender o tempo transcorrido na graduação como um período de transição necessário para aqueles que, mais tarde, ocuparão posições determinadas num sistema de posições (Turner 1974).

Se se estabelecer que a Ciência pode ser considerada como uma espécie de *mito* (Lévi-Strauss 1993; Latour 1979) a Universidade é um lugar onde sua transmissão se dá de maneira ininterrupta¹³.

A dinâmica é tal que anualmente entram e saem milhares de alunos, o que não permite que o discurso sobre o conhecimento científico deixe de ser reproduzido para todos aqueles que passam por esse período. Desse modo, não mais os torneios universitários serão abordados segundo a perspectiva ritual, mas sim a própria Universidade¹⁴.

Devido a substantiva alteração no enfoque, o que deve ser ressaltado é o fato de que esses desencadeamentos são frutos de um diálogo com o objeto que tem por base a pesquisa etnográfica; a especificidade dessa abordagem permite que a relação entre sujeito e objeto seja vivida de modo que os pressupostos levados a campo sejam a todo o momento colocados em

¹³ “E exatamente porque essa literatura representa uma santa escritura (Knorr, 1978) é que um estudo minucioso da mitologia da qual os pesquisadores extraem suas atividades pode nos levar a compreender de que ela é feita. O termo ‘mitologia’ não tem qualquer conotação pejorativa. Cumpre entendê-lo como um quadro de referência no sentido amplo do termo, no interior do qual se podem localizar as atividades e as práticas de uma cultura particular (Barthes, 1957)” (Latour : 1979; 48)

¹⁴ Em sua pesquisa sobre boxeadores, Wacquant diz que “o gym está para o boxe assim como a igreja está para a religião”; nesse mesmo caminho, diria que a universidade assim está para o conhecimento científico.

debate. As hipóteses são reformuladas por conta da troca existente nessa relação e o arcabouço teórico da disciplina, o que possibilita o distanciamento necessário entre pesquisador e pesquisado, é confrontado com novos dados resultando uma interação que afeta tanto um quanto outro¹⁵.

Inclusive, se hoje a disciplina pode se vangloriar de ter uma das bases mais sólidas das Ciências Sociais e uma certa ausência de crises teórico-metodológicas (Peirano 1992), pode-se atribuir tal fato exatamente a esse constante diálogo entre teoria e pesquisa, diálogo esse que dá voz ao nativo, deixando que ele coloque os problemas a serem posteriormente trabalhados.

Essa diferença entre sujeito e objeto é fundamental para o desenvolvimento da análise antropológica. Não basta buscar esse afastamento na observação, mas é imperioso que se viva a diferença juntamente com aqueles que estão sendo pesquisados. Participar de reuniões de grupos do movimento estudantil, visitar diferentes repúblicas, ser o único desconhecido nos ônibus e nos alojamentos, muitas vezes foram situações indispensáveis para estabelecer o distanciamento entre pesquisador e pesquisado.

Outros momentos que afirmam essa diferença foram conversas com estudantes que, eventualmente, ao questionarem a presença de um “estranho”, tinham dúvidas recorrentes sobre o que seria minha pesquisa; coisas do tipo: “estudar isso é moleza, pois só se vai às festas” ou “um trabalho desses não pode ser sério”, foram apenas algumas das questões que os nativos colocavam frente à possibilidade de estudar seu modo de vida; eram maneiras de estabelecer uma diferença entre os universitários – que estudam coisas sérias e vão às festas e torneios se divertirem – e alguém que “se diverte” e “finge” que trabalha.

No caso, eles seriam “estudantes de verdade”, que estudam biologia, engenharia, economia; não alguém que vai às festas para estudá-las. A diferença era ressaltada principalmente ao saber do financiamento cedido a essa pesquisa. Inclusive, um dos diretores da atlética da Unesp de Rio Claro assim disse, certa vez:

“Tudo bem que eu sempre fui da Atlética e participei de muitos torneios, mas o cara fala que estuda os torneios universitários, vai a todas as baladas¹⁶ e ainda é pago pela Fapesp para fazer isso!”

¹⁵ A presença de um “estranho”, sozinho, dormindo no meio de pessoas conhecidas nos alojamentos talvez seja o principal momento em que se possa afirmar como a presença do antropólogo é sentida pelos nativos. Mais à frente.

¹⁶ Provisoriamente o termo *balada* pode ser compreendido como sinônimo de *feira*.

Com tudo isso, diferentes momentos da vida dos estudantes de graduação serão apresentados; a unidade que se espera reside em grande parte na recorrência de algumas temáticas e na tentativa de apresentar a universidade enquanto um momento de transição, um ritual de passagem diferenciador não apenas pelo conhecimento científico fornecido aos seus ingressantes, mas também por aspectos que estão para além da reprodução dessa “mitologia”.

A participação nas variadas vertentes do movimento estudantil, a moradia nas repúblicas e os torneios universitários foram os temas escolhidos para a apresentação do que se pretende entender por “vida universitária”; os desencadeamentos que se seguem foram assim formulados, principalmente por conta da relação estabelecida durante toda a pesquisa, relação que altera e influencia mutuamente.

I. Uma Universidade do ponto de vista dos estudantes

Durante toda a pesquisa foram visitados alguns *campi* de universidades públicas e particulares instaladas em cidades de pequeno e médio porte no interior do Estado de São Paulo. Entre elas estão: UFSCar *campi* de São Carlos e Araras; USP *campi* de São Carlos e Piracicaba; Unesp *campi* de Araraquara, Ilha Solteira e Rio Claro; Unicamp *campus* Campinas; Uniara, em Araraquara, e Uniararas, em Araras, essas duas últimas universidades particulares.

Ainda que de modo variado, a presença recorrente de alguns *espaços* no conjunto das edificações que constituem essas universidades chamou a atenção; quadras poliesportivas, bibliotecas, ginásios, lanchonetes, restaurantes e alojamentos universitários são locais onde a presença dos estudantes é significativa – especialmente durante os dias de aula, geralmente de segunda a sexta.

Para além dos prédios departamentais, das repartições burocráticas e das salas de aula, nesses espaços a sociabilidade entre os estudantes ocorre de modo diferenciado, pois aglutinam alunos das mais diferentes turmas e cursos. Cotidianamente almoçam juntos, disputam competições esportivas, estudam na biblioteca, enfim, ocupam os mesmos espaços e vivenciam os temas mais presentes na “vida universitária”.

É nesse sentido que a descrição dos espaços mais utilizados pelos estudantes dentro da universidade pode ser interessante; algumas características levantadas são definidoras e coadunam-se com as principais atividades presentes em outros momentos, como nas *repúblicas* ou nos *torneios*.

Na tentativa de apresentar uma universidade do ponto de vista dos estudantes de graduação, a seqüência do capítulo trata de abordar as principais entidades de participação estudantil.

Por “movimento estudantil” pretende-se entender não apenas as “organizações tradicionais”, tal como apresento sinteticamente em suas entidades políticas, mas também formas “não tradicionais” de participação, como no caso a atlética e a bateria, entidades fundamentais para a realização dos eventos que posteriormente serão alvos de análise.

Essa é uma classificação nativa e por isso tornou-se objeto da pesquisa. Inclusive, essa é a intenção em descrever uma atividade da atlética, ou seja, mostrar quais são os interesses dos membros representantes dessa entidade, especialmente ao receber uma nova turma de calouros.

Na *Gincana*, muitas características presentes em outros momentos do texto são “ensinadas” aos novatos: *rivalidades* entre cursos, turmas e universidades; a presença da hierarquia nas relações entre *bixos* e *veteranos* e a dinâmica dos processos de fusão e segmentação são as mais interessantes em serem destacadas.

Por hora cabe lembrar que as Universidades são abertas a todos da comunidade acadêmica; por “comunidade acadêmica” geralmente se entende a “tríade” formada por *alunos, professores e funcionários*. Essa definição também pode ser estendida à “comunidade”, referindo-se à população da cidade instalada a universidade, mas são os *universitários*, sem sombra de dúvida, os maiores responsáveis por sua utilização e ocupação – intensa e criativa, vale ressaltar.

1. Os espaços marcadamente dos estudantes: o campus da UFSCar São Carlos

A UFSCar está localizada às margens da Rodovia Washington Luiz, altura do quilometro 235 sentido capital-interior. O espaço ocupado por suas instalações abrigava as dependências de uma antiga fazenda antes de ser doado para a criação dessa Universidade. Por conta disso, seu terreno está situado numa ampla área verde e sinuosa que se estende por cerca de 645 hectares, tendo 137 mil metros quadrados de área construída¹⁷.

O modo mais interessante de se fazer uma descrição dos espaços do *campus* é começar pela localização do Lago. Como poderá ser visto em outras etapas da pesquisa, a UFSCar é comumente dividida entre “Área Sul” e “Área Norte”¹⁸.

O Lago é o marco físico que estabelece essa separação – ao passo que há ainda outra divisão, que separa os cursos de “humanas” e os de “exatas” e que se agrega mais ou menos à primeira divisão, humanas ao sul e exatas ao norte. Poderíamos atribuir a esta divisão espacial dos cursos um certo rendimento simbólico, uma vez que é a partir dela que se constroem várias representações contrastivas dos próprios cursos e, sobretudo, dos modos e estilos de vida dos universitários que optam por esta ou aquela carreira, pela área norte ou sul¹⁹.

¹⁷ www.ufscar.br

¹⁸ Mapa da UFSCar em anexo.

¹⁹ Na Área Sul concentram-se os cursos ligados à área de humanidades, como Ciências Sociais, Pedagogia, Biblioteconomia, Letras entre outros. A Área Norte concentra principalmente as Engenharias. Digo principalmente por dois motivos. O primeiro é que nem todos os cursos da Área Norte são Engenharias. O segundo motivo é o fato de que a relação de oposição instaurada – que é o que realmente importa aqui – se estabelece entre Humanidades e Engenharias, outra forma de chamar a oposição entre Área Sul e Área Norte. Essa segmentação é definidora de alguns estereótipos presentes no cotidiano acadêmico: enquanto na Área

Acima do Lago, na direção Sul, estão localizadas as quadras destinadas às mais variadas atividades esportivas. Duas quadras de tênis e uma área destinada à prática do vôlei de areia são as primeiras que podem ser observadas; a última dessas quadras segue as metragens oficiais do Handebol²⁰ e é nitidamente maior do que as poliesportivas, que se encontram mais acima. Uma pequena arquibancada de concreto separa esse espaço de uma segunda série de quadras.

As quatro quadras existentes nessa outra parte são denominadas de poliesportivas, ou seja, podem ser utilizadas na prática de várias modalidades como futebol de salão, basquete, vôlei e handebol.

Todas elas possuem as traves para os jogos de futebol e handebol, a furação para os mastros do vôlei e os aros e tabelas para o basquete – à exceção da quadra 1, de onde se retiraram os aros e as tabelas²¹. O piso é de cimento emborrachado e alambrados de cerca de três a quatro metros de altura nos fundos, e de aproximadamente um metro nas laterais, separam atletas e torcedores.

Os materiais utilizados para essas práticas, inclusive a rede e o mastro para o vôlei, podem ser retirados no Departamento de Esporte mediante apresentação e retenção momentânea do Registro Acadêmico.

O Registro Acadêmico, ou RA, é um documento fornecido pela Universidade atestando o pertencimento daquele aluno àquela instituição. No caso da UFSCar, o RA também vale como carteirinha da Biblioteca e do Restaurante Universitário, isto é, permite àqueles que o portam acessos a diferentes espaços e serviços oferecidos pela universidade²².

Logo acima da primeira série de quadras está o Ginásio Poliesportivo da UFSCar. O ginásio apresenta um desenho simétrico, com duas entradas independentes para cada uma das arquibancadas²³. O tamanho das arquibancadas é o mesmo dos dois lados, com aproximadamente cinco lances por toda a extensão da quadra.

Sul estão os “malucos”, “bichos grilos” e etc., a Área Norte é o lugar dos “playboizinhos” e “patricinhas”. Existem outras falas nativas definidoras dessa condição, mas, por hora, bastam essas classificações.

²⁰ Segundo o site da Confederação Brasileira de Handebol, as dimensões da quadra, de acordo com as Regras Oficiais do esporte, devem ser de 40m x 20m. <http://www.brasilhandebol.com.br/>

²¹ Isso fez com que essa quadra ficasse mais destinada ao futebol de salão, modalidade que, como será visto durante a pesquisa, é a mais praticada cotidianamente.

²² Esse documento é significativo na identificação e separação entre os *universitários*; diferentes momentos em que se atesta sua importância serão apresentados ao longo do texto, como a obrigatoriedade nas disputas esportivas durante os torneios, nas entradas das festas ou mesmo para a retirada de material esportivo.

²³ É interessante notar que a ocupação do ginásio nos dias de grandes disputas, como na Tusca, por exemplo, também respeita essa divisão, isto é, metade do ginásio fica para a torcida da UFSCar e a outra metade para os torcedores do Caaso. Mais à frente.

A quadra do Ginásio é de taco e rodeada por uma grade de aproximadamente um metro de altura, donde se segue uma rede de nylon que cerca todos os espaços, das laterais aos fundos da quadra. Essa proteção serve tanto para as bolas não irem na direção da torcida, como também é um apoio para os torcedores mais afoitos se pendurarem nos dias de grandes jogos.

Dois estreitos corredores laterais fazem a ligação entre um lado e outro²⁴; esses corredores também formam a ligação entre a quadra e os vestiários, que se localizam embaixo da arquibancada da entrada do lago. Nessa parte “subterrânea” ainda se encontram o Departamento de Esporte e as salas que armazenam o material esportivo da UFSCar.

Uma pequena porta no fim desse corredor abre caminho para fora do ginásio, imediatamente acima da primeira série de quadras externas.

Ainda na Área Sul, mais três locais bastante freqüentados pelos estudantes merecem ser destacados: uma lanchonete, os alojamentos ou moradias estudantis e o Centro de Convivência do DCE.

A lanchonete, mais conhecida como PQ, está bem acima da quadra 1, em frente dos prédios do AT-1 e do AT-2²⁵. É um ponto de encontro diário entre estudantes das mais variadas turmas e cursos, o que faz dele, por exemplo, um local ideal para a divulgação e venda de convites de *festas*, shows e outros eventos. Algumas expressões jocosas, como “aula no PQ”, sintetizam a importância que espaços como esses ocupam na vida dos estudantes, seja nos intervalos ou mesmo durante o período de aulas.

O alojamento está construído atrás dos prédios de aula teórica. Divididas em blocos de três andares, as moradias abrigam cerca de 350 estudantes beneficiados nos programas de assistência estudantil fornecidos pela UFSCar²⁶. Nas dependências do alojamento ainda se encontram espaços comunitários para lavar roupas e um Centro de Convivência do próprio alojamento.

Cada bloco é composto de dois quartos, banheiro e cozinha. Os quartos podem ser divididos entre duas a quatro pessoas, dependendo de como estiver a relação candidato/vaga. Essa relação é variável, pois depende do número de interessados que ingressam anualmente; além disso,

²⁴ Em dias de grandes disputas, esses corredores são fechados por seguranças que só permitem a passagem de jogadores e de organizadores, na tentativa de evitar possíveis confrontos entre as torcidas.

²⁵ Prédios de aula teórica 1 e 2; o nome dos prédios é Babilônia 1 e 2. Na UFSCar há uma separação entre as edificações que se prestam às aulas e as edificações que comportam a burocracia e ou a vivência de outros atores, tais como professores e funcionários.

²⁶ www.ufscar.br

alunos que se formam liberam vagas ou mesmo outros estudantes, que não os calouros, podem requerer uma vaga durante sua estada na graduação.

Existe uma *comissão de alunos* responsável por gerir, do ponto de vista estudantil, as dependências da moradia. Os representantes negociam vagas e melhorias com outros extratos da universidade, por exemplo com a reitoria. Essa é mais uma forma de participação estudantil, dentre as muitas que serão apresentadas mais adiante.

Note que a moradia nos alojamentos leva em consideração diferentes aspectos; a escolha dos moradores, as benfeitorias ou mesmo o aumento do número de vagas depende de negociações que envolvem os estudantes entre si e também outros atores da universidade. É moradia, mas injunções políticas, pessoais, afinidades de curso, a divisão sul-norte estão aí presentes e definem os arranjos entre os indivíduos nessas casas²⁷.

O Centro de Convivência do DCE está localizado na rua em frente à entrada principal do Ginásio. Esse prédio tem dois andares e um pátio muito utilizado para a realização de festas que é o “Palquinho”.

No segundo andar do prédio funcionam as secretarias do DCE e da APG²⁸, a Rádio Livre UFSCar e duas salas de reuniões. No primeiro piso as salas se dividem entre algumas entidades estudantis – a Atlética ocupa uma dessas salas – e comércios voltados para a comunidade acadêmica – especialmente pontos de xerox e lanchonetes. Estudantes dos mais variados cursos e turmas circulam ali diariamente, seja para adquirir material de estudo nos xerox ou comer na lanchonete, seja para participar do movimento estudantil ou apenas passar o tempo.

O “Palquinho”, ou “Palco Livre”, é um espaço reservado para a realização de festas semanais. O nome se deve ao pequeno palco existente no final do pátio onde se apresentam os mais variados tipos de gênero musical, de acordo com as preferências dos organizadores das festas: cursos, turmas, movimento ambiental. No dia-a-dia, reuniões de muitas entidades do movimento estudantil acontecem ali, pois, como se disse, é um local de intensa circulação de universitários.

²⁷ Uma aproximação inicial pode ser feita entre a moradia nos alojamentos e nas repúblicas; por mais que se diferenciem os meios pelos quais as pessoas se encontram para morarem juntas, as principais características dessa co-residência, como a *coletividade*, por exemplo, são encontradas em ambos locais. Todavia, os alojamentos não recebem um *nome*, por exemplo, característica marcante das repúblicas. Mais à frente.

²⁸ Essas são as entidades representativas dos estudantes da graduação, DCE, e da pós-graduação, APG. Algumas dessas entidades serão abordadas mais à frente.

Todas essas construções estão localizadas próximas ao “gramado” da UFSCar. O gramado é um lugar bastante conhecido dos estudantes por ser o espaço utilizado para a realização das grandes *festas* da UFSCar. As maiores festas realizadas no *campus*, como a abertura da Tusca ou o “baile do bixo”²⁹, se utilizam desse espaço para a montagem do palco e das tendas para a venda de bebidas e comidas. Embora ultimamente, como será observado nessa pesquisa, exista uma deliberação da reitoria da UFSCar proibindo a realização dessas festas no interior do *campus*, o gramado é um espaço bastante apreciado pelos estudantes.

A rua³⁰ que separa o Ginásio do Palquinho ainda leva às piscinas e ao campo de futebol, localizados mais a oeste e, no sentido norte, segue-se em direção ao Restaurante Universitário.

Para quem está a pé rumo ao RU, restam alguns íngremes lances de escada passando pelo “bosque”³¹ até chegar no pátio do refeitório, onde se encontra uma sala de xerox, banheiros masculino e feminino, uma pequena sala destinada à venda dos tíquetes para as refeições e a única saída do restaurante.

Embora a venda de tíquetes e a saída do restaurante sejam as mesmas para todos os alunos, as entradas para o refeitório são divididas em duas. Localizadas em extremos opostos, uma é destinada a receber os alunos da área sul, que chegam por essa escadaria vinda do lago, e a outra recebe os alunos da área norte, que descem a rampa de acesso à biblioteca.

Dentro do refeitório a divisão permanece. A cozinha toma conta do espaço central do prédio dividindo o salão até próximo à saída. Desse modo, enquanto de um lado estão as mesas onde almoçam os estudantes que adentram pela área sul, do outro, se encontram aquelas utilizadas pelos estudantes vindos da área norte, ou seja, uma separação referendada no interior de um espaço de relativa importância para os universitários.

Existe um grande número de mesas dispostas perpendicularmente às entradas. Bancos individuais são colocados lado a lado contabilizando, em média, 14 lugares por mesa. Nota-se com isso que as refeições são eventos eminentemente *coletivos*. Dificilmente se vai almoçar no RU sem que se esteja acompanhado por outras pessoas; pelo contrário, mesas repletas de alunos são o que há de mais comum.

²⁹ Festa realizada anualmente para a recepção dos calouros.

³⁰ O nome dessa rua é “Rua do Parque Esportivo”.

³¹ O “bosque” é uma área preservada relativamente extensa e que, assim como o Lago, serve como marco físico da divisão entre “área norte” e “área sul”. Entre outras coisas, é utilizado pelos estudantes para fumarem maconha num ambiente mais afastado.

Na verdade isso revela um caráter gregário sempre presente, quer nos jogos, nas repúblicas; é a “parentela” operando, isto é, “os engenheiros”, “as psicólogas”, “os malucos”, alunos de tal ou qual curso, enfim, são diferenciações com as quais se convive diariamente durante a comensabilidade. Nesse sentido, a separação entre “norte” e “sul” mantém a dinâmica de segmentação que ainda se estende através de outras identificações, como os cursos, as repúblicas, as entidades estudantis.

Por motivos óbvios, os horários de maior aglomeração nas imediações do RU são os horários de almoço e janta, que ocorrem entre 11:15 e 13:30 e entre 17:15 e 19:00 horas. Mais no almoço do que na janta, esse pátio é ocupado pelos estudantes que pagam R\$ 1,80 por refeição, por aqueles que recebem bolsa alimentação e por outras categorias da Universidade, funcionários especialmente, que também almoçam e jantam ali³².

Após pegar as filas de entrada, os alunos passam pela catraca de identificação e entrega dos tíquetes, recolhem cada um sua bandeja e recebem de um funcionário o prato principal do dia. Em seguida, se dirigem aos gabinetes onde estão dispostas as bases da refeição.

O cardápio é variado e pode ser lido antecipadamente na Internet³³. Arroz, feijão e algum tipo de salada são comidas diárias. Acompanhamentos como farofas, cremes e caldos são alternados como parte da refeição. Chá gelado ou algum suco concentrado de frutas é a bebida servida³⁴; como sobremesa, geralmente alguma fruta é posta por sobre uma mesa para ser retirada pelos alunos.

Nos horários das refeições é comum a presença de vendedores ambulantes que comercializam uma variedade de produtos, de doces e sobremesas até produtos artesanais e roupas – essas geralmente com estampas que fazem referências aos *courses* existentes na UFSCar.

Além de servir uma refeição barata e dentro da UFSCar, o RU é um local onde os mais diversos assuntos preferenciais são colocados em dia. “O que caiu em tal prova”, “quem estava

³² Segundo Maria Sylvia, Nutricionista do RU da UFSCar: “O número de usuários do R.U. da UFSCar é extremamente variável dependendo de fatores como dia da semana, época do ano, cardápio servido, entre outros. Na verdade trabalhamos com estimativas de movimento que nem sempre se concretizam. (...) posso dizer que o movimento total varia entre 1300 a 1900 no almoço e entre 400 e 900 no jantar. Tomando-se o total de refeições servidas no ano de 2005 (286.605), tivemos aproximadamente 47% de alunos pagantes e 45% de alunos bolsistas. Funcionários pagantes corresponderam a 1,6% e funcionários do R.U. (gratuitos) a 3,54%. Docentes foram 0,16% dos usuários nesse período.”

³³ www.ufscar.br

³⁴ O RU não disponibiliza copos descartáveis para a bebida. Todos alunos da UFSCar ganham uma caneca vermelha com o logotipo da universidade e utilizam dela para beber. Isso é fruto de uma campanha de um movimento ambientalista presente na UFSCar.

na festa de ontem”, “quem vai à de amanhã”, “qual será a rodada do Inter-Cursos” são temas a serem partilhados durante a comensabilidade diária.

É também um dos locais mais utilizados – assim como o PQ – na divulgação de festas, jogos ou mesmo participação política. Isso se verifica, inclusive, nas paredes do restaurante e fora dele, todas repletas de cartazes e propagandas enfocando essas temáticas. Por conseguinte, o RU se apresenta como um espaço de sociabilidade intensamente utilizado pelos universitários para comer e partilhar experiências cotidianas dentro da própria universidade.

Continuando no sentido norte, chega-se à rampa que leva à Biblioteca Comunitária da UFSCar.

A Biblioteca está localizada num amplo espaço que ainda conta com dois anfiteatros, uma livraria, uma lanchonete e um guarda-volumes. Seu prédio tem cinco andares por onde são distribuídos todo o acervo de livros, jornais, revistas, teses e outros materiais acadêmicos³⁵. Exposições fotográficas, artísticas ou mesmo apresentações musicais podem ser realizadas em seu interior.

A Biblioteca é utilizada para o estudo cotidiano; sozinhos ou em pequenos grupos, alunos de todos os cursos fazem daquele espaço um local de visitação diária, seja para a retirada de livros ou mesmo para tirar uma soneca após o almoço no RU.

A maneira de se estudar é outra questão indicativa da área de conhecimento de cada aluno: geralmente, estudantes de exatas estudam em pequenos grupos, conversando e discutindo as fórmulas e teoremas; já entre os alunos de humanas é mais comum a leitura individual das obras. Essa diferenciação está no bojo da divisão estabelecida entre área norte e área sul, ou seja, o modo de se estudar aponta muitas vezes, se não para os cursos, ao menos para a área do conhecimento dos alunos.

Isso também ilustra que os estudantes passam a maior parte de seu tempo nas dependências da universidade. Como, geralmente, se tem aula de manhã e à tarde, almoçam no RU e não vão para casa, mas ocupam outros locais da Universidade, como a biblioteca, as quadras, as lanchonetes, o gramado, espaços que são mais freqüentados durante esses intervalos entre uma aula e outra. Principalmente nos primeiros anos – onde a carga horária das aulas teóricas ocupa

³⁵ A Biblioteca da UFSCar conta com alguns acervos especiais, como a biblioteca particular e alguns objetos pessoais de Florestan Fernandes. Essa área é aberta para a visitação, mas o material ali existente não pode ser retirado.

uma parte considerável da semana do aluno – os estudantes permanecem nas dependências mais da universidade.

A ocupação de espaços para fora dos departamentos e das salas de aula amplia a rede de relações entre os estudantes; esse foi o interesse em se apresentar diferentes locais onde a sociabilidade universitária é estabelecida cotidianamente. Alunos das mais diferentes áreas do conhecimento utilizam os mesmos espaços nos mesmos horários para almoçar, estudar ou praticar algum esporte, tudo realizado de modo muito dinâmico, haja vista os horários das aulas, e acompanhados de um número relativamente grande de pessoas.

Inúmeras entidades representativas, sabendo da importância de ter os estudantes por perto, realizam suas próprias reuniões em alguns desses locais e nesses mesmos horários na tentativa de mobilizar um maior número de participantes. As reuniões ocorrem no Palquinho, no pátio do RU³⁶, na frente do Ginásio, no PQ e sempre contam com relativo número de alunos.

Isso indica o peso de tais entidades e a inserção de suas temáticas entre os estudantes; diariamente os espaços da universidade são ocupados em nome de algum “movimento estudantil”. Esse foi, inclusive, um dos motivos para a entrada do *movimento estudantil* como aspecto importante na descrição do que se pretendeu chamar de “vida universitária”.

Ao retomar minha participação nas reuniões semanais da Associação Atlética Acadêmica, e também em reuniões de outros grupos, cabe apresentar algumas entidades a partir de uma classificação nativa que distingue as “entidades tradicionais” e “as não tradicionais”.

2. O Movimento Estudantil na UFSCar

O primeiro ponto a ser enfatizado com relação ao movimento estudantil na UFSCar é que são sempre os próprios *estudantes universitários* os agentes responsáveis por ocupar os fóruns que lhes são destinados.

Numa entrevista com um antigo dirigente, à época membro da APG, foi relatado uma distinção entre dois tipos de entidades: as *entidades tradicionais* e as *entidades não tradicionais* do movimento estudantil.

³⁶ Inclusive, tem uma roda de capoeira semanalmente no RU.

Embora tenha atribuído “legitimidade” a todas as vertentes assumidas pelo movimento, destacou as organizações tradicionais como as responsáveis por trazer o debate propriamente *político* para a universidade.

Esse debate engloba muitas temáticas, desde o posicionamento da entidade sobre a Guerra no Iraque e o apoio à campanha presidencial brasileira, até mesmo as disputas com a Reitoria sobre a utilização do *campus* ou o preço da passagem de ônibus da cidade.

Algumas “bandeiras históricas do movimento”, como a destinação de 10% do PIB para a Educação e a defesa da “Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade Para Todos” ajudam a sintetizar os interesses e objetivos dessas entidades.

Todavia, esse discurso, assim como o posicionamento frente outros assuntos, depende muito do grupo político responsável por gerir as respectivas entidades. Muito embora a “partidarização do movimento” não seja bem vista pelos estudantes, algumas delas, em especial o DCE, sempre contam com membros filiados aos partidos políticos.

Isso faz com que se reproduzam ou reverberem alguns dos debates e conflitos instaurados em outros contextos, como, por exemplo, aqueles que dinamizam o próprio sistema partidário brasileiro. Os principais grupos políticos que podem ser encontrados nas diretorias são o PT, o PSTU e, mais recentemente, o PSOL.

Está claro que não se trata exclusivamente da presença desses partidos, mas é notória a preponderância dos chamados “partidos de esquerda” dentro da política universitária. Os motivos para essa preponderância, tal como me foi apontado nessa mesma entrevista, é a crença num “tempo mítico”, onde os estudantes eram tidos por “revolucionários”. As referências são as décadas de sessenta e setenta principalmente³⁷.

Dentre as entidades tradicionais devem ser destacadas:

- *Centros Acadêmicos (CAs):*

Os Centros Acadêmicos são entidades representativas formadas exclusivamente por alunos de mesmo curso, o que faz com que cada curso tenha seu próprio CA. É muito variado o espaço – tanto físico como simbólico – que cada CA ocupa na Universidade, fato esse que está

³⁷ Um livro que aborda o período em questão é “A Rebelião Estudantil” de João Roberto Martins Filho. A obra apresenta os conflitos de 1968 envolvendo estudantes e governos de países como Brasil, México e França e retrata, a partir do contexto dominante, a oposição entre “direita” e “esquerda”. Os estudantes são considerados os principais representantes da esquerda durante os combates que se travaram. Talvez por isso, a imagem que perdure por tantos anos ainda permaneça atrelada a esses posicionamentos ideológicos.

diretamente ligado à atuação política de seus representantes frente instâncias superiores, tal como a Coordenação de Curso, ou mesmo à Reitoria.

Isso depende muito da organização e da disposição das diretorias em colocar suas pautas a serem debatidas; essas pautas são discutidas em reuniões semanais realizadas no local que cada CA está instalado. As reuniões são abertas a todos, mesmo para pessoas de fora do curso, mas essas ficam impossibilitadas de votar, caso isso seja necessário.

Geralmente são realizadas eleições diretas a cada ano para a escolha da nova diretoria, conferindo um dinamismo bastante intenso na troca dos representantes responsáveis por gerir essas entidades. Um CA pode ser composto por um número variado de diretores, desde CAs com quatro diretores divididos em três pastas, até mesmo onze diretores divididos em cinco pastas.

A diretoria é dividida em coordenações que ficam a cargo de cada CA estabelecer, mas muitos dos CAs da UFSCar têm pastas para a Coordenação Esportiva e também para a Coordenação Cultural, responsáveis principalmente pela realização de festas e disputas esportivas, como o Inter-Anos; isso atesta um entrelaçamento, ainda que no nível burocrático, das esferas de participação tradicionais, predominantemente consideradas políticas, citadas acima e as não convencionais, tais como aquelas próprias do domínio da sociabilidade, como os jogos e as festas.

- *Diretórios Acadêmicos (DAs):*

Os DAs têm uma estrutura organizacional bastante semelhante a dos Centros Acadêmicos; a principal diferença entre essas entidades reside no fato de que enquanto um CA representa apenas um Curso, um DA representa mais de um curso, ou mesmo um Departamento.

Os motivos para isso são variados, mas a maioria dos DAs são estabelecidos após os cursos já terem seu próprio CA. Digo maioria, pois, por exemplo, o DA do Departamento de Física da UFSCar engloba o curso de Engenharia Física, curso esse que não possui CA.

A dinâmica das reuniões e das eleições para um DA são as mesmas, com a diferença que todos os alunos matriculados em cursos desse departamento podem votar e fazer parte da chapa concorrente para a eleição.

- *Diretório Central dos Estudantes (DCE):*

O DCE é a instância executiva máxima do movimento estudantil na UFSCar. É a entidade responsável por representar todos os cursos da Universidade, inclusive aqueles localizados nos *campi* de Araras e Sorocaba. Sua diretoria é eleita por voto direto e todo aluno regularmente

matriculado na graduação da UFSCar pode votar. As chapas concorrentes podem ser compostas de alunos de todos os cursos e a disputa eleitoral também é anual.

Algumas das salas alugadas para estabelecimentos comerciais no prédio em que o DCE está instalado são geridas pela entidade. Esses aluguéis, originariamente pertencentes à Reitoria da UFSCar, são repassados ao DCE como fonte de renda para a realização de atividades que interessam ao Movimento Estudantil, como o custeio de viagens para manifestações, realização de festas e eventos e uma série de outras atividades cotidianas que são debatidas semanalmente nas reuniões ordinárias.

O DCE também pode ser composto por um número variado de diretores, entretanto, isso é decidido em uma outra instância deliberativa, o Congresso, mas tanto já houve gestão com catorze diretores em sete coordenadorias, como também gestão com 25 diretores separados em dez pastas.

Na tentativa de sintetizar os interesses e objetivos de uma diretoria do DCE, um trecho da Carta Programa da Chapa *DCE Pra Ágora*, que foi gestão entre 2003 e 2004 é ilustrativo:

“DCE pra quê? Cada setor da sociedade possui suas características e interesses próprios; e busca seus meios para fazer suas idéias e propósitos. Para nosso setor, *o estudantil*, temos o DCE-Livre UFSCar. É o DCE que representa *o corpo discente* junto à Reitoria e aos governos levando suas reivindicações e propostas. E é também por meio dele que *os estudantes* devem dar sua contribuição para conquistarmos uma sociedade mais justa. Além disso, é função do DCE promover a integração dos alunos na universidade colocando em contato idéias, trabalhos, pessoas e experiências de todo *o universo estudantil*. O DCE deve criar os projetos e eventos que possam congregam toda a heterogeneidade que comporta a UFSCar. Para tanto é que apresentamos nossa chapa e nossas propostas disputando as eleições do DCE pra fazer isso sair do papel.”³⁸

Repare que o interesse reside em apresentar o DCE como uma entidade *dos* estudantes e *para* os estudantes. Essa, inclusive, é uma retórica bastante utilizada, tal como no caso, em momentos de disputas eleitorais; a ênfase vem no sentido de afastar a “partidarização do movimento”, pois ela não é bem vinda, ainda mais em época de eleição.

É interessante que por mais que as referências do movimento tradicional estejam atreladas à esquerda, elas não são bem vistas quando associadas a partidos políticos. Embora muito da pauta desses partidos seja levada para essas entidades, os estudantes preferem manter uma distância entre o debate partidário e as questões que enfocam e dizem respeito aos *universitários*.

³⁸ Grifos Meu. A Carta Programa completa dessa chapa também pode ser encontrada no site www.dce.ufscar.br/news03.php

- *Conselho de Centros Acadêmicos (CCA):*

O CCA é uma reunião entre os representantes dos CAs interessados em participar; não tem data previamente marcada, por isso pode ser convocado por qualquer CA, bastando marcá-lo em alguma reunião ordinária do DCE.

O CCA é a instância deliberativa à qual o DCE está diretamente subordinado; o DCE deve, pelo menos em tese, colocar em prática as deliberações tiradas nessas reuniões. O CCA, todavia, não é composto por representantes fixos, ou seja, não são sempre os mesmos os membros participantes; a escolha dos representantes a irem em cada reunião fica a cargo dos próprios CAs. Essas reuniões são abertas a todos, mas somente um membro de cada CA tem direito a voto.

- *Assembléia Extraordinária:*

As assembléias estudantis são consideradas o mais amplo espaço democrático encontrado pelos estudantes para fazer o debate político. Nas assembléias, qualquer estudante regularmente matriculado tem direito a voz e a voto sobre qualquer assunto debatido; elas podem ser chamadas pelo DCE, quando este quer ampliar o debate frente algum assunto, ou também pode ser convocada pelo CCA, caso os CAs julguem relevante. As pautas dessas assembléias ficam a cargo das entidades que a chamaram.

- *Congresso de Estudantes da UFSCar:*

O congresso é a instância deliberativa máxima do movimento estudantil a fazer o debate político na UFSCar. Realizado anualmente, o Congresso é o responsável por ditar as diretrizes e os posicionamentos das instâncias executivas durante a próxima gestão.

Quem organiza o Congresso é o DCE, mas também contando com o apoio do CCA. A duração geralmente é de três dias, separados de modo a deixar os dois primeiros dias para os debates e as mesas redondas e o último dia para a plenária final.

Os debates e as mesas comportam as mais variadas temáticas, como Conjuntura Nacional e Internacional, Assistência Estudantil, Programação Cultural, Universidade – debatendo temas como as cotas ou a Reforma Universitária, por exemplo – entre outros. Todos os temas e propostas levantadas nessas mesas são levados à plenária final onde tudo é decidido através do voto direto dos delegados dos *cursos*.

Os delegados são tirados antecipadamente pela conta de um delegado a cada cinco votos de alunos do mesmo curso. Em caso de empate durante as votações na plenária final, a mesa – composta por membros da diretoria do DCE – tem o voto de Minerva.

A estrutura hierárquica dessas entidades opera de modo que todos os CAs têm autonomia para decidir sobre questões que dizem respeito aos interesses internos de seus cursos; o mesmo ocorre com os DAs. O DCE, entretanto, responde pelas questões que dizem respeito aos estudantes de uma forma geral, respeitando as deliberações das instâncias superiores, no caso, CCA, Assembléias e Congresso.

Vale lembrar, porém, que cotidianamente os diretores do DCE têm autonomia para decidir sobre as questões que envolvam os interesses dos alunos, além de manter uma sede social para a organização de festas semanais. Tudo de acordo com a Carta Programa de cada gestão.

Cabe ressaltar também a importância atribuída aos *cursos* no desenvolvimento dos debates políticos; em qualquer um desses momentos de disputa, a referência ao *curso* é sempre retomada. Isso se mostra, inclusive, numa frase dita por um antigo diretor do DCE: “A referência aos cursos é fundamental em política estudantil, pois depende tanto da legitimidade alcançada nesses espaços, como também da *especialização*”³⁹.

Essa referência ao curso também é a tônica da diretoria de algumas entidades “não tradicionais”. Em uma entrevista com um estudante que foi duas vezes presidente da Atlética do Caaso, essa referência ao *curso* foi citada enquanto ele me explicava o funcionamento da entidade.

Partindo de que a diretoria era composta de engenheiros, eles decidiram delegar funções aos mais “aptos”, por assim dizer. Nesse esquema, contabilidade, preparação, logística e uma série de outras atividades eram repassadas àqueles que tivessem maior familiaridade com o tema, de acordo com o curso que fizessem. A ênfase era associar a Atlética a uma empresa: “*pois nós somos engenheiros e sabemos fazer desse modo*”.

Dentre as entidades não tradicionais do movimento estudantil da UFSCar devem ser destacadas:

- *Associação Atlética Acadêmica (AAA):*

A Atlética da UFSCar é uma entidade de livre participação estudantil aberta a todos os alunos. Destina-se a promover atividades que envolvam, principalmente, temas ligados às *festas* e aos *esportes*.

³⁹ Frase da mesma entrevista supracitada.

A sala da Atlética fica no Centro de Convivência do DCE; na mobília dessa sala, destacam-se troféus e medalhas ganhas nos mais variados torneios. Geralmente também se encontram muitas caixas de cerveja em lata, utilizadas para serem vendidas nas festas.

Organizar eventos como o Inter-Cursos ou a Tusca são atribuições da Atlética no calendário anual. Outras atividades destinadas à Atlética, como inscrever os times da Universidade em competições estudantis, ou mesmo a realização de festas para angariar fundos, são os principais temas a serem debatidos nas reuniões semanais que ocorrem no Palquinho.

A gestão da Atlética é anual, mas, ao contrário de outras entidades estudantis, não ocorre eleição para a distribuição dos cargos. O Presidente, o Vice-Presidente, os dois Tesoureiros, os dois Diretores de Esportes, o Diretor de Modalidades Individuais, os três Diretores de Eventos e a 1ª e a 2ª Secretarias são distribuídos consensualmente entre os membros interessados em se efetivarem nos cargos.

Repare que no âmbito interno das tomadas de decisões há um esvaziamento do contexto político nessa entidade; disputas entre chapas concorrentes ou mesmo por cargos não ocorrem, pois as decisões são tomadas de outra maneira. Uma certa “tendência” é que os novatos da entidade não ocupem cargos em seu primeiro ano; para se chegar a Presidente, por exemplo, é comum que se passe por outros cargos até que se adquira experiência suficiente para tal.

Entretanto, esse esvaziamento no campo político se restringe ao âmbito interno. Em outros momentos e em relações com outras entidades, como a reitoria ou atléticas de outras universidades, o conflito de interesses promove debates acirrados, o que atesta a permeabilidade desses assuntos entre as entidades tradicionais e não tradicionais⁴⁰.

- *Bateria da UFSCar:*

A bateria da UFSCar é um grupo que visa principalmente sua apresentação nos mais variados torneios em que a UFSCar esteja participando. Seja na Tusca, ou em eventos entre cursos, como o Engenharíadas, por exemplo, a bateria acompanha time e torcida da Universidade.

A descrição encontrada na página da comunidade na Internet pode ser significativa:

“A Bateria que hoje conta com mais de 70 instrumentos, surgiu no ano de 2001 quando algumas pessoas construíram e idealizaram-na praticamente do “zero”. Com forças próprias dos estudantes e independente de qualquer “ensaiador” pago, ela cresceu e hoje está aí! Que continue nessa constante crescente...”

⁴⁰Em especial a reunião entre as atléticas da UFSCar e do Caaso na organização da Tusca 2005 relatada no capítulo 3.

Quem já tocou, ainda toca, desencanou, ta aprendendo, gosta ... Faça parte da nossa comunidade! E fica o convite...

E N S A I O S : TERÇA e QUARTA 18h, em frente ao Ginásio da Federal P.S. Não precisa ficar com vergonha, medo ou dizer que esta sem grana. Aqui não tem ninguém contratado. É de graça!”⁴¹

Existem ainda outras formas institucionais de participação do corpo discente junto à administração da universidade. Os “órgãos colegiados”, por exemplo, são compostos por representantes das três categorias presentes, professores, alunos e funcionários e é a máxima instância de decisões da UFSCar.

Não caberia, todavia, esmiuçar as áreas de atuação de cada uma dessas entidades representativas. Antes disso, a organização minimamente aqui esboçada já ilustra o mais importante que é apontar para a *segmentaridade* e o *dinamismo* presente nas relações entre as entidades do movimento estudantil no cotidiano acadêmico.

Cabe agora apresentar algumas atividades organizadas por essas entidades especialmente na semana de recepção aos calouros. A “Semana da Calourada” é um evento anual composto de atividades realizadas através de uma parceria entre a Pró-Reitoria de Graduação e algumas entidades estudantis, em especial, o DCE e a Atlética.

3. A Semana da Calourada da UFSCar

Anualmente matriculam-se mais de 1100 alunos no *campus* de São Carlos⁴². Distribuídos em 35 cursos de graduação, os calouros ficam completamente perdidos ao tomarem contato com a vida no “mundo novo”.

Declarações desse tipo são muito comuns em conversas com calouros: “mundo novo”, “outro mundo”, “outra realidade” são expressões dos sentimentos dos calouros frente à novidade de ingressar na Universidade. Essa idéia de “outro mundo” ajuda a ilustrar o que é a “vida universitária” e essa primeira semana é um momento de apresentação para que os calouros se integrem nesse mundo que estão apenas conhecendo.

Para ajudar na *integração* entre *bixos* e veteranos, algumas entidades estudantis realizam diversas atividades de recepção. Cada uma a sua maneira e, vale ressaltar, dentro de suas

⁴¹ www.orkut.com

⁴² A matrícula, todavia, é feita algumas semanas antes; já nesse dia o trote é aplicado aos recém chegados. A partir da matrícula é que os calouros ganham *seu* número naquela instituição através do RA.

próprias atribuições, desenvolvem atividades colocando os novatos em contato com as principais características daquilo que venho caracterizando aqui por “vida universitária”.

Essa apresentação é apreciada pelos calouros pelo fato de estarem em contato direto com seus colegas de turma e curso. Além disso, tomam conhecimento de informações importantes para a vida acadêmica, tal como os locais dos prédios de sala de aula, ajuda para a Assistência Estudantil, conhecimento sobre participação no Movimento Estudantil e, principalmente, das *rivalidades* que os acompanharão até o fim de sua formação.

O ano letivo da UFSCar geralmente tem início no começo de Março e a “Semana da Calourada” é realizada na primeira semana do calendário estudantil fornecido pela Reitoria. O calendário de atividades se resume no seguinte:

- *Segunda-feira:*

Todos os calouros são orientados a comparecer ao Ginásio da UFSCar. Como é o primeiro dia, eles não conhecem seus veteranos, tampouco seus companheiros de turma. Para ajudar na organização e separação dos *bixos*, a maioria dos CAs pinta faixas e cartazes com os nomes ou figuras que associem aos *cursos*. Essa comunicação visual é sempre presente e criativa por parte dos veteranos – no caso das Ciências Sociais, por exemplo, é um quadro de Marx o responsável por puxar a fila.

Dentro do ginásio é bastante nítido quem é *bixo* e quem é veterano, pois o principal “trote” é pintar os novatos com guache. Existem ainda outros modos, menos usuais ou reservadas para outros momentos, de pilhar com os calouros: mandá-los andar com sapato em apenas um pé, raspar uma das pernas dos homens, amarrar barbantes nos braços unindo todos eles, são maneiras de estabelecer uma diferença entre *bixos* e *veteranos*, diferença hierárquica extremamente importante em ser demarcada através do trote.

Por esse momento de chegada que é a Calourada, a maioria dos *bixos*, voluntariamente, passou e terá a oportunidade de ver outros passarem nos anos seguintes; e é do *curso* que se recebe o trote.

Ali ainda assistirão a falas de membros da Reitoria, dos Cursos e também do movimento estudantil – DCE e Atlética. Cada uma dessas falas visa à apresentação da entidade e de seus representantes aos calouros.

Após essa recepção, é comum que os cursos se espalhem pelo centro da cidade e organizem o *pedágio*. No pedágio, *bixos* e veteranos aproveitam os sinais vermelhos no trânsito das esquinas

para pedir dinheiro aos motoristas. Cada curso faz seu próprio pedágio e o dinheiro arrecadado é para a compra de cerveja para as “*Cervejadas dos Cursos*”.

As cervejadas são festas que geralmente ocorrem nas repúblicas dos cursos e são bastante aguardadas pelos veteranos por serem o momento de “realmente” conhecer quem são os novos *bixos* e *bixetes* de seus cursos. Essas festas são realizadas na noite de segunda-feira, mas ocasionalmente algum curso faz na noite de terça, especialmente os cursos noturnos.

Repare que enquanto *bixo* remete ao universo da natureza, *bixete*, ou seja, alunas recém ingressas, não. Por mais que o fato de todos serem novatos os unifique quando comparado aos veteranos, por exemplo, isto é, se instaura uma relação hierárquica, uma distinção de gênero também é estabelecida.

Isso pode ser reflexo da intensidade das relações sexuais presentes no universo acadêmico. Enquanto os *bixos* “pertencem” às veteranas, as *bixetes* “são” dos veteranos; algumas “regras”, inclusive, demonstram a *integração* esperada: aos calouros ficaria “proibida” uma relação “endogâmica”, digamos assim, pois eles e elas deveriam estabelecer essas relações com seus veteranos e veteranas.

Num tema tão caro para os estudantes de graduação, como as relações sexuais, o tratamento aos novatos que ingressam anualmente não poderia ser uniformizado, mesmo que continue respeitando a ordem hierárquica.

- *Terça-feira:*

É o dia dedicado aos *cursos* serem apresentados aos calouros; é costume que algum professor faça uma palestra ou algo assim e que, após isso, os veteranos mostrem aos *bixos* os espaços que costumam frequentar, como os departamentos, bibliotecas, quadras, RU etc. Essas atividades geralmente são desenvolvidas por representantes do CA ou de alguma outra entidade estudantil.

É o dia mais procurado também para a realização de uma conhecida disputa esportiva: o jogo de futebol de salão entre os *bixos* e os veteranos.

Esse jogo tem uma característica interessante em ser apresentada. Devido suas regras, é muito difícil que o time dos *bixos* saia vencedor: cada gol dos veteranos vale dois e o deles vale meio; as faltas são apenas a favor dos veteranos; os laterais também, todos dos veteranos, não importa quem chutou a bola para fora. Cabe lembrar ainda, que o árbitro da partida é o veterano mais velho que estiver presente na quadra.

Novamente a presença da hierarquia nas relações entre calouros e veteranos deve ser enfatizada; nessa primeira semana que causa tanto estranhamento aos novatos é fundamental que se ensine o peso simbólico das relações hierárquicas entre os universitários.

A dinâmica de entrada e saída dos alunos da universidade reforça esse peso ao possibilitar que essas relações sejam retomadas anualmente; os *bixos* que enfrentam situações inusitadas como esse jogo de futebol de salão terão, em breve, a oportunidade de “descontar” em uma nova turma. A questão reside no tempo de entrada na universidade e todos alunos de graduação poderão, caso queiram, sofrer e aplicar esses mesmos trotes⁴³.

Já à noite, sempre ocorrem festas em repúblicas e também uma que o DCE organiza em sua sede social.

- *Quarta-feira:*

É o dia da Gincana da Atlética – como esse tema será abordado mais à frente não farei referências aqui.

Essa atividade sempre é marcada para o período da tarde em função das festas de terça à noite. Já na noite de quarta, a festa é da Atlética e, como a Reitoria não permite mais a realização de festas no interior do *campus* da UFSCar, ela ocorre em alguma boate da cidade.

- *Quinta-feira:*

É uma certa “tradição” entre os alunos da UFSCar realizar o “Trote Solidário”. Os *bixos* são muito incentivados por seus veteranos a participarem dessa atividade. Após serem separados em equipes percorrem toda a cidade pedindo alimentos não perecíveis de casa em casa.

Separar os participantes em equipes é estabelecer uma forma *competitiva* de mobilizá-los a recolherem alimentos em grande número, uma vez que estão disputando entre si quem arrecada mais⁴⁴.

Os participantes são auxiliados por carros da Universidade na recolha e transporte dos alimentos e, no período da tarde, são levados ao Ginásio para que sejam feitas a separação dos produtos recebidos e a montagem dos pacotes que cada instituição irá receber.

A *rivalidade* instaurada na disputa pela recolha de alimentos é uma maneira de atentar para o peso que essa categoria tem nas relações entre os universitários. Em diferentes momentos, tal

⁴³ Algumas vezes pode ocorrer de algum calouro ser considerado “bixo eterno” pelos seus companheiros de curso; isso acontece quando o novato desrespeita alguma regra bastante considerada pelos veteranos. Com isso, ficaria impedido de aplicar trotes nos seus futuros *bixos*.

⁴⁴ Essa característica *competitiva* poderá ser observada mais à frente.

como será visto no decorrer da pesquisa, as relações entre os grupos formados, quaisquer sejam eles, estão baseadas nesse princípio. A *rivalidade* é definidora nesse ambiente competitivo vivenciado na universidade.

À noite ocorrem festas em repúblicas para haver uma maior *integração* entre calouros e veteranos de mesmos cursos. Usualmente, alguma boate da cidade também aproveita a data.

- *Sexta-feira:*

É o dia destinado a fazer as doações dos mantimentos recebidos. Muitos dos alunos que participaram na recolha dos alimentos também participam da entrega – feita em diversas instituições de caridade da cidade.

À noite, o “Baile do Bixo” é uma festa bastante aguardada, mas que também não pode mais ser realizada na UFSCar por conta da portaria baixada pela Reitoria. Há dois anos essa festa vem acontecendo em alguma chácara nas imediações de São Carlos.

Em todas essas atividades é muito fácil reconhecer um *bixo*. Praticamente todos os homens têm a cabeça raspada, quer ele já tenha chegado assim, o que é bastante comum, quer seja trote aplicado por seus veteranos de curso. No caso das mulheres, não existe algo tão nítido para essa identificação, mas é bastante perceptível a distinção entre *bixetes* e veteranas apenas no modo de agirem. Certa timidez nos gestos, no modo de andar ou nas perguntas feitas aos veteranos indicam facilmente que se trata de novatas.

Para além dessas distinções visuais, a hierarquia é sempre enaltecida nas relações. Os veteranos chamam todos os calouros de “bixo”, não importa o curso que fazem; a cabeça raspada dos *bixos* é utilizada para os veteranos “coçarem a mão”; eles vão buscar, e eventualmente pagam, as cervejas; pagam um almoço para um veterano e diversos outros trotes aplicados diariamente com a intenção de exaltar essa diferença hierárquica.

Para ter sua mão coçada, por exemplo, o veterano a estende e o *bixo* deve movimentar o pescoço para frente e para trás friccionando-a contra sua cabeça. Obviamente, esse é um procedimento jocoso que se destina a ressaltar a *hierarquia* entre eles.

Em todas essas atividades se movimenta conjuntamente um elevado número de pessoas, uma vez que uma das principais características dos *bixos* é andarem em grupos. Essa movimentação é uma maneira dos novatos tomarem conhecimento das relações na universidade; são guiados por

veteranos que ensinam desde as temáticas mais recorrentes do curso até o incentivo nos eventuais encontros com cursos rivais em locais como as quadras, o RU ou as lanchonetes.

Quando isso ocorre, disputas através de xingamentos, hinos e gritos de guerra (Toledo 1996) podem ser ouvidas estabelecendo rivalidades e oposições entre diferentes cursos. Com isso, os *bixos* vão aprendendo os discursos existentes na Universidade: qual é a turma mais “chata” daquele curso; quais são as maiores rivalidades na Universidade e, acima de tudo, qual o maior inimigo, ou seja, o Caaso.

Esse aprendizado inicial é envolto num clima de disputas e rivalidades, porém muito descontraído e criativo; toda essa semana é bastante agitada e preenchida com muitas festas, disputas esportivas e brincadeiras. As atividades ali desenvolvidas são freqüentadas tanto por *bixos* como por veteranos, facilitando a entrada dos calouros na “vida universitária”. É um momento interessante para se notar como os discursos das *turmas*, *cursos* e *Universidade* são repassados para seus futuros representantes.

Por conta disso, cabe apresentar a Gincana da Atlética como um espaço privilegiado na elaboração e reprodução das relações existentes na “vida universitária”. É também uma atividade que ilustra sobremaneira uma característica muito presente no universo estudantil, uma certa “*tendência à segmentação*”.

4. A Gincana da Atlética e a “*tendência à segmentação*”

- *Breve histórico:*

A Gincana sempre foi realizada no ginásio da UFSCar; começou no ano de 1999 quando alguns veteranos do curso de Educação Física passaram a receber os *bixos* de uma maneira “diferenciada”, ao realizar diversas *competições* entre aqueles que chegavam. Alguns dos alunos que iniciaram esse trabalho ainda esse ano (2007) estiveram presentes na organização do evento – que no decorrer do tempo passou a ser realizado pela Atlética.

Um desses responsáveis, inclusive, já foi presidente da Atlética e, mesmo tendo se formado há algum tempo, continua a fazer a animação da Gincana e de eventos como a Tusca, ou mesmo a Tusquinha.

Embora a Atlética seja a principal responsável pela organização dessa atividade, a recepção dos *bixos*, do modo como ela é feita, atrai outras entidades da Universidade. Muitos

representantes de CAs, DAs, Comissão do Alojamento, Movimento Ambiental, ajudam a Atlética durante as disputas.

Essa “turma do apoio”⁴⁵ é formada por alunos que, além de se divertirem e conhecerem *bixos* e *bixetes* de todos os cursos, aproveitam para apresentarem algumas atividades por eles realizadas seja na política, na assistência estudantil ou em outras entidades.

A Gincana tornou-se uma referência para os estudantes no que concerne ao diálogo junto às instâncias superiores. Mesmo com a impossibilidade de fazer grandes festas dentro do *campus* da UFSCar e ter passado por um ano (2005) de muitas dificuldades nas negociações com a reitoria⁴⁶, a Gincana continua a fazer parte do calendário oficial das festividades da recepção dos calouros.

Isso é um dado relevante, pois, de todas as atividades dessa semana, é a que aglutina o maior número de participantes. Não apenas calouros, mas também veteranos são contagiados pelo intenso clima de festividade vivenciada durante as competições e disputas.

Muitos alunos da turma de 2005 disseram não conhecerem “realmente” a Gincana, pois quando eles foram *bixos* não havia tantas pessoas participando. Isso ocorreu pelo fato de que, naquele ano, a UFSCar soltou as listas com os aprovados no vestibular em uma data que coincidia com os maiores vestibulares, como USP e Unicamp. Por conta disso, as turmas de grande parte dos cursos foram sendo preenchidas no decorrer do semestre.

Para se ter uma idéia, enquanto esse ano o curso de Ciências Sociais contou com cerca de trinta *bixos* em uma turma de cinquenta, em 2005 não apareceram nem dez. Esse dado ainda pode ser ilustrativo para mostrar como os calouros poderiam estar em outras universidades, em outros locais.

Por vezes, quando o candidato é aprovado no vestibular, ele passa em mais de uma instituição. Ao que parece, isso se deve à preparação que grande parte dos estudantes fazem nos *cursinhos pré-vestibulares*. Para fazer sua matrícula, entretanto, o candidato necessita *escolher* apenas *um* curso de *uma* Universidade, ou seja, a passagem do “estado” de *larva* para o de *bixo*

⁴⁵ A turma do “apoio” surgiu em uma festa numa boate em São Carlos. A bateria da UFSCar foi chamada para tocar e animar a festa. Cerca de vinte pessoas iriam para tocar e aqueles que fizessem parte da bateria não pagariam para entrar. Algumas pessoas que não iriam tocar, mas faziam parte da Atlética, se disseram “apoio à bateria” para não pagar entrada. Desde aquela festa, a “turma do apoio” é uma das mais “barulhentas” e conta, inclusive, com um grito de guerra: “Ah, eu sou do apoio!”. A técnica corporal característica desse grito de guerra é a flexão dos braços enquanto se sustentam as palmas das mãos abertas para o alto.

⁴⁶ Algumas dessas dificuldades serão apresentadas no decorrer do texto

está atrelada a uma escolha que necessariamente exclui outras possibilidades, fazendo com que o aluno pertença a um único curso de uma única universidade.

A Gincana também é uma fonte de renda para a Atlética que monta barracas de venda de *cerveja* no pátio de entrada do ginásio. Embora se consiga algum lucro, o simples fato de haver a bebida é o mais importante⁴⁷.

- *Gincana 2006*

A Gincana estava marcada para começar às 14:00 horas. Conforme os *bixos* chegavam às imediações do Parque Esportivo eram encaminhados pelos veteranos a entrarem no Ginásio.

As arquibancadas foram ocupadas pelos veteranos, ao passo que os *bixos* deveriam descer até a quadra; a Bateria ocupava o mesmo espaço dos dias de grandes jogos, na arquibancada da entrada principal, ao redor da mesa de som.

Ao entrar na quadra os calouros recebiam uma bexiga colorida e um pedaço de papel amarrado a um barbante. As cores das bexigas indicavam as *equipes* da qual cada um seria membro; já o crachá era para ser preenchido com os seguintes itens: *nome (apelido), curso, cidade, super-herói e time de futebol*⁴⁸.

Embora a competição entre as equipes ocorra apenas na segunda parte⁴⁹, os *bixos* carregam-na consigo desde o início, de modo a ressaltar a diferença existente entre eles e os veteranos.

Para dar início à primeira atividade, o animador e os organizadores que distribuía o material orientavam os *bixos* a preencher o papel que receberam; como são muitos participantes, e a pontualidade não é um forte dos estudantes, o animador teve que repetir várias vezes ao microfone o que era e o que deveria ser escrito no crachá.

Para animar a espera até que todos estivessem prontos, e quiçá, enaltecer a importância da *hierarquia* para os que estão chegando, o animador da Gincana disse que aquele que apresentasse o Registro Acadêmico⁵⁰ mais antigo ganharia um suco e um salgado na lanchonete.

⁴⁷ Desde 2003 está proibida a venda regular de bebidas alcoólicas na UFSCar. Antes, as lanchonetes e restaurantes comercializavam livremente bebidas, principalmente cerveja. Com isso, a única maneira de encontrar cerveja na Universidade é quando alguma entidade se destina a vender, como na Gincana, na Tusca, nos Fins de Tarde etc.

⁴⁸ Em anexo.

⁴⁹ Uma série de disputas como, corrida de saco, estourar a bexiga no colo, correr com a colher na boca, fantasia de jornal, dança mais desengonçada, comer mais rápido etc, acontecem nessa segunda parte.

⁵⁰ A cada ano que passa o RA aumenta um número. Assim, RA antigo é sinônimo de veteranos que estão há muito tempo na Universidade, os “dinossauros”.

Foi quando alguns veteranos que estavam nas arquibancadas, e também alguns organizadores dentro da quadra, passaram a gritar cada um o número de seu RA. Alunos que entraram em 1999, 1998 e até em 1997 concentravam-se ao microfone para tentar contar suas histórias; após algum tempo de descontração onde as relações hierárquicas foram muito ressaltadas, o apresentador resolveu dar fim à brincadeira ao dar o prêmio a um rapaz que havia entrado em 1996, que fora jubilado, mas acabou retornando à Universidade e agora estava no mestrado.

Depois dessa premiação, a atividade foi explicada para todos. A dinâmica se resume no seguinte: enquanto o DJ coloca alguma música agitada, os *bixos* devem misturar-se, lendo nos crachás uns dos outros quais são as identificações de cada um e aguardar a ordem do apresentador.

Logo que o som foi iniciado, um ambiente de muita empolgação tomou conta da quadra. Enquanto dançavam, os participantes mostravam seus crachás para o maior número de pessoas, ao passo que ficavam sabendo das identificações de tantos outros. As bexigas se embaralharam e a formação através das cores das equipes já não mais valia.

Após um certo tempo nesse festivo ambiente, o apresentador disse ao DJ para parar o som e gritou ao microfone: “Eu quero saber dos nomes!” e pediu para que o som fosse reiniciado. Com essa ordem, os *bixos* passaram a procurar nos *nomes* de cada um as mesmas letras iniciais.

Nesse momento, a participação dos organizadores é fundamental; de acordo com as letras iniciais de seus próprios nomes, orientam a formação ao agrupar as pessoas a partir do que foi pedido. Então, diferentes grupos espalhados pela quadra, separados a partir das letras iniciais dos nomes dos participantes, ajudavam os *bixos* a saber o local em que deveriam permanecer.

Quando todos já estavam encaminhados e os grupos separados, parou-se novamente a música e o apresentador disse: “eu quero a letra A!”. Com isso, o grupo formado aleatoriamente pelos *bixos* que tem seus nomes ou apelidos começados pela letra A passou a fazer muito barulho; palmas, saltos, gritos de vivas e outras maneiras de exaltar a referência que unia a todos naquele momento foram ouvidas por algum tempo. Em contrapartida, vaias e xingamentos eram recebidos dos representantes das outras letras.

Depois dessa agitação toda, a música retornou para instalar o clima de *festa* no interior da quadra. Por pouco tempo dessa vez, haja vista que novamente o apresentador mandou parar o som e disse: “Agora a letra B”.

Daí até o final do alfabeto sucessivamente o apresentador pedia uma letra e era seguido de um animado grito de viva dos grupos correspondentes e de vaias de seus “adversários”, sempre acompanhado de muita música, empolgação e *rivalidade* entre os participantes.

Após todas as letras serem ditas, não sem uma certa pressa do apresentador no final, ele novamente pediu para parar o som e avisou que a dinâmica da disputa seria a mesma, mas passaria a valer os *courses* de cada um.

Então, retomou-se aquela primeira disposição: os veteranos a dançar e organizar os *bixos* segundo seus próprios cursos e estes dançando e procurando nas fichas e com os veteranos, onde estavam seus colegas.

Um novo arranjo estava sendo formado; embora fossem as mesmas pessoas no interior da quadra, *bixos* e veteranos, a composição dos grupos mudou sobremaneira: não estavam mais separados pelas iniciais dos nomes, mas sim, pelos cursos de cada participante.

A referência aqui levada em consideração, contudo, não altera as relações que se esperam entre os grupos; a disposição em gritar, pular, e fazer o maior barulho possível quando se identificarem ao chamado, além de vaiar os adversários em outros momentos, aponta para o modo como a *rivalidade* se mantém presente nas relações entre quaisquer recém formados grupos.

A cisão e o rearranjo imediato segundo preceitos completamente diferentes, ilustram a intensidade do processo de fusão-segmentação nas relações estabelecidas no universo acadêmico (Evans-Pritchard 2002). Nesse momento da Gincana, os grupos não existem *em si*, mas a partir das relações de oposição que são criadas segundo preceitos aleatoriamente escolhidos; apenas pela existência de muitas outras possibilidades é que pode ser percebido tal grupo.

Dentre as cinco categorias colocadas para essa classificação, a que suscitou maior interesse entre os participantes foi àquela relacionada à rivalidade entre os *courses*.

Quando o apresentador começou a chamá-los, através da mesma dinâmica utilizada na separação pelas iniciais dos nomes, os participantes respondiam com um entusiasmo cada vez maior. Veteranos dos mais variados cursos, que durante o restante da Gincana permaneceram nas arquibancadas, partiram para dentro da quadra para ajudar e incentivar seus cursos durante essa disputa.

Nesse momento – com a quadra completamente tomada – é clara a existência de disputas e rivalidades internas entre alguns cursos⁵¹, motivando e acirrando cada vez mais a *competição* para ver qual está em maior número, qual faz mais barulho e outras modalidades de novas disputas instauradas a todo o tempo.

É curioso que os novatos trazem os times de futebol de fora da universidade, mas ali “ganham” um curso e prontamente já se rivalizam, mais até do que pelas preferências clubísticas. Outras categorias da universidade, os professores, por exemplo, não celebram as diferenças entre os cursos, mas sim disputam por verbas, financiamentos, política na reitoria entre outras coisas. A diferença é que os estudantes possuem um canal, uma “zona livre” (Archetti 2003) onde tais rivalidades podem ser jogadas explicitamente, mas revelam algo das rivalidades existentes em outros níveis e por outros agentes dentro da universidade.

Assim, quando os alunos do curso de Engenharia de Produção não pararam de cantar após terem sido chamados, “atrapalhando” o prosseguimento da Gincana, o apresentador convocou um “Xupa” para a Produção.

“Puxar um Xupa” é quando alguém, nesse caso o próprio apresentador da Gincana – ex-aluno da Educação Física –, grita algum nome e a resposta vem de todos os que se identificaram com a proposta: “Xupa”. Uma segunda vez o “puxador” grita o nome do alvo da chamada e é correspondido pelo público: “Xupa”. Enfim, numa terceira vez, ao ouvirem o nome que está recebendo o Xupa, as pessoas gritam: “vai pra puta que o pariu e oh!”. Esse último grito é acompanhado de uma expressão corporal semelhante àquela do “encima, embaixo, puxa e vai” cunhada nas Olimpíadas de 1992 para o time brasileiro de vôlei masculino⁵².

Quando algum curso recebe um “Xupa” é comum que os alunos rebatem essa provocação; daí a importância de se ter veteranos próximos aos *bixos* para ensiná-los como se comportar quando o curso precisar responder à provocação. Enquanto são alvos da chamada, os alunos devem fazer mais barulho ainda na tentativa de minimizar o xingamento, seja cantando, vaiando ou exaltando alguma de suas qualidades.

A presença massiva dos veteranos é um modo de ensinar e acirrar as relações e as rivalidades entre os cursos. Desse modo, os *bixos* passam a tomar contato com um discurso cuja tônica é a

⁵¹ Como poderá ser visto quando da apresentação das disputas esportivas.

⁵² O Xupa mais comum em dia de gincana é para o Caaso, mesmo não havendo nenhum aluno da USP no interior da quadra. Quando o Caaso é motivo de Xupa, todos, sem exceção, se empolgam em gritar contra seu inimigo imediato; essa é uma maneira de enfatizar aos novatos a *rivalidade* entre as duas universidades. Mais à frente.

competição num ambiente altamente segmentado. Os cursos estão numa relação de oposição prévia entre eles e é interessante notar como os veteranos se entusiasmam com essa rivalidade.

Talvez como forma de ensinar aos *bixos* que estão chegando o espaço que cada curso ocupa nessa relação, ou também porquê na Gincana só participam alunos da UFSCar, trazendo a relação de oposição que, na Tusca, por exemplo, é colocada contra a USP, para dentro da própria universidade.

Um outro exemplo, ocorrido na chamada à Medicina, ajuda a ilustrar a importância da presença dos veteranos nesse momento.

Esse foi o primeiro ano do curso de Medicina da UFSCar que contou com vinte vagas no vestibular. Os alunos desse curso, obviamente, não tiveram veteranos, o que fez com que o curso de Fisioterapia aplicasse o trote nesses calouros.

Logo após chamar a Medicina, o apresentador, com um ar de desdém, conclamou a todos os presentes: “você não acha que a medicina merece um Xupa especial?”, e em seguida gritou: “Medicina!”, sendo imediatamente correspondido por todo o ginásio: “Xupa!”. Ao gritar pela segunda vez o nome do curso, novamente foi correspondido. Depois das três chamadas, entusiasmadamente, todos gritaram acompanhados da expressão corporal característica: “vai pra puta que o pariu e oh!”.

Mais do que em qualquer outra ocasião, a união de todos contra a Medicina é ilustrativa da importância da presença dos veteranos na Gincana. O motivo para tanta empolgação, especificamente nesse Xupa, é oriundo da ausência de veteranos nesse curso. *Bixo* é “burro por natureza”⁵³; agora, imagine o espaço simbólico de um curso formado exclusivamente por *bixos*.

Nesse momento era como se a Medicina fosse um “curso menor”; isso se deve em parte pela “novidade” deste curso na Universidade, mas, acima de tudo, pela ausência da diferença imediata encontrada por aqueles *bixos*.

Ao puxar um Xupa! para a Medicina, o animador sabia que, diferentemente da chamada do Xupa para a Produção, não haveria “defesa” alguma, uma vez que os veteranos da Fisioterapia apoiavam esse gesto. Digo que não haveria defesa, pelo fato de que os *bixos* ainda não sabiam o que fazer naquele momento. Caso eles tivessem veteranos poderiam estar mais preparados para, no mínimo, se defenderem daquela situação, exatamente o que aconteceu com aquele outro curso

⁵³ Nos dizeres nativos “bixo burro” é pleonasma, pois, por princípio, todo bixo é burro.

alvo da chamada. Daí a importância dos veteranos dos cursos durante essa apresentação, o que enfatiza o peso simbólico das relações hierárquicas entre os universitários.

Esse intenso clima de rivalidade entre os cursos perdurou até que o último foi chamado. Ao fim, o animador pediu para que o DJ retornasse com a música e que os veteranos voltassem para as arquibancadas para poder dar continuidade com a Gincana. Levou um certo tempo para restabelecer a situação, haja vista que havia muita gente dentro da quadra, mas logo se retomou o cenário inicial: *bixos* e turma do apoio na quadra, veteranos nas arquibancadas.

Da mesma maneira, os outros três itens, *cidade*, *super-herói* e *time de futebol*, também foram utilizados para a classificação e separação dos *bixos* dentro dessa estrutura lúdica que prima por estabelecer rivalidades jocosas entre os grupos que se formam (Radcliffe-Brown 1978). Sempre com muita disposição, os participantes respondiam aos chamados do animador e continuavam naquele clima de festa e rivalidade.

Com tudo isso, é esperado que os *bixos* entrem em contato com os mais variados discursos presentes nesse “mundo novo” de uma forma dinâmica, divertida e muito *competitiva*, para já se acostumarem com as relações que enfrentarão em seus próximos anos de “vida universitária”⁵⁴.

Nesse sentido, outro ponto importante a ser ressaltado é o ensinamento que, daquele momento em diante, os *bixos* passam a adotar um mesmo discurso; discurso em forma de gritos de guerra, hinos e músicas enfatizando a UFSCar e todas as coisas boas em se estudar ali, como também xingamentos e palavrões direcionados contra um “inimigo” comum e imediato: o Caaso.

Para tanto, panfletos onde se encontram as músicas e gritos de guerra da UFSCar são distribuídos para que sejam cantados por todos os presentes nos intervalos entre as atividades realizadas.

Porém, a todo o momento esse mesmo discurso é fragmentado, redirecionando as oposições e rivalidades para dentro da própria Universidade; a fragmentação dessas disputas e oposições, assim como dos discursos que a Gincana pretende ensinar aos *bixos*, não ocorre em um único plano.

Para além de todo esse processo horizontalizado de fusão e segmentação que ocorre entre as Universidades e os cursos, existe um nível de disputa hierarquizado, colocando em oposição “os *bixos*” contra “os veteranos”.

⁵⁴ Tal como nas relações entre as torcidas durante os torneios. Capítulo 4; mais à frente.

Nesse momento de apresentação que é a Gincana é fundamental o estabelecimento de todas as oposições encontradas na Universidade, não somente entre os cursos, mas também entre UFSCar e Caaso, área sul e área norte, *bixos* e veteranos, ou seja, é um momento de explicitar a “tendência à segmentação” que pauta as relações entre os universitários.

A Gincana é uma atividade que, além de ensinar aos *bixos* os vários discursos presentes na Universidade, também pode ser entendida como um *ritual de passagem* para aqueles que estavam fora desse universo – *colegiais* – e que, a partir desse momento passam a fazer parte da Universidade.

Ao admitir tal hipótese, e classificando os estudantes por esse esquema de *conjuntos etários* (Evans-Pritchard 2002), teríamos um cenário onde as *larvas* são potenciais *universitários*, mas que só efetivam tal condição após o teste do *vestibular* – prova de habilidade que segrega a entrada de todos através da instauração de uma *disputa* em provas de habilidades específicas, no caso, as matérias obrigatórias do ensino médio.

Vencida essa primeira etapa, aqueles que efetivaram sua entrada na Universidade ainda devem passar por mais provações antes de efetivamente serem “aceitos” no universo acadêmico: são os *trotes*. Nesse sentido, a própria Gincana pode ser considerada como uma espécie de *trote* e exemplos disso não faltam⁵⁵.

Os estudantes que já se encontram na Universidade, os *veteranos*, não podem aceitar novos alunos apenas porque passaram no vestibular. Se o vestibular é uma *provação*, cabe aos que venceram essa etapa, os *bixos*, superarem também as provações que os veteranos lhes impõem. Talvez isso esteja mais ameno nos dias de hoje, até mesmo por conta de mortes ocorridas em trotes violentos, mas não são incomuns trotes onde se testa a capacidade dos ingressantes de maneira mais ríspida.

Sobre esse aspecto, cabe retomar o texto de Celso Castro sobre a academia militar das Agulhas Negras. Ali também está descrito um ritual de passagem que estabelece uma diferença hierárquica entre as quatro turmas que passam por esse período de formação concomitantemente. Está claro que as provações passadas por um aspirante militar e um estudante são diferentes, mas

⁵⁵ Apenas para citar alguns exemplos de como os *bixos* são “zuados” durante a Gincana, cabe lembrar das obrigações que se dirigem a eles, como “vai buscar cerveja bixo burro”, ou ainda, uma corrida entre *bixos* para ver quem chega primeiro ao prédio da reitoria. O detalhe é que os *bixos* não sabem onde fica esse prédio e, lá chegando, descobrem que nada tem para fazer ali, muito menos alguém para acompanhar quem efetivamente chegou primeiro.

os princípios que regem as relações entre calouros e veteranos são os mesmos, ou seja, provações para a entrada e pertencimento a um novo grupo (Castro 2004).

Desse modo, pode-se dizer que a diferença entre *larvas*, *bixos*, *veteranos* e *dinossauros* – conjuntos etários diferentes e diferenciados entre si – reside no tempo e é permeada por uma relação hierárquica. O vestibular e o trote são condições de passagem de uma etapa a outra que garantem a entrada no “mundo novo”, ou melhor, na “vida universitária”⁵⁶.

O interessante em associar essas etapas reside no fato de que ambas são perpassadas por momentos de intensa *rivalidade* entre os participantes. No caso do vestibular, que é mais patente, pois envolve um contingente muito maior, é só atentar para a relação candidato/vaga principalmente nos cursos mais concorridos, onde essa relação chega a ser mais de 80 candidatos concorrendo por uma vaga. No caso dos trotes, as competições e disputas da Gincana apontam para o modo como a *rivalidade* permeia as relações entre os grupos.

Para finalizar, cabe pensar nessa *rivalidade* e o que ela traz de “ganho” para os grupos que ali estão em disputas.

Na segunda parte da Gincana, retomou-se a separação através das cores das bexigas e as equipes disputaram entre si uma série de atividades. Todas foram, de fato, muito animadas, contagiando a torcida dentro e fora da quadra.

Cabe ressaltar, contudo, que não há qualquer tipo de premiação ou de ganho material para a equipe vencedora; não há uma contagem geral dos pontos feitos por cada equipe nas competições que cada uma ganhou.

A comemoração ocorre imediatamente após cada vitória e o que se espera é que todos participem intensamente das atividades, promovendo uma *integração* entre os estudantes, mas ao mesmo tempo enaltecendo a importância da *rivalidade* nas relações entre quaisquer que sejam os grupos, característica marcadamente presente na vida universitária:

“O que é ‘ganhar’, e o que é realmente ‘ganho’? Ganhar significa manifestar sua superioridade num determinado jogo. Contudo, a prova desta superioridade tem tendência para conferir ao vencedor uma aparência de superioridade em geral. Ele ganha alguma coisa mais do que apenas o jogo enquanto tal. Ganha estima, conquista honrarias: e estas honrarias e estima imediatamente concorrem para o benefício do grupo ao qual o vencedor pertence. Chegamos aqui a outra característica muito importante do jogo: o êxito obtido passa prontamente do indivíduo para o

⁵⁶ O vestibular é uma etapa que obrigatoriamente deve ser superada para a entrada na Universidade. No caso dos trotes, novamente por conta da violência que já foi vista, os bixos podem se furtar de participar, mas as sanções não são menos visíveis. Aqueles que não participam ou não aceitam essa etapa geralmente são classificados como “bixo eterno” e responderão por conta disso futuramente e de outras maneiras.

grupo. Mas há ainda um outro aspecto mais importante: o ‘instinto’ de competição não é fundamentalmente um desejo de poder ou dominação. O que é primordial é o desejo de ser melhor do que os outros, de ser o primeiro e ser festejado por esse fato. Só secundariamente tem importância o fato de resultar da vitória um aumento do poder do indivíduo ou do grupo. O principal é ganhar.” (Huizinga : 2001; 57-58).

Ganhar, nesse caso, é demonstrar uma empolgação maior do que a dos adversários; a todo o tempo, novos grupos são formados e a relação entre eles permanece a mesma, pautada numa *rivalidade* que se acirra de acordo com os temas utilizados para a identificação dos estudantes.

5. Algumas considerações

A sugestão em forma de hipótese é que a Gincana é um espaço simbólico reservado a ensinar e a difundir as relações entre as mais variadas “totalidades” que se encontram presentes no imaginário universitário local; através do que se convencionou chamar de “tendência à segmentação”, os grupos, muitas vezes aleatoriamente formados, reproduzem a *rivalidade* como princípio base das relações estabelecidas.

O exemplo da primeira atividade da Gincana é significativo desse processo: basta que o apresentador diga o referencial de identificação que o arranjo das pessoas muda completamente, sem que, contudo, mudem-se as relações estabelecidas entre os grupos que estão sendo formados.

Como totalidade será entendido qualquer símbolo de identificação capaz de aglutinar um certo número de pessoas ao mesmo tempo em que se diferencia de outras formadas por processos semelhantes.

Dentre as principais totalidades que pude recolher durante o trabalho de campo estão as *turmas, cursos, departamentos e Universidades*. Entretanto, e o relato sobre a dinâmica encontrada no Movimento Estudantil em sua vertente política ilustra isso, as totalidades não se referem somente a essas classificações. O CA, o DCE, o partido político, todos também são referências enquanto relacionadas como totalidades semelhantes entre si.

Essas relações nem sempre são amistosas e, de parte a outra, geram-se oposições e disputas entre representantes de estratos diferentes. As disputas e oposições acompanham, no campo da política, a dinâmica que será apresentada nas atividades ligadas aos *esportes* e às *festas* no

interior dos Torneios Universitários, seja no âmbito interno ao movimento estudantil, seja em suas relações com outros extratos da Universidade⁵⁷.

⁵⁷ Como exemplo disso, as imposições da Reitoria da UFSCar em se realizar festas no interior do *campus* e como isso influenciou nos preparativos para a Tusca 2005. Mais à frente.

II. As Repúblicas Estudantis: “microcosmos da vida universitária”

Assim como foram visitadas algumas universidades localizadas no interior do estado de São Paulo, muitas *repúblicas estudantis* nessas mesmas cidades foram outros espaços onde a pesquisa foi realizada.

O interesse em fazer das *repúblicas* objeto de análise parte principalmente das idéias de Lévi-Strauss sobre as “sociedades de casas” (Lévi-Strauss 1986; 2004) e da obra “After Kinship” de Janet Carsten (Carsten 2004).

Na tentativa de fazer uma reavaliação das principais categorias presentes no discurso antropológico sobre o *parentesco*, os autores em questão apresentam diferentes contextos etnográficos em que temas como *a casa*, *as substâncias* e *a noção de Pessoa* foram abordados. Essa reavaliação, que parte principalmente da pesquisa etnológica, tem como objetivos colocar em debate as análises sobre o *parentesco*, mas, em muitos momentos, podemos estendê-la e estabelecer alguns correlatos com a “vida universitária”.

Inicialmente, deve ficar claro que a retomada desses autores será feita na intenção de utilizar suas observações e categorias de análise na tentativa de compreender fenômenos próximos a essa temática, a saber, *os estudantes universitários*. A idéia é partir das observações feitas em campo no sentido de apresentar um novo contexto etnográfico onde elas podem, eventualmente, repetir-se.

Desse modo, quando foi dito que as noções de *casa* e de *substância* estariam mais próximas dessa pesquisa, a aproximação era com fatos presentes no cotidiano da “vida universitária”, ou seja, as *repúblicas estudantis* e as *substâncias* ali consumidas como *bebidas alcoólicas* e *maconha*, especialmente; e serão esses os temas aqui apresentados a partir da pesquisa etnográfica.

1. Casas

A moradia dos estudantes durante a universidade é algo a ser destacado. Muitas vezes, passam boa parte da graduação fora da casa dos pais⁵⁸; nesse período, residem em espaços onde, geralmente, a sociabilidade é completamente diferente daquela encontrada anteriormente. Esse contraste é um dos principais motivos na afirmação da especificidade que aí se vive, ou seja, a “vida universitária”.

O interesse maior nessa moradia reside no modo como ela é *partilhada* pelos estudantes; para além das moradias individuais em kitnets e apartamentos de um quarto – muito comuns em localidades próximas a universidades⁵⁹ – a questão central é apresentar as características mais marcantes das *repúblicas estudantis*.

Existem inúmeras maneiras para os estudantes se reunirem e morarem em uma mesma casa: repúblicas masculinas, femininas ou mistas; de pessoas de mesmo curso ou cursos diferentes – por vezes até de universidades diferentes –; alunos que entraram na Universidade no mesmo ano; que vieram de uma mesma cidade, enfim, uma enormidade de motivos que acabam por colocar “sob o mesmo teto” pessoas que, na maioria das vezes, pouco se conheciam antes de dividirem uma casa. Portanto, o que vale ser ressaltado é a reunião de pessoas que estão em condições semelhantes e que assim permanecerão por determinado tempo.

Na formação de novas repúblicas, algum tipo de afinidade entre as pessoas que estão dispostas a morarem juntas é o primeiro fator de aproximação; essa afinidade pode ser advinda de um conhecimento prévio entre os futuros moradores, por exemplo, pessoas que já se conheciam em sua cidade natal e foram na mesma época cursar a universidade; alunos de mesmo curso que se conheceram na universidade, mas têm algo em comum, como a participação nas entidades estudantis, ou ainda outros motivos.

⁵⁸ A existência de duas residências fixas diferentes para os estudantes pode ser notada na intensa movimentação das *rodoviárias* das cidades onde estão localizadas universidades. Especialmente quinta e sexta-feira, muitos estudantes viajam de ônibus até a casa dos pais para passar o final de semana e retornam no domingo. As passagens podem ser adquiridas com desconto através da lei do “meio passe” para os estudantes.

⁵⁹ Devido à especulação imobiliária, terrenos em bairros notadamente ocupados por estudantes são procurados por construtoras para prédios ou conjuntos destinados a moradias individuais. Em São Carlos, por exemplo, esse é um processo em ritmo acelerado.

O modo mais recorrente de se agrupar um número de pessoas para fundar uma nova moradia, entretanto, é quando se juntam alunos de mesma *turma*⁶⁰.

Depois de decidido quem serão os moradores, cabe iniciar a procura por casas que comportem as necessidades de cada grupo. Essas repúblicas geralmente são organizadas quando os alunos estão em seu segundo ano, uma vez que é difícil a mobilização das pessoas e a locação da casa no início do período letivo de uma vida completamente diferente e numa outra cidade. No princípio da vida universitária muitos *bixos* ficam em kitnets, hospedados em alguma república já constituída ou mesmo nos alojamentos das universidades durante o primeiro ano e organizam as repúblicas com as pessoas de sua turma a partir do segundo ano⁶¹.

Para além da formação de novas casas, existem também as repúblicas que permanecem por muito tempo e que trocam constantemente de habitantes, especialmente ao recrutar calouros no início dos cursos. Algumas repúblicas em cidades como Piracicaba e Guaratinguetá⁶², por exemplo, existem há mais de quarenta anos; mesmo que se mude de casa, o *nome* da república é mantido, assim como as principais características que integram os moradores naquele espaço. Essa troca constante de moradores ocorre de maneira ininterrupta, sendo comum, inclusive, que festas de confraternização de turmas das décadas passadas sejam feitas nas casas em que a república que moraram está localizada.

A maneira pela qual as repúblicas da UFSCar do *campus* de Araras recrutam os *bixos* é ilustrativa tanto dessa renovação quanto da presença da hierarquia nas relações entre os universitários.

Na primeira semana de aula, os *bixos* são colocados à venda em um “leilão” pelos veteranos moradores das repúblicas; cada república “compra”⁶³ um *bixo* ou uma *bixete* que são levados para fazer um “estágio” durante certo tempo. Os estágios são períodos que os calouros passam nas repúblicas dos veteranos e começam a tomar conhecimento do curso e das principais

⁶⁰ “Turma” refere-se ao *ano* que o calouro ingressou na Universidade. Mais à frente.

⁶¹ Embora esse seja um caminho recorrente na organização das casas dos alunos de uma mesma turma, não é o único. Por vezes calouros alugam uma casa logo em seu primeiro ano, como os alunos da Engenharia Civil que conheci durante a pesquisa no torneio Engenharíadas.

⁶² Em Piracicaba a maior parte das repúblicas estudantis são dos alunos da ESALQ, *campus* da USP majoritariamente dos cursos ligados à área de biológicas. Em Guaratinguetá, o *campus* da Unesp é formado principalmente por Engenharias.

⁶³ O dinheiro arrecadado com a venda dos calouros é utilizado na compra da cerveja que é distribuída gratuitamente na festa que ocorre também nessa primeira semana, a “cervejada dos cursos”. Além dessa festa, outras atividades de *integração* entre *bixos* e veteranos são realizadas no intuito de estabelecer uma relação mais próxima entre eles, especialmente nas primeiras semanas que causam tanto estranhamento aos novatos.

atividades realizadas no “novo mundo”; em troca, realizam todo tipo de tarefas domésticas, como lavar as louças, cortar a grama, limpar a piscina. Com isso, é recorrente que após essas primeiras semanas alguns “estagiários” se efetivem e comecem a morar nas casas dos veteranos que os compraram, uma vez que já estão ambientados com o lugar.

Cabe lembrar que essa atividade, assim como a confecção de camisetas estampadas com a frase: “Moro em República” foram os temas de uma campanha dos alunos da UFSCar na intenção de promover a moradia em repúblicas em face do crescimento de kitnets na cidade. A moradia individual é, em certo sentido, antagônica com o modo de vida *coletivizado* das repúblicas, tal como será descrito no decorrer do capítulo.

A importância das repúblicas é reconhecida pelos estudantes; não se trata apenas de morar com outras pessoas que partilham experiências semelhantes, mas sim participar de um ambiente que é maior do que a soma de seus moradores. Dividir a mesma casa significa estar inserido em um constante sistema de trocas que coloca as pessoas em íntima relação. Práticas corporais são repetidamente passadas e ensinadas internalizando códigos de conduta, tarefas domésticas são divididas e realizadas pelos moradores, *substâncias* são trocadas através da comensabilidade, das relações sexuais e outros processos que tem na casa o espaço mais reservado para acontecer (Carsten 2004).

Em sua análise sobre as casas, Lévi-Strauss atenta para um problema que sondava a antropologia quando ela se deparou com contextos etnográficos, em especial a África e a Melanésia, onde as questões da descendência e da aliança eram colocadas sob um mesmo patamar, o que dificultava as análises sobre o parentesco. Ao propor o termo “sociedades de casas”, o autor estabelece uma aproximação entre *aliança* e *filiação* que:

“(…) se tornam mutuamente substituíveis. Foi a esse tipo de unidades que, há alguns anos, propus aplicar o termo ‘casa’; e os próprios historiadores que, para o mundo europeu, estudam esse tipo de formação social têm enfatizado que a casa, diferente da família, também não coincide com a linhagem agnática, que às vezes é até *destituída de base biológica* e consiste, fundamentalmente, em uma herança material e espiritual que compreende a dignidade, as origens, o parentesco, os nomes e os símbolos, a posição, o poder e a riqueza.”⁶⁴. (Lévi-Strauss 2004 : 22).

Nessas sociedades, às quais se deu o nome de “cognáticas” ou “indiferenciadas”, as *casas* assumem um papel fundamental na distribuição de poder. O autor inclusive propõe um paralelo entre esse tipo de formação e os castelos e mansões da nobreza européia que, além de serem o

⁶⁴ Grifo meu.

espaço físico reservado à moradia da nobreza, recebem nomes e perpetuam características de determinadas famílias através das alianças de casamento.

Na busca de uma possível comparação entre tais prerrogativas e o contexto etnográfico aqui analisado, cabe estabelecer que as *repúblicas* também podem ser formadas por, pelo menos, dois modelos diferentes.

Num caso, próximo ao universo do contrato, posto que negociado entre os *afins*, a casa é organizada em comum acordo entre os possíveis futuros moradores; cada um opina sobre a escolha do imóvel, dos quartos, dos preços, enfim, prima-se pelo consenso entre os “contratantes” de uma nova moradia⁶⁵.

Em outras situações, tal como no exemplo dos calouros que são “comprados” pelos veteranos, a relação instaurada é de outra ordem. Quando uma república já é consolidada e troca seus moradores através da entrada de novos calouros, a renovação é antes uma forma de *filiação* do que de *aliança* entre aqueles que partilharão o mesmo espaço doméstico.

A entrada de um novo ente na estrutura é o fator de aproximação entre o *processo de filiação* e a chegada de novos calouros para as repúblicas estudantis; do mesmo modo, a *aliança* – que pertenceria ao universo do contrato – pode ser pensada em paralelo com a reunião de estudantes afins para a formação de uma nova república.

Seja através do recrutamento de calouros ou pelas novas formações que acontecem anualmente, essas casas podem ser pensadas dentro de um “sistema de repúblicas” pelo fato de que a estrutura se mantém mesmo com a intensa dinâmica de alteração dos moradores. Nesse sentido, quer pelo compromisso assumido coletivamente entre pessoas que, algumas vezes, pouco se conheciam, quer, inclusive, pela compra simbólica dos novos moradores, isto é, a entrada de uma nova pessoa num local já estabelecido, as repúblicas permanecem como espaços diferenciados onde a sociabilidade dos universitários é vivenciada cotidianamente.

Ao admitir essa hipótese, o “sistema das repúblicas” também seria um misto entre aliança e filiação, que se tornam mutuamente substituíveis, tal como nos sistemas cognáticos.

Mas, o que seria, então, a casa, em sociedades como essas? Segundo Lévi-Strauss:

“em primeiro lugar, uma pessoa moral; em seguida, detentora de um domínio constituído por bens materiais e imateriais; e que, enfim, se perpetua, ao transmitir seu nome, sua fortuna e seus títulos em linha direta ou fictícia, considerada legítima como única condição – que essa

⁶⁵ Muitas vezes os pais são os responsáveis pelos ajustamentos burocráticos necessários, como ser o titular do contrato ou mesmo os fiadores da negociação.

continuidade possa se exprimir na linguagem do parentesco ou da aliança e, na maior parte das vezes, das duas juntas” (Lévi-Strauss 2004 : 23).

Na tentativa de seguir essa abordagem ao tratar das casas dos estudantes universitários, primeiramente cabe lembrar que é indispensável que uma república tenha um *nome*; elas são fundamentalmente conhecidas por seus nomes próprios e não pelos nomes, cursos ou qualquer outra referência a seus moradores; aliás, mesmo os moradores ao referirem-se à suas casas chamam-na pelo nome e não simplesmente por “casa”. Algumas repúblicas duram muitos anos, por vezes décadas e, mesmo que se mude o espaço físico, mantêm o nome que vem desde o começo.

O processo de nomeação das repúblicas está envolto naquilo que é mais presente na “vida universitária”; características definidoras desse período servem como marcadores de uma condição que já se evidencia nos nomes atribuídos. As temáticas são variadas e fazem referência às particularidades vividas durante a graduação; assuntos como festas, bebedeiras, práticas esportivas, relações sexuais, debates políticos, conjunturas e até o consumo de substâncias tidas por ilícitas são constantes no batismo das casas.

Essa recorrência é indicativa do modo como tais características estão presentes no cotidiano acadêmico exatamente por fazerem parte de um imaginário que envolve os estudantes de graduação; apenas para citar alguns nomes que tomam essas referências: “Ama-Zonas”⁶⁶, “Fura-Zóio”⁶⁷, “Sókacha”, “Nabis”⁶⁸, “Dois de Paus”, “Mão de Onze”, “Canal 100”, “Oligarquia”, “República Popular de Marisales”, dentre tantos e tantos outros⁶⁹.

Um exemplo pode ser ilustrativo. Uma república de Piracicaba, bastante antiga e pela qual já passaram inúmeros moradores, foi batizada de modo que duas temáticas rotineiras se encontrassem num único nome: “atecubanos”.

“Até cubanos” seria uma maneira de indicar que naquela casa se fuma de tudo, até charutos cubanos, o que inclui obviamente a maconha. Todavia, quando se lê no sentido em que aponta a

⁶⁶ “Zona” é o nome mais comum para designar prostíbulos.

⁶⁷ “Furar o zóio” é pretender sair ou ficar com a garota ou o garoto de outra pessoa.

⁶⁸ Na definição de um de seus moradores: (Ca)Nabis.

⁶⁹ Além das relações sexuais, do consumo de substâncias, das festas e das práticas esportivas, outras referências como nomes de filmes, programas de televisão ou mesmo organizações terroristas podem ser lembrados na hora da nomeação. “Barravento”, filme homônimo de Glauber Rocha, “Casa dos Artistas”, programa exibido no SBT, ou “Al Qaeda” são apenas alguns outros. Vale ressaltar a criatividade dos estudantes nesse processo de nomeação.

seta, a temática das relações sexuais é colocada conjuntamente: “só na buceta”, isto é, uma junção de eventos rotineiros no cotidiano de uma república: maconha e relações sexuais.

Repare ainda na complexidade da formação das casas e como ela pode ser evidenciada a partir da nomeação; ao tomar como referência a questão política, os nomes evocam desde uma forma elitista de governo, a oligarquia⁷⁰, até mesmo apelos populares no estabelecimento de uma moradia partilhada.

Em um caso trata de indicar que os moradores fazem parte de uma elite governante que se diferencia dos governados – dentro do espaço doméstico – enquanto no outro, a referência ao “povo” é lembrada no sentido de que este seria considerado como agregado social homogêneo e depositário de valores positivos, específicos e permanentes, isto é, a casa seria um espaço aberto e democrático por princípio.

Esse conjunto de nomes reflete o contexto no qual as repúblicas estão inseridas; as casas recebem nomes que estão de acordo com o ambiente interno vivido durante a graduação; inclusive, características definidoras dos *courses* que os moradores fazem também são lembradas na hora de estabelecer esse nome.

Algumas repúblicas do curso de Biologia da Unesp de Rio Claro, por exemplo, adotaram nomes referentes às temáticas rotineiras de sua formação e que, de certo modo, fazem referência à moradia: “Formigueiro”, “Bicho Preguiça”, “Toca da Capivara” são nomes escolhidos que estabelecem uma conexão entre assuntos debatidos durante a formação acadêmica nos cursos e os nomes das casas.

Em segundo lugar, não se trata apenas de reunir um grupo de alunos que queiram dividir a moradia durante sua estada na universidade, pois as repúblicas assumem características próprias para além da individualidade de cada um de seus moradores. Uma república não é somente o conjunto de seus moradores e “agregados”, mas uma unidade no interior de um sistema que a entende enquanto tal e que reconhece seu espaço num conjunto de relações.

“Agregado” é uma categoria nativa e se refere às pessoas que passam muito tempo em uma mesma república, mas que, efetivamente, não são moradores, ou melhor, são moradores, apenas “não pagam as contas”. É difícil encontrar uma grande república que não tenha um ou mais

⁷⁰ “Oligarquia significa etimologicamente ‘governo de poucos’, mas, nos clássicos do pensamento político grego, que transmitiram o termo à filosofia política subsequente, a mesma palavra tem muitas vezes o significado mais específico e eticamente negativo de ‘Governo dos ricos’, para o qual se usa hoje um termo de origem igualmente grega, ‘plutocracia’.” (Dicionário de Política : 2004; 835)

agregados. Por conta dessa referência é comum reconhecer repúblicas remetendo ao conjunto de relações de seus moradores; assim, sabe-se que, para além deles, outras pessoas também estão inseridas naquele contexto, sejam pessoas da turma, do curso, da Atlética, do DCE.

Uma república também é constituída de bens que são comuns a elas; os móveis coletivos da casa são adquiridos conjuntamente, seja somando um pouco de dinheiro de cada morador ou cada um ajuda com aquilo que pode, trazendo da casa dos pais, geralmente, utensílios de segunda mão que são adaptados aos espaços das repúblicas.

A lista seria muito grande, mas cabe lembrar algumas presenças praticamente obrigatórias e que coadunam com o ritmo vivenciado: churrasqueiras, engradados de cerveja, instrumentos musicais, livros, jogos de tabuleiro, aparelhos eletrônicos como TV, som, vídeo game.

Um quarto pode ser um bom espaço para atestar a presença de alguns itens recorrentes: na maioria deles pode ser encontrado cama, ou camas, dependendo do número de moradores que dividem o cômodo; escrivaninha, sempre com cadernos, livros ou algum tipo de material acadêmico⁷¹ espalhado por cima; estante, geralmente utilizada para guardar os livros de modo que estes fiquem sempre à mostra e ao alcance de todos os outros moradores, além de um móvel que chamou a atenção por ser muito recorrente e condizer com o ritmo “frenético”⁷² que é vivenciado pelos estudantes: o *mancebo*. Camisetas, calças, blusas, jaquetas, bonés, chapéus, enfim, toda a vestimenta está alocada em um local de fácil acesso a todos e de maneira rápida e dinâmica⁷³.

No que se refere a características e bens imateriais por assim dizer, algumas temáticas peculiares podem ser levantadas sobre as relações em uma república: a *coletividade*, a *hierarquia*, a intensidade no consumo de substâncias alucinógenas, enfim, são temas presentes, em intensidade variada, é claro, em diferentes aspectos da vida universitária e que tem nas casas o local de se reproduzir no plano mais íntimo das relações, ou seja, aquelas estabelecidas dentro do mesmo espaço doméstico⁷⁴.

⁷¹ Além de toda sorte de livros, uma literatura bastante recorrente é a dos *quadrinhos*. Diversos personagens das histórias da Marvel e da Comics como os X-Men, Super-Homem ou Homem-Aranha podem ser encontrados em gibis espalhados por toda a casa, dos quartos aos banheiros.

⁷² “Frenético” é uma categoria nativa muito utilizada para descrever, principalmente, o ritmo dos acontecimentos nos torneios universitários.

⁷³ É nesse sentido que atribuí uma aproximação entre um simples móvel, o mancebo, e o ritmo vivenciado pelos universitários.

⁷⁴ Algumas dessas características serão apresentadas e definidas no decorrer do texto.

Um outro ponto a ser destacado ao tomar a casa enquanto objeto de estudo é a questão da *linguagem* do parentesco e da aliança nas sociedades de casas. Como foi dito desde o início, não se trata de atrelar as definições levistraussianas sobre a equivalência entre aliança e filiação nas sociedades que o autor chamou de cognáticas; o interesse é que, tendo ou não essa aproximação, muito do vocabulário das relações de parentesco e aliança também pode ser encontrado na linguagem cotidiana de uma república.

É freqüente ouvir de moradores de uma mesma casa que se tornaram “irmãos” a partir da experiência da co-residência; não só irmãos, mas é comum que em grandes repúblicas alguém assuma o papel – e ganhe o título – de “paizão” ou “mãezona”, ou mesmo que os moradores sejam “parceiros” para dividir as casas em momentos que se tem uma “outra vida”.

A questão é saber o peso simbólico dessa relação; como os partícipes entendem essa proximidade estabelecida. O simples fato de estarem presentes no linguajar nativo, contudo, atesta a importância em se pensar sobre isso e mesmo de tentar estabelecer equivalências entre os contextos analisados; não se trata de transportar os termos, mas sim as relações que podem se assemelhar entre contextos etnográficos completamente diferentes.

Até mesmo porquê, a continuidade de repúblicas em algumas cidades é de se impressionar: casas que se mantêm há mais de cinquenta anos e, mesmo que tenha sido transferida, preservam as características definidoras desses espaços através da constante renovação que se processa na universidade. Essa renovação não impede, porém, que uma conexão entre o passado e o presente se estabeleça e o exemplo das festas de confraternização das repúblicas atesta essa continuidade.

A reavaliação dos contextos etnográficos em que se realizam as pesquisas é fundamental para a aproximação entre locais completamente separados no tempo e no espaço. É nesse sentido que Janet Carsten dá início a suas análises sobre a *casa*.

Segundo a autora, tomar a casa como objeto de investigação foi uma característica dos antropólogos britânicos que, na ausência de um poder central instaurado, tal como o Estado, focaram suas abordagens em outras formas de divisão de poder nos locais em que realizavam suas pesquisas. O *parentesco*, desse modo, aparecia como um dos principais ordenadores das relações entre os membros dos grupos e era um fenômeno vivenciado cotidianamente nas *casas*.

A abordagem proposta pode ser resumida na seguinte passagem:

“I suggest that the very qualitative density of experiences in the houses we inhabit leads many people around the world, including the Malays with whom I lived on the island of Langkawi, to assert that kinship is *made* in houses through the intimate sharing of space, food, and nurturance

that goes on within domestic space. And because being “made” is usually opposed to being “given”, houses are good places to start examining that theme.” (Carsten 2004: 35).

Nesse sentido, cabe apresentar o modo como a *casa* se torna objeto de investigação: “(...) its starting point is a particular social institution, the “house”, which is to be understood in its social and historical context.” (Idem : 42).

Através da pesquisa etnográfica é possível relativizar os contextos em que estão os objetos escolhidos para a investigação; mais do que servir de moradia para os estudantes que vêm de outras cidades para cursarem a universidade, as *repúblicas* são locais onde muita coisa acontece.

Desde festas até reuniões entre os participantes do movimento estudantil como o CA, o DCE ou a Atlética, ou mesmo para o consumo de substâncias como bebidas alcoólicas e maconha, as repúblicas são espaços que concentram os estudantes para fora da universidade.

Todavia, antes de apresentar a descrição das casas usadas pelos estudantes, vale lembrar a definição do termo *república* no Dicionário de Ciência Política:

“Na moderna tipologia das formas de Estado, o termo República se contrapõe à monarquia. Nesta, o chefe do Estado tem acesso ao supremo poder por direito hereditário; naquela, o chefe do Estado, que pode ser uma só pessoa ou um colégio de várias pessoas (Suíça), é eleito pelo povo, quer direta, quer indiretamente (...) Contudo, o significado do termo República envolve e muda profundamente com o tempo, adquirindo conotações diversas, *conforme o contexto conceptual em que se insere*⁷⁵” (Dicionário de Política 2004).

A intenção não é, obviamente, atrelar a definição que o termo república adquire na Sociologia Política com a moradia partilhada por estudantes universitários. Antes disso, essas passagens foram apresentadas, pois ressaltam que o significado do termo analisado deva passar por uma “reavaliação” histórico-social, entendendo-o a partir de cada contexto etnográfico.

Desse modo, julgo poder trabalhar tanto com a nota de Janet Carsten, onde a análise da *casa* deva partir do tempo e do espaço em que elas estão sendo observadas etnograficamente, como também tentar entender o porquê de *república* ser utilizado na denominação das casas dos estudantes, uma vez que a própria definição assinala o caráter dinâmico do termo.

Feitas essas ressalvas, apresento agora as principais características das *repúblicas estudantis*.

⁷⁵ Grifo meu.

Dentre os locais que tive oportunidade de frequentar durante as pesquisas de campo, as *repúblicas* são dos mais interessantes; casas⁷⁶ de todos os tamanhos, organizadas dos mais variados modos e ocupadas pelas mais diferentes pessoas servem como residência para um sem número de estudantes que vão cursar a universidade em cidades fora da casa dos pais.

No início do ano letivo, a movimentação nas imobiliárias é intensa; seja para a formação de novas repúblicas ou para a transferência das antigas, *casas* são procuradas por estudantes para estabelecê-las nas cidades.

Geralmente estão localizadas em bairros próximos às universidades⁷⁷ e o ideal é que sejam grandes os suficientes para a realização de *festas*. Casas que possuem quintais espaçosos são bastante procuradas na intenção de realizarem grandes festas nesses ambientes.

O número de moradores depende de circunstâncias como o tamanho da casa, quantos interessados existem, valor do aluguel; frequentei repúblicas onde viviam três moradores e até mesmo uma casa em que moravam 12 pessoas. É mais comum, entretanto, que uma república comporte de quatro a sete pessoas, uma vez que se torna mais fácil tanto alugar uma casa compatível com essas condições, como também é um modo de baratear os custos com a moradia.

A distribuição dos quartos é um momento importante na formação ou reestruturação de uma república; a quantidade de quartos, os preços dos aluguéis e mesmo preferências pessoais dos interessados nos cômodos são levados em consideração na hora de estabelecer a divisão.

O número de moradores por cômodo pode variar; quartos individuais ou mesmo divididos por quatro pessoas são distribuídos de acordo com o consenso entre os moradores. Cabe lembrar, porém, que os espaços de uma república são fortemente coletivos, ou seja, mesmo um quarto individual pode ser utilizado por outros moradores ou agregados que não o efetivo morador.

Uma outra característica desses quartos é a organização – ou a falta dela – na arrumação das coisas: camas desarrumadas, roupas espalhadas, malas, colchões colocados no chão para eventuais visitas, enfim, pode se dizer, como os próprios estudantes afirmam, que a bagunça prevalece perante qualquer forma de organização.

A cozinha de uma república é outro espaço que apresenta marcas características suscitadas por essa residência comum. A grande circulação de pessoas pela casa, sejam moradores ou

⁷⁶ Por vezes, apartamentos também são alugados para repúblicas; pelo receio da violência, principalmente as mulheres preferem morar nos edifícios. Nesses casos, problemas com vizinhos por conta do barulho são mais frequentes ainda.

⁷⁷ Barão Geraldo, por exemplo, bairro próximo à Unicamp, é repleto de repúblicas estudantis.

agregados, promove a utilização de um elevado número de utensílios domésticos: copos, pratos, talheres e todos os demais itens usados no preparo e no consumo das refeições são deixados por sobre a pia por tempo indeterminado.

Um outro fator relacionado com a alimentação feita nas repúblicas é o armazenamento das comidas; por vezes, como são muitas pessoas que comem no mesmo local, não se sabe ou se esquece das comidas guardadas; quando isso ocorre, panelas e recipientes repletos de fungos e com um odor muito forte são encontrados na geladeira, no fogão, nos armários etc, fato que acirra ainda mais a disputa para ver quem vai lavar a louça.

Inclusive, é um dos itens que chamam a atenção na descrição de uma comunidade sobre repúblicas no orkut:

“Comunidade para aqueles que moram, moraram ou curtem alguma(s) República(s) da Cidade de Santa Bárbara. Pra você que já sofreu (louça suja, falta de papel higiênico, ceder sua cama para felicidade do seu amigo(a), filas pra tomar banho, atraso do aluguel, B.O do vizinho mala...) mas também já deu muita risada (chapação em conjunto, vender o almoço pra comprar uma cerveja, churrasco em plena segunda-feira, chegar em casa quando seu amigo está saindo pra trabalhar, confirmar desculpas esfarrapadas para namorada de seus amigos, enfim) com seus "irmãos" esta é sua comunidade. Faça deste espaço um local de divulgação para as baladas da sua Rep...”⁷⁸

Essa descrição é significativa do que é uma república; boletins de ocorrência por conta de festas noite afora que incomodam os vizinhos, muitas pessoas para usar o mesmo banheiro, bebedeira em conjunto, relações sexuais, acertos de contas mensais como aluguel, água, telefone⁷⁹.

Com relação às contas mensais, um fato até recorrente é quando, após os períodos de férias – passados geralmente em viagens ou na casa dos pais – os moradores retornam para a república e percebem que algum serviço foi cortado por falta de pagamento.

Além da dificuldade financeira, muito comum nessa fase da vida, haja vista todos os custos em morar fora para cursar a universidade, o desencontro e a dificuldade em acertar tantas contas à distância acabam por comprometer o funcionamento da república. Falta de luz, telefone, ou outro serviço é algo que, certamente, muitos moradores já enfrentaram, não só no retorno das férias, mas também quando o dinheiro de alguém está curto ou quando se esquece o pagamento.

⁷⁸ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=928304>

⁷⁹ O telefone de uma república é utilizado por outras pessoas além dos moradores. Esse uso *coletivo* pode implicar, às vezes, em elevados valores nas contas. Como certo “mecanismo de controle”, uma caneta e um papel ficam ao lado do aparelho para que, quem for usá-lo, anote seus números e pague quando chegar a conta.

Dificuldades financeiras como essas são enfrentadas pelos moradores de repúblicas com certa frequência; contas atrasadas, serviços cortados ou gastos imprevistos – como um prejuízo em uma festa realizada na casa, por exemplo – colocam em perigo as despesas do mês. Como pode ocorrer de algum morador não estar preparado para tais aumentos, uma reordenação nos gastos ajuda a superar as dificuldades: em um mês alguém paga uma conta a mais para ser descontado no mês seguinte; uma nova festa pode ser organizada para recuperar o prejuízo ou alguma outra saída criativa para driblar a falta de dinheiro.

Como são diversas contas a serem pagas, “esquemas de cobrança” são vistos em espaços coletivos da casa; lembretes com os valores referentes a cada morador são pendurados na geladeira, em quadros de avisos ou mesmo na porta de entrada para avisar como está a questão financeira. Esse é um tema tão presente no cotidiano de uma república que, por vezes, cobranças de centavos são fixadas para não deixar as contas pendentes.

Os agregados também podem participar desses arranjos: por vezes residem nas repúblicas sem pagar contas como aluguel, água ou luz; outras vezes, dividem apenas despesas individuais, como telefone ou compras da casa. A troca, contudo, pode vir em utensílios ou outras coisas, como comidas e bebidas, que os agregados dão às repúblicas: é o que se chama de “fazer uma preza”, isto é, “uma presença” atestar que, embora não participem das divisões dos gastos para com a manutenção da casa, contribuem, ou melhor, retribuem a hospitalidade da maneira como podem – inclusive ao pagar alguma conta atrasada ou cujo serviço foi cortado.

Toda essa composição que engloba moradores e agregados depende de variados motivos e, de um jeito ou de outro, coloca em íntimo contato pessoas que tenham aspirações e preferências semelhantes. Nesse sentido, observar a *decoração* das repúblicas pode ser uma boa pista para pensar sobre os motivos que levam um grupo de pessoas, que pouco se conhecem, a morarem juntas.

Nas paredes das salas principalmente, um dos objetos que mais chamam a atenção são os cartazes que enfeitam e, de certa forma, apresentam as repúblicas para seus visitantes. As referências são as mais variadas, mas cabe notar que alguns temas aparecem mais do que outros: propagandas de *courses* e *festas*, cartazes de filmes cinematográficos, conjuntos musicais, times de futebol e partidos políticos são muito frequentes e se misturam sem maiores problemas.

Uma bandeira do Corinthians e uma toalha do Palmeiras podem dividir o mesmo espaço no interior de uma pequena sala; propagandas de festas são espalhadas como forma de manter na

memória as grandes “baladas” realizadas na casa ou freqüentadas por seus moradores. Referências aos cursos podem ser vistas nos cartazes de divulgação de palestras, congressos e semanas temáticas organizadas pelos próprios estudantes membros de CA, DCE, Empresa Junior.

Com relação aos posicionamentos ideológicos ligados ao sistema partidário mais amplo da sociedade brasileira, a referência predominante parece ser os partidos considerados de esquerda; não que não exista, mas nunca pude observar nenhuma menção a partidos como PSDB ou PFL. Em contrapartida, bandeiras, adesivos de campanha, broches e cartazes de partidos como o PT, o PSTU e o PSOL são vistos com certa freqüência.

Essa referência à esquerda é ainda mais enfática quando se trata de imagens e símbolos que remetem aos seus personagens tidos como “históricos” ou representativos; fotos de Che Guevara, Marighela ou mesmo fotografias exaltando a luta do MST são muito recorrentes na decoração dos espaços coletivos.

Essa “imagem revolucionária” presente nas paredes das casas, e em vestimentas como camisetas que trazem estampadas essas mesmas figuras, pode ser reflexo daquele “tempo mítico” apontado anteriormente por um representante de uma entidade tradicional; no período em questão, os estudantes eram um dos principais grupos de oposição à ditadura militar. Esse imaginário, estritamente ligado às grandes figuras da esquerda mundial, se mantém presente ainda hoje mesmo num contexto político sabidamente diferente daquele dos anos sessenta e setenta e é uma forma de manter vivo o papel de oposição aos regimes vigentes, papel esse marcadamente atrelado aos universitários.

De volta à decoração, outra imagem típica nas paredes de uma república são os cartazes de propaganda de cerveja; especialmente nas repúblicas masculinas, haja vista que a maioria desses cartazes traz modelos femininos em poses sensuais, as paredes são repletas dessas figuras.

Embora nas repúblicas masculinas essa decoração seja mais recorrente, repúblicas femininas também colocam esses cartazes como forma de afirmar que as mulheres que residem ali são bonitas e bebem cerveja, tal como na frase estampada em baixo de uma foto propaganda da cantora Ivete Sangalo: “mulheres que bebem cerveja”.

Essa decoração é ressonante com o intenso consumo de bebidas alcoólicas, em especial, a própria cerveja; as propagandas que põem à vista inúmeras marcas da bebida são uma maneira

de mostrar para todos os freqüentadores da casa que ali é um lugar em que se bebe muito, fato bastante apreciado pelos estudantes de modo geral.

As paredes também podem ser locais onde se mantém viva a *história* de uma república; em mais de uma moradia *escrever* era o modo utilizado para decorar a casa; nessas paredes não há qualquer tipo de restrição ao quê ou a quem escreve; pode-se dizer qualquer coisa, de uma frase de algum autor famoso ou uma simples assinatura para atestar a passagem daquela pessoa pela casa, ou até desenhos e textos escritos pelos próprios moradores e agregados que, de um jeito ou de outro, indicam as preferências e os assuntos mais debatidos em cada lugar.

Duas interessantes frases podem ajudar a ilustrar uma imagem que estará presente durante todo o texto e que são consoantes com o ambiente vivenciado pelos universitários em diversos momentos de sua formação acadêmica; essas frases fazem referência às substâncias utilizadas pelos universitários que têm nas repúblicas estudantis espaços privilegiados para seu consumo: “Nunca fiz amigos bebendo leite... Sempre faço amigos bebendo cerveja” e “Drogas tô fora! ... Saí pra comprar mais!”.

Essas frases denotam aspectos de como se dá a sociabilidade universitária nessas moradias; o consumo diário de bebidas alcoólicas e de substâncias consideradas ilícitas, como a maconha⁸⁰, é feito *coletivamente* entre moradores e agregados das repúblicas. Não há qualquer tipo de restrição em se ter frases com esses conteúdos estampadas na cozinha⁸¹; pelo contrário, essas manifestações são esperadas e apenas retratam o cotidiano vivenciado pelos estudantes.

Toda essa decoração feita nas paredes das casas, além daquelas que estampam fotos e imagens dos próprios moradores em quadros dispostos por todo lugar, é um modo de tornar público os posicionamentos e preferências dos estudantes; as paredes das repúblicas são uma espécie de mural, onde os temas favoritos dos moradores e agregados são colocados de modo que se tornem visíveis a todos os freqüentadores. Mais do que isso, é uma forma de comunicarem ideais e interesses que são partilhados *coletivamente*.

Vale lembrar que os estudantes são muito comunicativos; como exemplo, basta retomar as paredes do RU da UFSCar onde se encontra todo tipo de propaganda: festas, móveis para vender,

⁸⁰ É comum encontrar bandeiras, faixas ou outros símbolos com as cores da Jamaica; fotos e imagens de Bob Marley também são muito recorrentes na decoração para enfatizar o consumo de maconha.

⁸¹ O único problema causado por essas frases, tal como me foi contado por um morador da casa em que estava estampada a frase sobre as drogas, foi quando os familiares de um morador foram conhecer a casa e, de certo modo, se espantaram com aqueles dizeres em plena parede da cozinha.

casas para alugar, congressos, torneios etc; essa contigüidade na decoração ainda é visualizada em outros espaços, como nas salas dos CAs, DCE, pontos de ônibus.

Já a comunicação interna às casas reflete as preferências e as atividades nas quais seus moradores e agregados mais estão envolvidos em sua graduação; é uma maneira de expressar posicionamentos dentre as tantas possibilidades que se encontram na universidade.

Esse é o sentido da palavra “república”, espaço que nunca deixa de ser público e sempre expressa um conteúdo *simbólico* e *político*.

A decoração mais recorrente nos espaços coletivos dessas moradias, assim como o processo de nomeação das repúblicas, são momentos em que as principais características da “vida universitária” podem ser apresentadas. Os temas presentes nos nomes e nos cartazes colados nas paredes traduzem, para dentro do ambiente doméstico, acontecimentos rotineiros que envolvem os estudantes.

Festas, esportes, bebedeiras, posicionamentos políticos e outros assuntos são lembrados apenas por fazerem parte do imaginário estudantil. Através dos nomes e das decorações, preferências individuais e coletivas são comunicadas entre aqueles que dividem o mesmo espaço, moradores ou agregados. É um modo de afirmar, no plano mais íntimo das relações, ou seja, nas *casas*, características que acompanharão os moradores por toda “vida universitária”.

As decorações existentes nas repúblicas são uma forma de comunicar as relações mais presentes em cada uma delas, sejam os cursos, os movimentos tradicionais, a Atlética. Assim, pude ver a parede da sala de uma república de membros da Atlética completamente tomada por cartazes de competições esportivas, de festas organizadas pela própria Atlética, como a Tusca ou os bailes rotineiros – alguns realizados na própria república – e, numa república de integrantes do movimento estudantil tradicional, toda sorte de imagens dos ícones da esquerda, além de inúmeros cartazes de propagandas de festas⁸².

O que deve ser ressaltado nas relações e nas decorações existentes nas repúblicas é o modo como as temáticas presentes refletem características marcadamente universitárias. O consumo de bebidas e substâncias alucinógenas, as práticas esportivas, a coletividade, isto é, a divisão de produtos de toda sorte, enfim, retratam o cotidiano vivido não só dentro de casa, mas em outros momentos da vida universitária.

⁸² Lembro-me que a última frase dita na entrevista com o representante do movimento estudantil tradicional foi: “Todos os estudantes vão às festas”, ou seja, por mais que se diferencie os grupos existentes na universidade, algumas temáticas, como as *festas* e os *esportes*, transcendem as segmentações.

Nesse sentido, outros contextos etnográficos podem ser retomados para atestar o modo como a *casa* é um espaço onde a estrutura social é reproduzida através das relações cotidianas.

Lévi-Strauss, por exemplo, lembra a casa Sumatra onde:

“(...) por sua rica decoração, sua complicada arquitetura, pelo simbolismo conferido ao elemento da construção, pela distribuição do mobiliário e pela repartição dos habitantes, a habitação constitui um verdadeiro microcosmo que reflete, até nos menores detalhes, uma imagem do universo e todo o sistema das relações sociais.” (Lévi-Strauss 1986 : 191).

Menos nos aspectos relacionados com as construções e a arquitetura das casas, uma vez que as repúblicas não são construídas pelos estudantes e sim alugadas nas cidades em que se encontra a universidade, mas com referência a outros aspectos, como a rica decoração, a distribuição dos móveis e a divisão dos moradores, uma aproximação entre esses diferentes contextos pode ser estabelecida.

A idéia da casa enquanto “microcosmos” onde a estrutura social é reproduzida dentro do espaço doméstico vem no sentido de que a sociabilidade vivida nas repúblicas reflete o plano maior das relações estabelecidas durante a graduação. As temáticas mais rotineiras entre os universitários, *política, esporte e festa*, são traduzidas quer nos nomes, nas decorações ou mesmo nas atividades que têm nas repúblicas espaços privilegiados para acontecer.

Ainda aqui, cabe lembrar Pierre Bourdieu e o modo como a organização da casa Kabila transporta as relações existentes no âmbito da comunidade para dentro das moradias (Bourdieu 1999).

Quando o autor analisa a organização espacial da casa, comparando-a com os princípios que regem a vida social de determinado lugar, estabelece que isso deve ocorrer de modo a internalizar nas pessoas elementos da cosmologia que se encontram presentes na estrutura social. A casa, nessa perspectiva, passa a ser entendida como uma espécie de “microcosmos” por atualizar, no âmbito mais íntimo e familiar, as relações tais como elas são vivenciadas na vida em comunidade.

O que deve ser ressaltado é a construção espacial da casa sendo feita de modo a atualizar, naquele espaço, as mesmas relações presentes na estrutura social daquele lugar. Assim, a hierarquia de gênero é percebida a todo o momento, transmitindo a idéia de que tal hierarquia deve ser entendida como algo naturalmente dado, pois está presente em todos os níveis da vida social, desde a organização espacial da casa, até a divisão sexual do trabalho. Isso permite a Bourdieu dizer que a reprodução social do significado é mais importante do que o fato em si;

neste caso, a hierarquia de gênero como princípio ontológico, antes do que um simples modo de separar os espaços masculinos e femininos no interior da casa.

As repúblicas também oferecem um caminho para se falar sobre o “microcosmo” vivido dentro da casa; o processo de nomeação, a decoração das paredes, a comensabilidade, as mobílias recorrentes, o consumo de tais substâncias, a divisão dos quartos e dos outros espaços atestam para características que podem ser encontradas em outros momentos da “vida universitária”.

A presença marcante das *relações hierárquicas*, a positividade da *loucura*, enquanto uma categoria nativa, a *coletividade* são temas vividos cotidianamente e, nas repúblicas, se apresentam de maneira exacerbada porque no plano doméstico.

A hierarquia está presente na vida universitária e tem nas repúblicas o espaço mais íntimo em que tais relações são estabelecidas; a diferenciação entre calouros e veteranos é sempre enfatizada, seja nas tarefas destinadas aos novatos, nas pilhérias das quais estes são alvos, ou mesmo nos tratamentos pessoais, isto é, muitos novatos são chamados simplesmente por “bixo” por tempo indeterminado.

Em festas de confraternização entre turmas de diferentes períodos, mas que moraram na mesma república, é usual que se realizem atividades para afirmar a *hierarquia*. Uma delas é conceder ao morador mais antigo que estiver presente o direito de fazer um pedido. A ordem é passada entre os presentes de modo a seguir a ordem hierárquica, do mais velho até o mais novo. Ao chegar nesse morador, a ordem deve ser cumprida. Esse é um exemplo de como essa característica da vida universitária, a *hierarquia*, está presente na moradia em comum.

Vale lembrar, contudo, que mesmo as relações hierárquicas são vivenciadas, na maioria dos casos, de modo pacífico e amistoso entre *bixos* e veteranos. Abusos contra os recém-chegados não são bem vistos e o que se espera, acima de tudo, é uma relação sadia entre todos⁸³, especialmente entre aqueles que partilham a mesma moradia.

Assim como a hierarquia, outras características da “vida universitária” podem ser apresentadas a partir do que já foi dito sobre as repúblicas. A *loucura*, por exemplo, é uma das

⁸³ Um exemplo dessa vontade é um coro sempre cantado nos torneios, por várias universidades, contra a USP São Paulo: “USP assassina, o japonês, está dentro da piscina”. O coro faz alusão à violência depreendida por alguns veteranos durante um trote da Faculdade de Medicina da USP. Um rapaz que havia acabado de ingressar no curso foi encontrado morto no fundo da piscina que estava sendo utilizada para “trotos” com os calouros. Desde esse episódio, um maior rigor e fiscalização são observados por autoridades como as reitorias e coordenações de cursos, além da própria “punição” cantada pelos estudantes que se indignam até hoje com esse ato de violência.

categorias nativas mais utilizadas para exprimir certos estados de embriagues ou alucinação promovidos pelo consumo de substâncias como bebidas alcoólicas e maconha. Mas não apenas isso, uma vez que também pode designar muitas outras coisas através do adjetivo “louco”; louco pode ser alguém que está bêbado, um bom livro, uma festa divertida, uma boa casa para se morar, enfim, qualquer coisa que manifeste interesse; o sinônimo “insano” também é utilizado em sentido semelhante. O nome e a descrição de uma república pode ser ilustrativo: “USPício: A rep mais loka de todas!”

Outra característica marcante presente no cotidiano dos estudantes é a *comunhão* na partilhada de toda sorte de produtos e objetos; noções de público e privado são entendidas de modo diferente, uma vez que o uso da maioria das coisas é público, ou seja, mesmo que essa coisa tenha um dono original, todos os moradores e agregados acabam por usufruir os produtos. Não se subsume a propriedade, mas antes a exclusividade sobre a utilização daquela coisa, seja comida, livros, roupas, aparelhos eletrônicos.

Nesse sentido, *comunhão* estaria apontando para o caráter eminentemente *coletivo* das relações estabelecidas; desse modo, a continuação da definição do termo república no Dicionário de Ciência Política aponta para um caminho que pode aproximar a definição sociológica de *república*, com as moradias estudantis:

“Com *res publica* os romanos definiram a nova forma de organização do poder após a exclusão dos reis... Com efeito, *res publica* quer pôr em relevo a *coisa pública*, a *coisa do povo*, o *bem comum*, a *comunidade*”.⁸⁴

A comunhão existente entre os moradores de uma mesma república, assim como a troca coletiva de todos os tipos que ocorrem cotidianamente nessas casas, são alguns dos fatores na sugestão da hipótese de que a moradia comum pode estabelecer eventuais laços de parentesco mesmo entre aqueles que não possuem nenhuma relação sanguínea.

Não pretendo, obviamente, afirmar que essa relação “construída” entre os moradores assumo o mesmo status da relação consanguínea. Antes disso, cabe registrar um espaço onde intensas relações são cotidianamente vivenciadas pelos estudantes universitários, relações essas que se aproximam de diversos processos analisados em outros contextos históricos e sociais em que o parentesco é estabelecido a partir da moradia comum e da partilha de substâncias. Falta definir, entretanto, o conceito de *substância*.

⁸⁴ Grifo meu.

2. Substâncias

Ao fazer uma avaliação desse conceito no interior do discurso antropológico sobre o parentesco, Janet Carsten constata a variedade de significados atribuídos por diferentes autores; chega mesmo a afirmar que essa multiplicidade, por vezes, estabeleceu significados opostos e contraditórios de acordo com o contexto etnográfico em que foi elaborado⁸⁵.

Apenas na descrição do verbete no Oxford Dictionary aparecem mais de vinte definições para o termo. Pensando nessa variedade, a autora diz:

“Substance was a kind of *catch-all term* that can be used to trace the bodily transformation of food into blood, sexual fluids, sweat, and saliva, and to analyse how these passed from person to person through eating together, living in houses, having sexual relations, and performing ritual exchanges.” (Carsten: 109)⁸⁶.

Por conta disso, a utilização desse termo ficava prejudicada na análise, pois deveria sempre se fazer uma série de restrições e cerceamentos a respeito do significado que era atribuído a cada momento.

Com esse cenário, estudar o parentesco a partir do conceito de *substância* representava uma grande dificuldade. Na tentativa de fugir desse imbróglio, a autora se apóia na obra *The Gender of the Gift*, de Marilyn Strathern, e o modo como outras categorias ganham centralidade nos contextos estudados por essa autora. Ao focar principalmente as teorias nativas sobre a construção da Pessoa, a autora prima por uma análise processual, onde as relações estabelecidas entre os agentes são mais relevantes do que a materialidade das substâncias envolvidas no processo⁸⁷.

⁸⁵ Os principais contextos retomados são os EUA, a partir da obra “*American Kinship*” de David Schneider, a Índia, com diferentes autores e a Melanésia, com base principalmente nos trabalhos de Marilyn Strathern.

⁸⁶ Grifo meu.

⁸⁷ Na Melanésia, segundo Marilyn Strathern, a questão da troca de substâncias assume uma diferença entre aquelas já estabelecidas sobre a reprodução sexual. Na relação entre irmão e irmã, o primeiro é responsável pela produção de *yams*, entidade metafísica que representa a parte masculina, enquanto a irmã é responsável pelo armazenamento e crescimento desse *yams* em sua barriga. O tabu do incesto impede que irmãos e irmãs tenham relações sexuais. Por conta disso, o marido da irmã tem o papel de “abrir o caminho” para os *yams* de seu cunhado se alojarem na barriga de sua esposa para poderem crescer. Nesse processo, mãe e filho são uma mesma entidade composta do sangue *dala*, que é o sangue do clã matrilinear. O pai não tem qualquer participação na constituição corpórea do feto enquanto ele está na barriga da mãe. Sua tarefa é, na hora do parto, separar a criança que está nascendo de sua esposa, pois essa separação garantirá a forma externa que a criança terá, responsabilidade do pai. O irmão da mãe contribui com seu *yams* que é o filho que vai nascer, isto é, o crescimento do filho é o crescimento do *yams* do irmão, nada de substâncias. Com o pai, ocorre a alimentação durante a infância da criança, mas, como vimos, o pai não é responsável pela parte interna da criança, apenas pela parte externa. O mesmo ocorre na relação do bebê com a mãe, pois não estão conectadas

Diferentemente de outras definições levantadas, onde a substância era entendida por sua materialidade, o que se tem nessa obra é a qualidade *inerentemente relacional* assumida pelo termo. A troca de substâncias é uma forma de colocar pessoas em relação; importa menos a constituição material dessas substâncias do que as relações que o consumo, a partilha e/ou troca destas instauram entre diferentes pessoas.

Apoiada nessas definições, Janet Carsten relata seu próprio trabalho de campo com os habitantes da ilha de Langkawi, no sudeste da Malásia para afirmar a qualidade relacional desse termo.

Nesta ilha o sangue é algo de reconhecida importância para os nativos, assim como o leite materno – também chamado de “sangue branco”. Todavia, ao contrário do constatado no parentesco americano, onde o sangue é uma substância *imutável e separada do código* que o formula (Schneider : 1980), sendo o mesmo do dia em que a pessoa nasce até o dia em que ela morre, não importando o que ou com quem consumir qualquer coisa, entre os habitantes dessa ilha o sangue pode ser alterado.

Partilhar refeições com outras pessoas, por exemplo, é um modo de transformar o sangue daqueles que participam desse processo; esta partilha, a residência comum e outras relações que se estabelecem em conjunto possibilita a falar sobre a formação da Pessoa e as relações de parentesco. Todavia, mais importante do que a composição ou a transformação do sangue, são as *relações* que possibilitam que o sangue seja transformado. É nesse sentido que o termo *siblinship* relata a criação de laços de parentesco entre crianças locais e estrangeiras que são criadas juntas: “Those who eat the same food together in one house also come to have blood in common, and this is one way in which foster children and affins become connected to those with whom they live” (Carsten 2004 : 129).

Como foi dito, não se trata de transportar outros contextos para o cotidiano universitário; a questão reside nas *relações*. Se, entre os malaios, a formação da Pessoa está atrelada ao consumo e a troca de determinadas substâncias, da co-residência e de diversos outros processos resultantes

por nenhum tipo de substância. Resumindo a argumentação, pode-se dizer que não há troca de substâncias, pois não há substâncias. Na Melanésia, uma não-substância é não-maleável (o *yams* do irmão é o mesmo sempre, desde sua instalação na barriga da mãe, até a morte da pessoa), além de não ser transmitida, uma vez que o irmão coloca simbolicamente seu *yams* na barriga de sua irmã e as substâncias do pai não são transmitidas ao filho. Desse modo, assim pode ser resumida a contradição enunciada acima: EUA: substância: imutável e separada do código; Índia: substância: mutável e inseparável do código; Melanésia: não substância: imutável e não transmitida.

desses primeiros, entre os universitários essa formação é perpassada por algumas relações homólogas.

Mesmo que o interesse resida principalmente nas relações estabelecidas, é importante ressaltar as diferenças entre aquilo que é consumido e para que é consumido. Esse é um dos suportes que a pesquisa etnográfica permite. Tal como o arroz é um alimento de suma importância e seu consumo conjunto pode estabelecer relações de parentesco entre os malaios estudados por Janet Carsten, entre os universitários outras substâncias assumem semelhante valor, tal como a cerveja e a maconha. Todavia, o interesse nesse consumo pode não ser o parentesco, mas certamente é *partilhar a loucura* entre aqueles que fazem parte de um mesmo universo onde, diga-se de passagem, essa categoria assume destacado valor.

Esse consumo ocorre principalmente nas *festas universitárias*. É importante ressaltar que a *festa* é um acontecimento diário na vida desses estudantes; tudo se torna pretexto para festejar e isso pode ser evidenciado nos motivos levantados para a realização de festas – entre os mais inusitados que recordo estão, o “Aniversário do Podrão”⁸⁸ e a comemoração pelo atentado de 11 de Setembro contra as torres gêmeas. O *batizado*, por exemplo, é uma típica festa de república e é ilustrativa da presença das *substâncias*, inclusive, no processo de nomeação dos universitários.

O batizado é uma festa de recepção aos calouros realizada anualmente; geralmente ocorre logo nas primeiras semanas de aula para possibilitar a integração entre *bixos* e veteranos. A idéia principal é atribuir *nomes* aos calouros, nomes pelos quais serão conhecidos durante sua estada na universidade. Alguns calouros já recebem seus nomes em momentos anteriores, como no pedágio ou, eventualmente, até mesmo na matrícula; todavia, o batizado reitera o modo como as pessoas serão chamadas.

Os temas presentes nesse processo de nomeação são semelhantes àqueles utilizados nos nomes e decorações das casas, isto é, remetem ao consumo de substâncias alucinógenas, relações sexuais, características individuais e um extenso e criativo leque de possibilidades que dependem muito da relação estabelecida entre *bixos* e veteranos.

Um nome ilustrativo da presença do consumo de substâncias alucinógenas é o de uma garota conhecida como Loló; loló é um dos genéricos do lança-perfume, composto por princípios ativos

⁸⁸ Podrão é um cachorro que passa a maior parte do tempo nos prédios de sala de aula da UFSCar. É uma figura muito conhecida e estórias sobre ele são contadas anualmente. Entre as mais famosas estão a que ele é pai de oitenta por cento dos cachorros de rua existentes em São Carlos, por isso foi castrado, e também a estória de que ele poderia estar formado, tamanho é o número de aulas que ele já “assistiu”.

semelhantes. O apelido foi dado por um veterano conhecido como Clorô, um diminutivo de clorofórmio, outra substância utilizada como alucinógeno.

Repare que as substâncias podem, inclusive, estabelecer uma contigüidade entre calouros e veteranos; relação essa mediada pela intensidade com que tais substâncias são consumidas, especialmente em momentos de festa⁸⁹.

As festas, todavia, serão abordadas em outro momento da pesquisa; por hora, cabe estabelecer que um dos motivos para a grande quantidade de festas é *beber*. Beber em uma festa é partilhar as mesmas substâncias com um número elevado de pessoas; é estar em relação com elas.

Sem sombra de dúvidas, a cerveja é a bebida mais consumida. Nas festas em repúblicas, caixas e mais caixas de cerveja são consumidas coletivamente. Nas *cervejadas*, por exemplo, distribui-se gratuitamente a bebida noite afora; quando eventualmente acaba, uma maneira de prolongar a festa, e o próprio consumo, é “passar o chapéu”.

Passar o chapéu é fazer uma arrecadação entre todos os presentes onde cada um doa a quantia que pode para a compra de mais bebidas; é um modo de unir os participantes em torno daquilo que está sendo consumido coletivamente. Em outras festas, onde é necessário que se compre a bebida, bares improvisados são montados para facilitar essa aquisição.

O consumo da maconha também se dá de maneira muito intensa; embora seja uma substância legalmente proibida, é consumida em diversos ambientes que são utilizados para a realização de festas. Esse consumo, todavia, é mais receoso, principalmente pelo trabalho de seguranças particulares e também da polícia, que vigiam os locais onde as festas ocorrem. Por conta disso, as repúblicas se tornam lugares seguros para o consumo dessa substância.

Ainda no que diz respeito da importância em se partilhar a *loucura* quando se trata das relações entre os universitários, um relato sobre a maconha pode ser ilustrativo. Em uma visita a uma república, fui convidado a ir para uma outra casa para “fazer um corre”⁹⁰. Aceitei o convite e partimos para a empreitada.

⁸⁹ “Cachaça”, “Maconha”, “Bala”, “Punheta”, “Boi Reprodutor”, “Porco”, “Karimets” são apenas alguns outros nomes que ilustram as referências mais marcantes. Em outros casos, até mesmo um “sobrenome” é dado, tal como quando se pergunta ao calouro qual o seu nome e ele responde: “Sofia”, então se questiona pelo sobrenome: “Da Puta”, ou seja, o nome é “Sofia da Puta”.

⁹⁰ “Fazer um corre” é uma expressão nativa e significa ir atrás de comprar maconha.

Não pretendo descrever os meios pelos quais a maconha é adquirida na cidade, haja vista a ilegalidade do processo. Antes disso, o interesse reside nos acontecimentos posteriores à chegada do produto.

Havia entre cinco e seis pessoas envolvidas no negócio aguardando ansiosas os resultados daquela transação – todos estudantes. Depois de algum tempo, e já com o “tijolo”⁹¹ em mãos, os participantes se reuniram em torno de uma mesa para fazer o “corte”. Nesse momento, um deles pegou uma régua, uma faca e um martelo para fazer a separação.

O corte tem que ser feito após o consenso geral sobre os tamanhos e valores de cada parte; assim, depois de cortado cada participante tem direito apenas ao pedaço que lhe foi destinado, sem direito à reclamação.

O principal motivo para descrever essa cena está no que sobrou desse corte. Enquanto eram separados os pedaços, uma quantidade considerável de maconha era deixada por sobre a mesa. Depois de terminado o corte e distribuídos os pedaços, um dos participantes alegou que precisava ir embora, pois já estava tarde. Prontamente, todos os outros disseram que ele não poderia ir, antes de fumar um baseado daquele fumo que havia sido comprado. Essa “sobra” é exatamente utilizada para isso, ou seja, reúnem-se todos os participantes para fumar o que foi conseguido em conjunto. Os presentes estavam relacionados pela maconha e a “sobra” é um meio de fazer com que todos fumem do mesmo fumo, da mesma substância conjuntamente. Partilhar a maconha é partilhar a *loucura* obtida em conjunto.

Até mesmo as disputas esportivas que se realizam entre as repúblicas têm como pano de fundo, por assim dizer, instaurar relações através do consumo de algumas dessas substâncias. O último Inter-Rep realizado na cidade de São Carlos teve como prêmio para a república campeã duas caixas de cerveja e para o segundo colocado uma caixa⁹². Vale lembrar que, por vezes, essas caixas são consumidas entre os jogadores de ambos times, ou seja, somam-se os prêmios e partilha-se a bebida.

Além das festas e das repúblicas outros espaços da cidade são ocupados pelos estudantes para esse consumo. Bares, lanchonetes e restaurantes são pontos de encontro para fora dos domínios

⁹¹ “Tijolo” é o nome usado para se referir a uma grande quantidade de maconha. A referência se dá pelo formato muito semelhante a de um tijolo comum, haja vista que o fumo vem prensado.

⁹² É corrente a disputa de campeonatos Inter-Repúblicas, principalmente disputas de futebol de salão ou em grama sintética. Os times devem ser formados somente por moradores ou apenas um agregado por cada república.

da universidade; são espaços ocupados pelos estudantes onde a “vida universitária” é partilhada diariamente.

Esses espaços estão inseridos no que gostaria de denominar *circuito universitário* das cidades. A idéia de “circuito” soma-se a toda a discussão feita por José Guilherme Magnani sobre os espaços da metrópole, o “pedaço”, a “mancha”, o “trajeto”:

“E, por fim, a noção de *circuito*, que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, *sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários*”. (Magnani: 1999; 45)⁹³.

Como todo esse ambiente universitário também está localizado na cidade, algumas características diferenciam sobremaneira os universitários dos moradores da cidade, os chamados “minhoca”⁹⁴. É claramente diferente o “estilo de vida” (Bourdieu: 1996) dos universitários do ritmo dos moradores da cidade.

Essa diferença é construída cotidianamente e o relato sobre os boletins de ocorrência atesta que essa relação nem sempre é pacífica. Ser universitário na cidade não é apenas estar em algum curso superior; é estar inserido em um sistema de relações que estabelecem entre si; festas diárias, excessivo consumo de bebidas alcoólicas e de maconha, moradia comum, enfim, inúmeras atividades cotidianas realizadas coletivamente.

3. Considerações finais

Ao apresentar um pouco do cotidiano de uma república e de algumas relações constituídas entre os estudantes universitários pretendi dar uma contribuição a partir de um pretenso “parentesco” estabelecido entre esses agentes a partir de noções como *casa* e *substância*.

Seguindo essa abordagem, procurei mostrar que esses mesmos processos de construção da Pessoa, de laços de parentesco através da comensabilidade e da moradia comum, justapostos uns aos outros, ocorrem em espaços abertos e coletivizados, que são as *repúblicas estudantis*. Nesse sentido, cabe aproximar a idéia da casa enquanto “microcosmos” da vida em comunidade, ou seja, as repúblicas como espaços onde as relações internas às casas refletem as principais características do universo social no qual ela está inserida.

⁹³ Grifo meu.

⁹⁴ A expressão ressalta aqueles que “são da terra”, ou seja, os moradores da cidade em que está localizada a universidade.

Ser universitário é mais do que estar matriculado em alguma universidade; é partilhar experiências diárias com pessoas que levam vidas semelhantes e que participam de um mundo muito próximo. A moradia em repúblicas, a participação nos torneios, a constante realização de festas, a prática de esportes, o envolvimento nas mais variadas entidades representativas, o consumo de substâncias, e outras características, estabelecem uma aproximação entre os estudantes dos mais variados cursos e universidades.

Nesse sentido, propus uma analogia entre alguns processos levantados pelos autores aqui trabalhados com a minha própria pesquisa etnográfica. Muitos desses processos acabam por assumir diferenças e similitudes, tal como em toda comparação.

Cabe agora apresentar como algumas dessas temáticas se repetem em outros contextos da vida universitária, mais especificamente nos Torneios Universitários, momentos em que muitas das características levantadas até aqui se apresentam mais explicitamente.

III. Esportes, jogos ou festas? A sociabilidade nos preparativos e acomodações dos torneios

Antes de abordar especificamente os torneios universitários, base desta pesquisa, algumas considerações preliminares poderão ser válidas na elaboração de um panorama mais geral no qual eles estão inseridos. Nesse sentido, a apresentação de algumas entidades oficiais ligadas ao esporte universitário, a presença da *segmentaridade* e da *rivalidade* na organização dos torneios universitários e algumas atividades constituintes, como as *viagens* e os *alojamentos*, apresentariam os contrastes que proporcionam aos universitários a participação cada vez mais crescente, vale ressaltar, nesses eventos.

1. Breve histórico de algumas entidades ligadas ao desporto universitário

Um breve histórico de algumas entidades responsáveis pela gestão do esporte universitário, assim como das próprias competições que organizam, é um começo para debater sobre as diferentes *formas-representações*⁹⁵ sob as quais são praticadas as mais variadas modalidades esportivas.

As primeiras competições universitárias realizadas no Brasil ocorreram em 1916 e contaram com a participação de atletas do Rio de Janeiro e São Paulo. Em maio de 1935, a capital paulista foi a primeira a sediar uma competição envolvendo estudantes de outros estados; atletas da Bahia, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo disputaram em cinco modalidades.

Em 1941 – ano que marca uma intensa reestruturação do papel desempenhado pelos esportes dentro do projeto pedagógico centralizador getulista – foi criada a Confederação dos Desportos

⁹⁵ Tal como foi visto, a idéia sobre as *formas-representações* desencadeadas no âmbito esportivo, mais especificamente sobre o futebol, está baseada em Toledo (Toledo 2002) e será trabalhada em diferentes momentos.

Universitários, que mais tarde daria origem à atual Confederação Brasileira de Desportos Universitários, a CBDU⁹⁶.

Desde sua fundação, a entidade organiza competições esportivas em diversas modalidades e os JUBs, Jogos Universitários Brasileiros – realizados agora em parceria com o Ministério do Esporte e a União Nacional dos Estudantes (UNE)⁹⁷.

Segundo a página oficial da CBDU na Internet:

“Os Jogos Universitários Brasileiros são realizados a cada ano em uma cidade diferente e disputados em sete modalidades obrigatórias (atletismo, basquete, vôlei, handebol, futsal, judô e natação) e até cinco opcionais, indicadas pelo Comitê Organizador da cidade-sede. A CBDU também organiza Campeonatos Brasileiros Universitários, geralmente nas modalidades que não participam dos JUBs. Tanto os Jogos Universitários Brasileiros quanto os Campeonatos Brasileiros Universitários são abertos a todas as Instituições de Ensino Superior (IES) e a seus alunos de 17 a 28 anos de idade. O registro dos estudantes nessas competições deve ser efetuado na CBDU pelas IES, por meio das Federações dos Estados”.

Nota-se também o papel idealizado desses jogos no âmbito institucional no esforço de aproximá-los à prática competitiva de alto rendimento, entendendo o esporte como prática gregária e “civilizadora” (Elias 1992) :

“O grande número de competições promovidas pela CBDU permite e motiva a continuidade dos programas desportivos nas Instituições de Ensino Superior, estreitando cada vez mais o contato entre o segmento do Desporto Educacional e os meios *político, acadêmico e esportivo*. Além do esporte, a Confederação Brasileira do Desporto Universitário organiza atividades culturais e científicas que buscam a integração dos participantes e proporcionam aos estudiosos do esporte oportunidade de capacitação específica. Tudo isso para discutir e desenvolver constantemente a simbiose entre a Educação, a Cultura e o Desporto”⁹⁸.

Segundo a lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975, assim estão discriminadas todas as práticas esportivas institucionalizadas do país: “Art 9º - O Sistema Desportivo Nacional é integrado por órgãos públicos e entidades privadas que dirigem, orientam, supervisionam, coordenam, controlam ou proporcionam a prática do desporto no País. Art 10. Para efeito de definição do

⁹⁶ “Fundada em 9 de agosto de 1939, a Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU) só foi oficializada dois anos depois pelo Decreto nº 3.617, de 15 de setembro de 1941, assinado pelo presidente da República Getúlio Vargas. Em 29 de abril de 1998 (...) a CBDU é confirmada como Entidade de Administração do Desporto Universitário Brasileiro, com poderes e direitos equivalentes às demais entidades de administração do desporto”. www.cbdu.com.br

⁹⁷ Repare, desta vez no plano nacional, na injunção de uma entidade tradicional de participação estudantil, a UNE, com disputas e competições esportivas que envolvem os universitários.

⁹⁸ Grifo meu. www.cbdu.com.br

Sistema Desportivo Nacional são reconhecidas as seguintes formas de organização dos desportos: I - comunitária; II - *estudantil*; III - militar; e IV - classista”⁹⁹.

Especificamente no que se refere ao desporto *estudantil*, assim está subdividido: “Art 26 - Para efeito de sua organização e estruturação, o desporto estudantil será dividido em universitário e escolar. § 1º - O desporto universitário abrange, sob a *supervisão normativa* do Conselho Nacional de Desportos, as atividades desportivas dirigidas pela Confederação Brasileira de Desportos Universitários, pelas Federações Desportivas Universitárias e pelas Associações Atléticas Acadêmicas”¹⁰⁰.

Algumas categorias nativas, que definem as falas mais institucionais no que se refere ao estatuto pedagógico de tais jogos, expressam idealmente os propósitos das entidades ditas oficiais:

“A filosofia da CBDU está baseada nas noções de amizade, fraternidade, perseverança, integridade, cooperação, esforço e esporte limpo. A intenção é estimular os jovens a conquistar, por meio dos valores morais, êxito na vida acadêmica e na carreira esportiva”.

Nos jogos universitários brasileiros ocorridos em julho de 2004, tais propósitos assim se justificavam: “É assim que o Brasil se supera tanto no esporte quanto na solidariedade”¹⁰¹.

Outras entidades responsáveis pela organização da prática esportiva nas universidades brasileiras, inclusive discriminadas na lei que coordena os esportes no Brasil, são as Federações Estaduais.

A FUPE, por exemplo, Federação Universitária Paulista de Esportes, é uma entidade que organiza competições esportivas em diversas modalidades ao longo do ano e um grande torneio semestral, o JUSP, Jogos Universitários de São Paulo. Além desse torneio e de outras competições esportivas envolvendo modalidades mais conhecidas, campeonatos de esportes como sinuca, boliche, donwhill e surf também têm espaço na agenda dessa entidade.

Ao final de cada ano, uma competição organizada pela FUPE merece destaque: é o “Beach Games”, uma espécie de “jogos de verão” envolvendo as atléticas filiadas que disputam toda a sorte de esportes praticados na praia, desde vôlei de areia e Futevôlei, até Hand Beach e natação.

⁹⁹ Grifo meu.

¹⁰⁰ Grifo meu.

¹⁰¹ www.cbdu.com.br

A última edição desses jogos foi realizada na praia de Maresias, em São Sebastião litoral norte de São Paulo, e contou com a participação de muitos estudantes¹⁰².

Estas competições esportivas universitárias estão amparadas por uma complexa moldura institucional que as definem legalmente como práticas oficializadas; seus propósitos muitas vezes coadunam-se às representações simbólicas que sustentaram projetos ideológicos conhecidos, por exemplo o projeto nacionalista de reestruturação dos esportes no período getulista¹⁰³.

Existem ainda, para além dessa organização em nível nacional que mobiliza, como resumimos acima, várias esferas (Ministério, Confederação, Federações, União Nacional de Estudantes), outras modalidades de jogos universitários organizados em níveis mais locais cuja competência está centrada nas *Atléticas Acadêmicas*.

Tais torneios diferem das competições realizadas pelas entidades oficiais, pois são arranjos que compatibilizam e mobilizam outras esferas de interesses e *representações* para além dos propósitos *esportificados* norteados pela noção de “alto rendimento”. Tal noção está baseada em Elias (1992), e aponta como os jogos e divertimentos foram, ao longo do processo dito “civilizador”, agregando determinados aspectos, tais como a fixação das regras, de modo a tomarem uma nova configuração no âmbito dos divertimentos nas sociedades ocidentais.

Acredito que algumas falas das entidades responsáveis pela gestão do desporto universitário nacional vão de encontro ao que se entende pelo “processo de esportificação”; todavia, os torneios aqui abordados congregam outros aspectos da sociabilidade juvenil, especialmente aqueles relacionados às *festas*. A diferença entre essas competições é o principal fator na sugestão da hipótese de que os esportes devem ser entendidos de acordo com o local em que são praticados e as *formas-representações* criadas estão em ressonância com o ambiente vivido.

Além disso, o modo como as competições entre as *Atléticas Acadêmicas* são organizadas aponta para a *segmentaridade* como princípio nas relações entre os estudantes.

¹⁰² Ao longo do ano as atléticas filiadas a FUPE são distribuídas em três séries de acesso: bronze, prata e ouro. As competições são realizadas em diferentes modalidades e um eventual acesso é muito comemorado pelos times. Esse é um outro aspecto da *segmentaridade* nas relações envolvendo práticas esportivas e estudantes universitários. Mais à frente.

¹⁰³ A propósito, consultar *Os dois corpos do sujeito. Educação física e nação no Brasil sob Vargas*, de Román Goldenzweig.

2. A segmentaridade na organização dos eventos

Um modo de apresentar a maneira pela qual as competições esportivas são organizadas pelos próprios universitários é atentar para como os processos de *fusão e segmentação* (Evans-Pritchard 2002) pautam as relações entre as entidades estudantis.

Antes porém, cabe estabelecer que o *esporte* está muito presente na Universidade; modalidades variadas, coletivas ou individuais, são praticadas diariamente pelos estudantes, seja com objetivos competitivos, por *hobby* ou atividade física. Por vezes, modalidades pouco conhecidas ou difundidas para fora da Universidade atraem muitos interessados no aprendizado de uma nova técnica: rúgbi, pólo aquático e até mesmo o handebol são esportes com pouca inserção na sociedade brasileira, mas que, na Universidade, são praticados e merecem lugar de destaque¹⁰⁴.

Além dessa atividade diária, competições envolvendo diferentes *totalidades* são organizadas e praticadas pelos estudantes. É certo que nem todos os esportes estão presentes nessas disputas, mas o mais importante é o modo como as relações se alteram de acordo com os termos envolvidos.

Ao entrar em qualquer curso de qualquer universidade, o aluno passa a estar inserido em um sistema que o entende enquanto membro a partir do ano em que o calouro ingressa. Oposições são criadas para relacionar os possíveis anos no interior de uma unidade maior que é o curso a que todos fazem; nesse sentido, disputas esportivas têm início em um confronto entre representantes de cada ano, dentro de cada curso: é o *Inter-Anos*.

Cada *turma* configura-se como um time e modalidades como futebol de salão, basquete e handebol são praticadas tanto no masculino como no feminino – dependendo da disponibilidade dos times. Geralmente essas competições são organizadas pelas atléticas dos cursos ou pela pasta de Esporte dos CAs devido a dificuldade em se organizar uma atlética para cada turma – embora não seja de estranhar caso alguma possua sua própria associação atlética.

¹⁰⁴ Outras modalidades coletivas muito disputadas são futebol de salão, futebol de campo, basquete e vôlei; entre as individuais natação, tênis, atletismo, judô e xadrez são as mais praticadas. Atividades como capoeira, kung fu ou mesmo o truco também são recorrentes nos espaços das universidades.

Organizado por princípios semelhantes, o *Inter-Cursos* de uma universidade é uma competição centrada nas atléticas dos departamentos ou das próprias universidades. São seus representantes que montam tabelas, contratam árbitros, preparam súmulas, reservam quadras junto aos departamentos de esportes e todas as demais atividades presentes na realização das disputas esportivas – e também das *festas*, uma vez que esse tema é indissociável na organização.

Nas reuniões semanais da Atlética da UFSCar, entidade que acompanhei por certo período durante a pesquisa, o *Inter-Cursos* era o assunto mais debatido: quais seriam os diretores responsáveis por reservar quadras, chamar os árbitros, por vezes serem árbitros, enfim os representantes dividiam as tarefas de acordo com a disponibilidade e habilidade de cada um – e a realização das festas passava pelo mesmo crivo.

Tal como ficou evidenciado no primeiro capítulo, disputas, oposições e rivalidades são percebidas nas relações que se estabelecem entre os alunos dos diferentes *cursos*; entretanto, são nas contendas esportivas que tal relação mais se evidencia. A competitividade instaurada durante os jogos promove confrontos equilibrados e gera disputas “históricas” entre eles.

Um informe enviado para a lista de e-mail da Atlética da UFSCar durante o *Inter-Cursos* 2006 é ilustrativo de algumas *rivalidades* entre os cursos e como os esportes atualizam essa relação:

“URGENTE, PRA HOJE: e aí galera, hoje tem 2 jogos de salão masculino que são *clássicos do intercursos*, *jogos eletrizantes*, Materiais x Produção e Sociais x Bio. *Com certeza vai aparecer um monte de gente pra assistir*, era um bom dia pra vender cerveja. Mas pra isso alguém precisa comprar gelo e colocar pra gelar lá pelas 11h. Eu fico vendendo nos jogos se tiver cerveja gelada. abraços e fui.”¹⁰⁵

A venda de cerveja como meio de arrecadação para a Atlética é sugerida, pois as *torcidas* vão assistir aos jogos de seus times; na UFSCar, esses jogos ocorrem entre 12:00 e 14:00 e entre 18:00 e 19:00 horas, isto é, durante o intervalo das aulas.

¹⁰⁵ Grifos meu. Além das rivalidades e da presença de bebidas alcoólicas, característica entre os universitários, vale lembrar de minha própria participação nesse torneio. Já havia disputado o *Inter-Cursos* quando estava na graduação em Ciências Sociais, porém, havia dois anos que não participava da competição. Baseado na proposta de Loïc Wacquant (Wacquant 2002), considerei produtiva a participação, enquanto atleta, no sentido de estreitar a relação entre sujeito e objeto. Obviamente se tratam de duas estratégias distintas – a universidade e o *gym*. Contudo, estar inserido nas práticas foi um caminho interessante na tentativa de compreender o peso que os esportes têm nas relações entre os universitários. Também participei do time de futebol de campo desse mesmo curso e ambas participações só foram possíveis devido ao fato de estar *matriculado* no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFSCar.

As quadras e a lanchonete logo acima são ocupadas pelos atletas, torcedores e representantes das entidades. E como a *rivalidade* entre as turmas e cursos é construída cotidianamente desde a entrada dos calouros, isto é, a Gincana pretende ensinar os discursos que enfatizam essa relação de oposição existente na “vida universitária”, marcar presença durante esses eventos é fundamental.

Além de torcer e incentivar seu time dentro de quadra, a performance das torcidas também é avaliada, levando-se em conta preceitos tais como qual é a mais barulhenta, qual está em maior número, numa disputa valorizada entre os estudantes.

Não é uma regra comum a todas as atléticas, mas algumas delas concedem ao time campeão em cada modalidade esportiva de seu Inter-Cursos o direito a serem os representantes daquela universidade ou *campus* quando de competições contra outras universidades e deixam a critério dos campeões se querem ou não convocar atletas de outros cursos para comporem o elenco.

Em outros times, técnicos contratados ou alunos da própria universidade são responsáveis pela seleção e treinamento, pautados, muitas vezes, nas atuações dos atletas durante o Inter-Cursos.

Existem também as disputas Inter-Cursos que confrontam mesmos cursos de universidades diferentes, tal como o Inter-Bio, organizado pelas atléticas dos estudantes de biologia de várias universidades, ou o Inter-Med, composto pelas atléticas de diferentes cursos de medicina.

Todavia, o formato desses jogos é diferente, pois ao invés de serem realizados ao longo do ano e nas dependências da universidade, são disputados em finais de semanas prolongados, geralmente com duração de quatro dias, divididos entre disputas esportivas e festas de confraternização.

Esses torneios também podem ser realizados entre universidades ou *campi* de diferentes universidades; a proposta é promover e proporcionar atividades baseadas numa relação entre *esporte e festa* para os universitários de instituições que, por determinado motivo, estabeleceram uma relação.

Eventos como o CaipirUSP, o Inter-USP ou o Inter-Unesp, confrontos entre os *campi* dessas universidades, operam em vários níveis para além das performances esportivas¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Uma análise pormenorizada desses torneios será elaborada no próximo capítulo.

A organização e estrutura apresentadas até agora sugerem a possibilidade de pensar esse sistema de modo *dinâmico e relacional*. As totalidades envolvidas na preparação e disputa dessas competições devem ser antes compreendidas como partes de uma relação e não dizem respeito a qualquer caráter restrito envolvendo os processos de identificação dos universitários confinados em turmas, cursos ou universidades.

Portanto, cabe pensar tal dinâmica a partir dos processos de fusão e segmentação presentes nas relações estabelecidas, ou seja, uma disputa *Inter-Anos* coloca frente a frente diferentes times de um mesmo curso, ao fazer com que os alunos de cada turma se identifiquem antes com o ano que ingressaram na universidade e não com o curso no qual estão matriculados.

De outro modo, durante o *Inter-Cursos* uma reordenação nessas relações se impõe, pois recoloca estudantes que antes estavam em lados separados, do mesmo lado. Nessa ocasião, a variável ano de ingresso na universidade deixa de ser a principal característica de unidade entre os alunos, passando agora para um plano onde as diferenças entre os cursos é que devem ser enfatizadas.

Para além das fusões e segmentações, outras relações estabelecidas entre as entidades nos remetem à obra de Evans-Pritchard (Evans-Pritchard, 2002). Os processos de alianças e contendas são a todo o momento negociadas e atualizadas, dependendo do contexto em que estão inseridas.

Por vezes, cursos se unem para montar um time para disputar o Inter-Cursos ou, no caso do Inter-Anos, juntam-se alunos de diferentes turmas para completar uma equipe¹⁰⁷. Todavia, essa dinâmica não se restringe aos termos aqui descritos; outros planos identitários podem ocorrer, como no caso das Ligas das Atléticas compostas a partir dos departamentos, mas, dificilmente, poderá ignorar esse mecanismo de fusão e segmentação ou ser contrária a uma identificação mais abrangente.

¹⁰⁷ Os cursos usualmente se unem quando é a única possibilidade dos atletas participarem. No caso do Inter-Anos, em disputas como a de futebol de salão masculino, por exemplo, é comum que a sala dos calouros tenha mais de um time ao passo que o último ano possa contar com jogadores já formados, o time dos “dinossauros”. Isso depende muito do curso e das modalidades praticadas.

Entretanto, tal como Evans-Pritchard havia enunciado entre os Nuer, podem ocorrer casos em que as disputas e rivalidades se tornam mais atuantes do que o processo de fusão. O exemplo que poderá ilustrar esse mecanismo no interior do recorte proposto é o Caaso¹⁰⁸.

Durante o CaipirUSP, numa camiseta dos alunos da USP São Carlos, estava escrito o seguinte: “USP Xupa, eu sou Caaso”. Mesmo o Caaso sendo um centro acadêmico da USP, durante as competições esportivas, a diferença entre eles se mostra mais presente do que uma aliança entre os *campi* dessa universidade, ou seja, ocorre uma inflexão no processo identitário.

A Atlético do Caaso não precisa se unir à USP São Paulo, pois seus atletas e torcedores têm plenas condições de participar das disputas esportivas; inclusive, as *rivalidades* daí advindas são um dos principais motivos dessa separação. A *unidade* que se espera entre os alunos de mesma universidade – e que pode ser vista em outros momentos – se encontra fragmentada a partir das disputas esportivas.

Exemplo semelhante ocorreu durante o Inter-Cursos 2006 da UFSCar; no jogo entre Matemática x Estatística, um dos gols dos matemáticos foi comemorado por uma parte da torcida aos gritos de “U é 05”, exaltando o jogador que havia feito o gol, aluno da turma de 2005, isto é, enfatizava-se a *turma* em detrimento do *curso*, mesmo numa disputa Inter-Cursos.

Isso posto, vale lembrar que toda essa organização promovida pelos universitários através das atléticas está baseada numa relação entre *esporte-festa* que é fator estruturante na elaboração desses torneios. É a possibilidade de realização de confrontos que colocam frente a frente totalidades semelhantes entre si e que têm em comum o fato de *todas serem constituídas de estudantes universitários*, disputando tanto nas práticas esportivas, nas festas ou nas torcidas¹⁰⁹.

Esses torneios apresentam, para além dos princípios definidores das competições esportivas, assentadas em representações mais universalistas, tais como meritocracia, desempenho, *fair play*, índices e recordes, e outras representações que delineiam o campo esportivo *strictu senso*, outras grades classificatórias e são legitimadas por acionarem recursos simbólicos que só podem ser compreendidos a partir de valores muitas vezes extra-esportivos, do âmbito do *jogo* e da *festa*, porém fundamentais do ponto de vista da sociabilidade que instilam.

¹⁰⁸ A intensidade da identificação dos alunos da USP São Carlos com o Caaso será abordada mais adiante.

¹⁰⁹ Alguns dados permitem confirmar a idéia de que tais eventos são realizados *pelos* e *para* os universitários; no caso esportivo, a necessidade de apresentação de um documento que ateste a matrícula do aluno é um indício. As reuniões das Comissões Organizadoras, COs, e os debates e tarefas que se tiram a partir dali corroboram tal afirmativa. Mais à frente.

Nesse contraste entre diferentes torneios universitários, cabe afirmar que os esportes proporcionam e potencializam a dinâmica de segmentação dessas relações. Esse é o interesse em analisar os diferentes momentos e locais em que são praticados na tentativa de estabelecer como se dá à relação entre as *formas-representações* das mais variadas práticas esportivas no intuito de ampliar os estudos antropológicos assentados no estatuto simbólico dos fenômenos lúdicos e esportivos da sociedade brasileira (Guedes, 1977; DaMatta *et al*, 1982; Toledo, 2002 entre muitos outros).

3. A Tusca: considerações preliminares

A Tusca é um torneio realizado pelas atléticas das duas universidades públicas da cidade de São Carlos, a Associação Atlética Acadêmica da UFSCar e a atlética do Caaso, Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira, da USP, além de contar com a presença de duas universidades convidadas pelos organizadores.

Todos os anos a disputa ocorre em São Carlos e as atividades são divididas entre os espaços da UFSCar e da USP.

Tradicionalmente, a festa de abertura acontece na noite de quinta-feira no gramado da UFSCar, onde uma estrutura com palcos, seguranças e barracas de venda de comidas e bebidas – principalmente cerveja – é montada pelos representantes da atlética dessa universidade¹¹⁰.

Bem antes de irem para o gramado, por volta das 18:00 horas, os alunos do Caaso promovem um “esquenta” na USP. “Esquenta” pode ser entendido como uma categoria nativa que significa uma espécie de preparação para a festa que vai ocorrer. Mais especificamente quer dizer um local onde grupos de amigos e conhecidos se reúnem para começar a beber e “entrarem no clima” da festa.

Os esquentas geralmente ocorrem nas repúblicas e são momentos de integrar pessoas mais próximas. No caso do esquenta para o Corso, é uma maneira de unir os alunos da USP antes de irem para a festa da UFSCar – embora muitos alunos da UFSCar também participem tanto do esquenta quanto do Corso.

¹¹⁰ Antes da Tusca 2005 a reitoria da UFSCar baixou uma portaria proibindo veementemente a realização de qualquer tipo de festa universitária no interior de seus *campi*. Essa proibição foi recebida da pior maneira possível pelos membros da atlética e, mesmo após muito barulho e protestos dos alunos contra a decisão do reitor, o trajeto do Corso teve que ser mudado para um outro local, uma casa de shows relativamente próxima à UFSCar. Alguns desencadeamentos desse ocorrido estão mais à frente.

No Corso – antiga forma pela qual se brincava carnaval no início do século XX, de onde já se percebe até na denominação um caráter festivo, particularmente, carnavalesco – os participantes seguem empolgadamente a pé da USP até o local da festa tomando as ruas da cidade atrás de um trio elétrico¹¹¹.

Realizar as festas em seu território é de suma importância para ambas atléticas, haja vista que a divisão da Tusca é a seguinte: quinta-feira esquentando na USP, Corso e depois festa na UFSCar – neste ano (2005) pela primeira vez em 26 anos de história, a festa ocorreu numa casa de shows alugada pelos alunos da UFSCar.

Sexta-feira durante o dia são realizadas as competições esportivas nos ginásios das duas universidades e à noite festa no salão de eventos da USP, obviamente organizada pelos alunos dessa universidade; no Sábado, continuação das competições esportivas em ambos ginásios e festa em uma boate da cidade, organizada pela Comissão Organizadora.

Por fim, no domingo, as finais das competições esportivas são realizadas no ginásio da UFSCar o dia todo, até bem tarde da noite.

Essa distribuição é colocada para equiparar as atividades do torneio entre as duas universidades para que uma ou outra não saia no prejuízo, material ou simbólico, frente seu adversário. Isso porque, o dinheiro arrecadado durante as festas e também com as vendas de bebidas durante os jogos fica para a atlética responsável pelo serviço. A única receita dividida entre as atléticas é a da festa de sábado na boate, pois apenas o dinheiro da entrada fica para o torneio, a bebida é da casa que disponibiliza o espaço.

Como a atlética da UFSCar já havia perdido uma disputa política contra a reitoria quando da proibição da realização da festa no gramado, perdendo assim em prestígio por não poder organizar a festa de abertura “em casa”, nada mais poderia ser afastado dos domínios dessa universidade.

Entretanto, a divulgação de uma nota da reitoria da UFSCar fez com que algumas mudanças devessem ser pensadas e uma reunião extraordinária da Comissão Organizadora foi chamada com urgência.

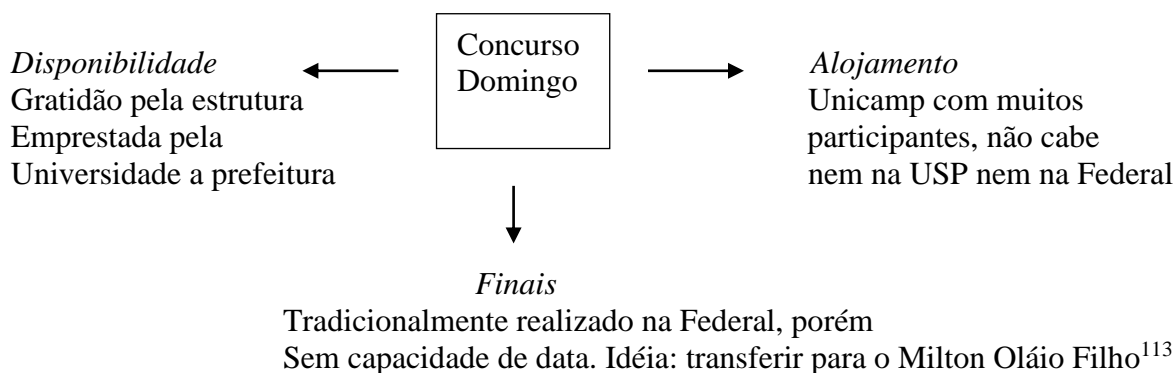
¹¹¹ Apenas como um dado ilustrativo da mobilização desse evento, segundo organizadores dos últimos Tusca's (2005 e 2006), a estimativa da Polícia Militar de São Carlos foi de que o Corso chegou-se a contabilizar aproximadamente 20 mil pessoas em cada um deles.

4. Esportes *versus* Festas: a rivalidade na organização da Tusca 2005

Algumas semanas antes das datas programadas para a Tusca, uma nota da reitoria da UFSCar divulgando a realização de um concurso público durante os dias 17 e 18 de setembro de 2005 fez com que fosse convocada uma reunião extraordinária da Comissão Organizadora; isso porquê, até aquele momento, essas datas definiam o calendário da Tusca.

Sabendo desse problema de agenda por intermédio de membros das duas atléticas, negocieei a possibilidade de participar da reunião alegando interesses de pesquisa; não foi difícil obter o consentimento dos representantes, embora para alguns tenha ficado a dúvida ou desconfiança sobre a relevância de uma pesquisa cujo tema eram os torneios universitários¹¹².

A reunião foi na sala da Atlética do Caaso; em seu interior havia um computador, comprado com o dinheiro arrecadado em uma Pré-Festa para a Tusca, algumas cadeiras, um armário, e duas mesas. Tinha também uma lousa onde já estava descrito o seguinte quadro:



Hipóteses:

- Mudança de ginásio (Caaso)
- Mudança de data (UFSCar)

Esse quadro resume bem os problemas discutidos durante toda a reunião: os representantes da atlética do Caaso queriam mudar o ginásio para garantir aquilo que era anunciado como a melhor Tusca de todos os tempos; já os representantes da Federal queriam a mudança das datas para garantir a continuidade das finais em seu ginásio e os benefícios advindos daí.

Entre os alunos da USP, os argumentos para tirar as finais da UFSCar e levá-las para o ginásio municipal levantavam os seguintes problemas: os patrocínios já haviam sido negociados

¹¹² Vale lembrar que, nessa época, eu ainda não participava das reuniões semanais da Atlética da UFSCar.

¹¹³ Nome do ginásio municipal recentemente reformado pela prefeitura de São Carlos.

para aquelas datas, os árbitros contratados, os times estavam em preparação, as universidades convidadas – e uma mudança naquele momento poderia diminuir a presença desses alunos, já que a Tusca disputaria público com outros torneios que se avizinhavam.

A melhoria nas condições das disputas esportivas também era lembrada nos elogios ao ginásio municipal que havia sido inaugurado há pouco tempo e tinha acabado de sediar os “Jogos Regionais”¹¹⁴. Dois representantes do Caaso colocaram a questão da seguinte maneira: “imagina nossos atletas jogando naquele ginásio!”, ao enfatizar a qualidade dos espaços, e depois: “não estamos aqui para fazer festas, e sim para acompanhar nossos jogadores durante os jogos; se quiserem fazer festas, se juntem ao GAP¹¹⁵”.

Já as falas dos representantes da UFSCar levavam em consideração a perda que seria não realizar as finais em seu ginásio; não era somente os jogos que se tiraria dali, mas também a tenda do gramado e os espaços destinados à venda de cerveja. Alegavam que a mudança de local alteraria o “espírito” do torneio; ainda mais depois de terem perdido contra a reitoria a possibilidade de fazer a festa de abertura no gramado.

Alguns contra-argumentos explicitam o peso que estava sendo dado às *festas* e a necessidade de se realizar atividades dentro do *campus* da UFSCar: “o problema é que 15 mil pessoas não estão ali para participar de competições esportivas, e sim para se divertirem em nossas festas”; já na defesa do território foi dito que: “não seria o mesmo espírito de *confraternização* se não fosse na Federal¹¹⁶”.

Como os Jogos Regionais haviam terminado há poucos dias, os representantes da UFSCar também lembravam que nas dependências do ginásio a venda de bebidas alcoólicas seria proibida pela administração, o que os deixaria no prejuízo.

Ao ouvir tais dúvidas, os argumentos do Caaso foram ao sentido de que a venda de bebidas poderia ser tentada, bastava conversar com o responsável pela administração do ginásio. Nesse

¹¹⁴ Os Jogos Regionais são competições nas mais variadas modalidades esportivas disputadas entre as cidades que compõem cada uma das cinco regiões administrativas do Estado. Essas competições envolvem atletas profissionais e amadores onde, geralmente, o nível técnico é bastante elevado. Portanto, já de início pode se perceber a diferença entre essas competições e os torneios aqui apresentados.

¹¹⁵ “GAP” ou Grupo de Apoio à Putaria, é uma entidade estudantil da USP São Carlos que organiza as calouradas, faz festas temáticas e é responsável pela Bateria da universidade, a GAPeria. Essa proximidade com a organização de *festas* é que motivou o argumento, isto é, contrapôs o interesse da Atlética, mais direcionado para os *esportes*, com o de uma outra entidade dos alunos da USP, essa sim, voltada para a organização das *festas*.

¹¹⁶ “Federal” é o nome mais comum no meio acadêmico para designar a UFSCar.

ponto, uma fala do presidente da atlética da USP pode ser de grande valia: “Se não podia vender cerveja antes é outra coisa; *Jogos Regionais são diferentes dos Jogos Universitários*”.

O estabelecimento de diferenças consensuais entre o esporte profissional e o esporte universitário e seu reconhecimento por parte de ambos discursos, vide a fala acima, ilustra como os *esportes* são encarados de maneiras diferentes de acordo com o entorno no qual estão sendo disputados.

Para os representantes do Caaso, durante os Jogos Regionais a venda de bebidas alcoólicas estava proibida nas dependências do ginásio, mas não ficava difícil entender o porquê de tal proibição num evento esportivo de alto nível.

Já nos jogos universitários a venda de cerveja deveria ser liberada por conta de outros propósitos estarem em disputa para além das noções e condições que definem o esporte de alto rendimento, noções essas que acabam por se tornar indissociáveis de sua relação com o intenso clima de festa que perpassa o torneio. E vale lembrar que os interesses dos alunos da USP estavam indo ao encontro de melhorias nas práticas esportivas.

Para os representantes da UFSCar, essas possíveis melhorias, excepcionalmente esse ano, trariam uma perda significativa de todo o ambiente de festa que se pretendia montar; o presidente da atlética da UFSCar, ao rebater a fala de seu rival, atestou novamente para as diferentes visões que se tem sobre o evento: “vocês estão vendo o torneio pelo lado esportivo, nós estamos vendo a Tusca pelo lado esportivo e cultural, um torneio universitário como um todo”.

Esses argumentos representam o modo como se pautam as relações entre os alunos da UFSCar e da USP: como a *rivalidade* é a grande mantenedora das relações entre as universidades, as posições tomadas são diametralmente opostas umas das outras; essa *rivalidade* está presente em todos os momentos e o plano organizacional atualiza uma disputa vivenciada cotidianamente.

Quando a preocupação foi com a questão da segurança¹¹⁷, um membro do Caaso colocou a relação entre as universidades no seguinte patamar: “a nossa rivalidade é tão grande quanto a que existe entre Corinthians e Palmeiras e eu tenho certeza de que irão acontecer brigas durante a

¹¹⁷ Um fato interessante sobre o uniforme dos seguranças pode ajudar a ilustrar como o clima de *rivalidade* está presente a todo o momento nesse evento. Os seguranças têm como uniforme terno e sapatos pretos; todavia, as cores das gravatas usadas por eles dependem do local onde está sendo realizada a atividade. Desse modo, durante as festas, jogos ou qualquer coisa que tenha ligação com a UFSCar, a gravata usada é vermelha. Quando as atividades estão nas dependências da USP, a cor é amarela. Na festa de sábado na boate, a gravata é de uma cor neutra. Esse dado é bastante ilustrativo também, para mostrar como as cores são importantes na identificação das instituições. Posteriormente pretendo abordar melhor essa questão.

Tusca desse ano”. Imediatamente os membros da atlética da UFSCar disseram que sempre houve brigas na Tusca e que isso não era motivo para se tirar as finais de seu território.

O desacordo entre datas, espaços, público e segurança promovia um debate mais substancial para essa relação: o que seria a Tusca, *esporte* ou *feira*? Toda essa tensão e rivalidade não foi somente suscitada pelos problemas que se apresentaram durante a organização desse evento; trata-se antes de uma relação baseada nessa diferença:

“Os dois grupos provêm uma estrutura de tipo similar e há uma relação de oposição, que não é a mesma coisa que luta ou inimizade, mas uma combinação de acordo e desacordo, de solidariedade e diferença”. (Radcliffe-Brown, 1978: 56, 57).

Por algum tempo esse foi o norte da reunião: de um lado, falas tentando ilustrar os benefícios em se levar a Tusca para um ginásio mais equipado e o quanto isso seria produtivo para elevar o nome do torneio como um todo; do outro, a vontade de manter a tradição, principalmente em um ano conturbado nas relações com a reitoria.

Obviamente, não houve consenso entre as propostas; por ter sido uma das mais conturbadas reuniões, terminou com um murro do presidente da atlética do Caaso sobre a mesa que acabou com a seção e, até aquele momento, também com a Tusca.

Dias mais tarde, dessa vez numa reunião interna da Atlética da UFSCar, dois informes iniciais acabavam com a angústia predominante até aquele momento: o primeiro foi a conversa com o responsável pelo ginásio municipal e o fato de ele “ter dado risada” da proposta do Caaso de alugá-lo para “universitários ficarem bêbados e fazerem bagunça” e a outra foi a divulgação de um outro edital atestando para uma mudança nos dias do concurso, o que possibilitava normalmente a realização das finais nas datas anteriormente marcadas.

Com o alívio de poder realizar os jogos finais dentro da UFSCar e, possivelmente exagerando os motivos do secretário quando de sua não permissão para a utilização do ginásio, os alunos tornaram tal proposta motivo de chacota para perturbar seus rivais e aumentar ainda mais o clima de *rivalidade* entre os estudantes das duas instituições.

Apenas como ressalva gostaria de deixar claro que, tal qual nos processos apresentados sobre a construção de identidades dos alunos frente seus times, as preferências e escolhas de cada universidade por um dos dois fatores estruturantes desses eventos, o *esporte* ou a *feira*, acabam por assumir um caráter dinâmico e situacional; não se pode dizer que os esforços do Caaso sempre se direcionaram na tentativa de tornar a Tusca um grande fenômeno esportivo dentro dos

torneios universitários, ou que a UFSCar tenha para si que os torneios universitários devam sempre se pautar pelas *festas e confraternizações* que proporcionam.

Antes disso, cabe perceber quais foram os motivos, causas ou necessidades que levaram os representantes de cada atlética defenderem os posicionamentos que defenderam, pois estes podem, em outros contextos, se inverter.

No caso dessa Tusca, os motivos da UFSCar se tornaram claros, pois já haviam perdido uma festa em seu território e iria ser muito dispendioso deixar de realizar as finais em casa; no caso da atlética do Caaso, essa preponderância que o *esporte* assumiu na fala de seus representantes parece datar de algumas gestões quando este passou a ser considerado o *leitmotiv* da entidade, não apenas para a Tusca, mas para os demais torneios dos quais os estudantes da USP participam.

5. *As viagens: o Engenharíadas e o Inter-Unesp*

Ao contrário da Tusca, outros torneios são realizados em cidades diferentes de onde se encontram as universidades; por conta disso, as viagens até os locais do evento são momentos interessantes em serem levantados.

Uma característica marcante das viagens de ida para os torneios é o atraso com relação à saída dos ônibus; nos locais pré-determinados, participantes chegam aos poucos com suas malas, colchões e outros acessórios. Caixas de isopor, sacolas térmicas ou recipientes para guardar cerveja e gelo são itens praticamente “obrigatórios”, principalmente quando é grande a distância entre as cidades. Os instrumentos da bateria, bandeiras e material esportivo como bolas e uniformes também são colocados em meio às bagagens pelos representantes das entidades.

Enquanto aguardam fora dos ônibus sempre há muita movimentação por parte dos estudantes; pessoas em pequenos grupos circulam e estabelecem relações entre si. Muita descontração na checagem das malas, nos jogos de cartas ou nas conversas sobre momentos vividos em outros eventos, o que só aumenta a ansiedade pela partida.

Ansiedade essa que advém da oportunidade de participar novamente de um torneio; é a possibilidade de reencontrar pessoas que estudam em outras universidades, conhecer alunos de outros cursos ou turmas e fazer novas amizades. É beber, praticar esportes, ir a festas, paquerar e outras tantas coisas pelos próximos quatro dias.

Entre os atletas, por exemplo, a espera é por ver os ginásios lotados e as torcidas se rivalizarem durante as competições esportivas. Já a expectativa daqueles que participam pela primeira vez parece maior ainda, especialmente ao saberem das histórias contadas por seus veteranos.

Aliás, uma das coisas mais comuns para contar aos calouros são as histórias vividas em outros torneios; acontecimentos engraçados, geralmente envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas, relações sexuais ou ambos, fazem a fama de alguns veteranos entre os *bixos*. A expectativa por conhecer e saber realmente o que acontece nesses eventos instiga os calouros e a espera até a entrada nos ônibus é aguardada com certa euforia.

A viagem para o Engenharíadas 2006 é interessante. A saída dos ônibus estava marcada para as 21:00 horas; como o atraso faz parte dessas viagens, imaginava sair tarde de casa, mas decidi esperar na UFSCar. Cheguei antes do horário marcado e os ônibus só saíram por volta das 23:30. Durante a espera, sozinho junto à minha mochila e um colchonete, era estranhado por grupos de pessoas que me olhavam desconfiados; afinal, num torneio como o Engenharíadas, para onde iriam apenas dois ônibus e alguns carros, quem poderia ir sozinho sem conhecer ninguém de nenhum curso?

Com essa relação de estranhamento em mente, percebi um pequeno grupo, muito empolgado na expectativa da viagem, se movimentar para um canto mais afastado; claramente estavam indo fumar maconha, então resolvi tentar “fazer contato”.

Ao chegar na roda, apresentei-me e fui bem recepcionado, mas antes de falar qualquer outra coisa, um deles já comentou: “olha o D2!” e todos concordaram às gargalhadas. A empolgação demonstrada ao dar o apelido deixava claro que os *bixos* da Engenharia Civil, como soube depois, estavam ansiosos em conhecer o Engenharíadas e o tempo de espera era passado entre um baseado e outro.

Com referência ao apelido, outras vezes havia sido chamado de Marcelo D2 – inclusive no Inter-Unesp – ex-cantor da banda Planet Hemp que atualmente segue carreira solo. Todavia, após viajar e ficar hospedado no mesmo local que esses alunos, o apelido foi espalhado para as outras pessoas que perguntavam curiosas quem eu era. Por todo o torneio, e até depois, esse ficou sendo o meu nome.

Esse evento ajuda pensar como se dá a relação entre sujeito e objeto num contexto urbano. Não era um engenheiro – e os estereótipos têm um certo peso nas relações entre os

universitários; embora também aluno da UFSCar, não fazia parte daquele agrupamento, não conhecia as pessoas e nem era reconhecido por elas.

Lembrava de alguns rostos das reuniões da Atlética, inclusive do dia em que expliquei minimamente quais eram os meus interesses ali. Contudo, na espera pela saída dos ônibus e todo o tempo no alojamento ou nos translados até os ginásios, ao passarem por mim, desviavam o olhar e fingiam não me conhecer. Não era íntimo de nenhum deles, longe disso, mas eles sabiam o que estava fazendo e evitavam se aproximar de mim, até mais do que outras pessoas, como os calouros da Engenharia Civil, que na maioria das vezes se interessavam por “estudar festas”.

Já a viagem de Rio Claro até Ilha Solteira para o Inter-Unesp 2005 pode ser ilustrativa de como é passado o tempo entre a organização dos ônibus e a chegada até o local do torneio.

Em frente ao *campus* da Bela Vista, numa ampla praça, estavam distribuídos os seis ônibus que fariam o transporte até o evento: quatro deles ocupando cada um uma esquina e os outros dois nas laterais.

Essa divisão é feita pela organização para o embarque dos participantes; alunos de mesmo curso viajam juntos e os ônibus são colocados em locais diferentes para facilitar a entrada das pessoas. É claro que determinados cursos não conseguem ter alunos suficientes para completarem um ônibus, então ocorre uma mistura entre cursos; todavia, também acontece de cursos terem mais participantes do que o número de lugares. Quando isso acontece, uma outra separação visa colocar os participantes mais próximos de seus colegas, isto é, dividem o curso entre veteranos e calouros.

A saída estava marcada para as 18:00 horas, mas algumas pessoas já rondavam pela praça e pelo bar freqüentado pelos estudantes desde muito antes. Entre o horário previamente marcado e a saída dos ônibus, um pequeno atraso foi passado na espera de alguns moradores de uma república que foram buscar mais um isopor, gelo e cerveja para a viagem.

Esse atraso não desanimou os participantes, pelo contrário, a ansiedade era percebida nos rostos ou mesmo sentida nas conversas, sempre acompanhadas de bebidas¹¹⁸.

¹¹⁸ Em nosso ônibus para Ilha Solteira havia um rapaz que estava sem dormir desde a noite anterior; tinha ocorrido uma festa em sua república – Catota – e ele resolveu “ir direto” para o Inter-Unesp. Para tanto, assim que terminou a festa em sua casa, por volta das 10:00 da manhã, pegou um pequeno galão de água – 5 litros – e foi esperar a saída no bar em frente a Unesp – repare que o horário marcado era às 18:00 horas. O galão estava cheio de pinga e alguns figos, o que a deixava com uma coloração turva. Munido com a bebida, o rapaz passou o dia bebendo enquanto aguardava a saída dos ônibus. Vale antecipar que esse mesmo rapaz, na viagem de volta para Rio Claro, foi eleito entre os integrantes do nosso ônibus como “o cara da balada”, ou seja, aquele que mais entendeu, digamos assim, o espírito do torneio. “Soneca” ficou praticamente sem dormir

Fiz a viagem com os veteranos de Educação Física e, logo na entrada do ônibus, uma constatação deixou algumas pessoas “irritadas” com a organização, em especial com seu representante – aluno do curso. O fato é que esse ônibus não possuía banheiro, diferentemente do ônibus que transportava os *bixos* desse mesmo curso.

Levando em consideração toda a quantidade de bebidas a serem consumidas durante uma viagem de aproximadamente dez horas, esse é um dado relevante, mas a principal razão para a bronca e o incômodo de algumas pessoas era o fato de eles, veteranos, se obrigarem a viajar nessa situação desigual àquela dos próprios *bixos*, hierarquicamente inferiores na escala dos valores estudantis. Repare que a bronca não era pelo fato de o ônibus da Biologia ter banheiro, mas sim os *bixos* terem banheiro, ou seja, mesmo num momento que se espera uma *unidade* entre os alunos, a hierarquia não deixa de pautar as relações.

Nesse momento de expectativa pequenas desavenças podem ser percebidas, porém a tônica, mesmo com a segmentação para a entrada, parece ser uma certa unidade entre os alunos do *campus*. Isso pode ser percebido tanto no cuidado em se fazer os seis ônibus viajarem juntos, como também no clima de euforia que se passava ali dentro.

O agito ficava por conta dos hinos e das músicas que exaltavam a Unesp, mais especificamente a Unesp Rio Claro, campeã dos “Jogos Alternativos”¹¹⁹ do Inter-Unesp 2004 em Jaboticabal.

Outro fato ressonante com a unidade que se espera entre os participantes acontecia a cada parada nos postos de serviço; uma confraternização entre as pessoas dos ônibus animava os locais por onde passávamos. Numa delas, formou-se uma grande roda para cantar um dos hinos mais famosos da universidade: “Louco, louco, louco, louco, eu sou da Unesp”, isso às 2:00 da manhã¹²⁰.

desde o dia anterior na festa em sua república até a entrada no ônibus para a volta a Rio Claro, isto é, cinco dias sob o intenso consumo de bebidas alcoólicas e atividades variadas. No Inter-Unesp, o “figuinho” era repartido com outras pessoas durante o dia e, quando acabava a pinga, despejavam-se mais algumas garrafas prolongando o consumo – até mesmo algumas frutas foram comidas como “aposta” entre moradores da mesma casa.

¹¹⁹ Mais à frente.

¹²⁰ Outra música muito cantada na viagem, também ouvida durante todo o evento, inclusive por outros *campi*, era: “Ô Ilha Solteira, fica mais um pouquinho, você é admirável, você é admirável, sua beleza é formidável; ô Ilha Solteira, fica mais um pouquinho, você é admirável, você é admirável, mas é longe pra caralho”. Vale lembrar que os alunos da Unesp também costumam viajar até Ilha Solteira para participar do Festival de MPB que ocorre anualmente na cidade. A distância, contudo, é sempre lembrada.

A empolgação aumentava de acordo com o que era consumido dentro dos ônibus. Cerveja e destilados como pinga ou vodka são itens “obrigatórios” nas viagens de ida para os torneios; maconha, lança-perfume ou as consideradas “drogas sintéticas” como o LSD e o ecstasy¹²¹ – menos usadas nas viagens – também são consumidas.

Pode-se dizer que uma das intenções desse consumo é participar ao máximo do momento vivido; é uma tentativa de potencializar as relações estabelecidas enquanto se aguarda a chegada ao local do evento.

Repartir os produtos é outro fator a ser ressaltado. Bebidas são consumidas no gargalo e as garrafas trocadas entre os participantes; canecas com diferentes líquidos circulam por entre os bancos. Com o baseado e o lança-perfume ocorre a mesma coisa: as pessoas recebem de alguém, consomem e ofertam para o seguinte¹²².

Até mesmo o cigarro de tabaco é fumado por várias pessoas ao mesmo tempo. Como as coisas passam de mãos em mãos, por vezes, o baseado, a garrafa ou a caneca de alguém que esteja sentado no fundo do ônibus vai parar nos primeiros bancos; é quando gritos por “resgate” são ouvidos até que se retorne para o local de onde saiu¹²³.

A viagem toda seguiu nesse ritmo até quando fomos avisados que estávamos chegando à Ilha Solteira; mesmo aqueles que estavam se rendendo ao sono provocado por cansaço ou embriaguez retomaram o ânimo e voltaram a se empolgar com as músicas e danças.

Clima bastante semelhante ao presenciado no desembarque de nossa comitiva em frente a uma escola municipal da cidade que, durante aqueles quatro dias, seria o alojamento dos alunos de Rio Claro.

¹²¹ “Tomar um doce” ou “uma bala” são as expressões para o consumo de LSD e ecstasy, respectivamente.

¹²² O ato de consumir a maconha é chamado de “dar uma bola”, ou seja, as pessoas fumam e passam adiante a “bola” – o baseado. Para o lança-perfume o nome do trago é “dar uma baforada”; o produto é ingerido diretamente nos frascos ou em pequenos pedaços de pano – ou as próprias camisetas – com o líquido sendo aspirado pela boca. Vale lembrar que estudantes de Química ou Engenharia Química, por terem acesso aos princípios ativos nos laboratórios dos departamentos, podem disponibilizar um “genérico” do lança-perfume, mais conhecido como “loló”.

¹²³ Envolvidos nesse clima de expectativa e ansiedade alguns participantes acabam por “exagerar” no consumo de tais substâncias. Urinar e vomitar são necessidades que podem trazer complicações para a viagem, pois não são todos os ônibus que têm banheiro. Por conta disso, parar em postos de gasolina ou mesmo nos acostamentos é algo que ocorre com frequência. Todavia, algumas pessoas não esperam as paradas e utilizam garrafas plásticas, sacolas ou mesmo as janelas do fundo dos ônibus para mijar; até mesmo a capa que protege o encosto de cabeça pode ser usado como saco de vômito.

Era por volta das quatro da manhã e levando-se em consideração o fato de algumas pessoas estarem se “preparando” desde as 10:00 horas do dia anterior ilustra bem o que viria ser presenciado durante o torneio¹²⁴.

As viagens de volta tendem a ser mais tranquilas, posto os participantes, geralmente, dormem todo o percurso devido ao cansaço acumulado nesses dias. Todavia, a espera para a partida entre Ilha Solteira e Rio Claro gerou alguns acontecimentos interessantes para reafirmar a “tendência à segmentação” nas relações entre os universitários.

Dois ônibus saíam terça-feira por volta da hora do almoço e os outros quatro voltariam apenas após o término dos jogos, uma vez que algumas modalidades chegaram às finais. Essa medida foi adotada em vista da distância entre as duas cidades; quem tivesse que trabalhar na quarta pela manhã arriscaria o horário. Com isso, as listas de passageiros tiveram de ser atualizadas, inclusive para as possíveis trocas de lugares.

Aconteceu que a namorada de um integrante do nosso ônibus disse que iria embora à tarde, mas, de última hora, resolveu ficar. O problema é que ela não avisou a organização e sentou escondida nos bancos do fundo. Quando foram conferidos os lugares, faltava uma poltrona para um passageiro.

Passaram aproximadamente duas horas até que os organizadores descobriram o tinha acontecido e viram como única alternativa pagar uma passagem intermunicipal para um integrante da Atlético que ficaria mais um dia na cidade.

Talvez pelo cansaço, pelo calor ou vontade de ir para casa, o representante que “descobriu” o problema, aluno da Biologia, subiu até o ônibus da Educação Física e começou, como disseram mais tarde, “querer dar lição de moral” nos alunos daquele curso. Falou que era uma irresponsabilidade muito grave; que as pessoas não sabiam reconhecer o trabalho delas e uma quantidade de coisas sempre querendo mostrar que a culpa do atraso deveria ser colocada sob responsabilidade daquele ônibus.

¹²⁴ Aproximadamente 300 pessoas ficaram instaladas nessa escola. Como já havia feito o trajeto com os veteranos do curso de Educação Física, procurei também segui-los e deixar minhas coisas na mesma sala que eles para poder dormir um pouco até o dia seguinte. Entretanto, após deixar as malas e colchão num canto de uma sala, fui chamado por algumas pessoas para acompanhá-los até o pátio da escola, onde um violão dava início à comemoração do Inter-Unesp. Com isso, pude retornar para a sala quase as seis horas da manhã, sendo que as oito em ponto estava marcada a saída obrigatória de todos da escola rumo aos locais onde seriam realizadas as disputas esportivas. A saída foi planejada pelos representantes da Atlético de Rio Claro tanto para organizar o alojamento, como também para que os times não ficassem sem sua torcida logo no primeiro dia de competições. A seguir.

Obviamente, muitas pessoas que não tinham nada a ver com aquele ocorrido, injuriadas com o tempo de demora, começaram a se sentir ultrajadas diante daquela bronca e começaram a contestar as afirmações feitas pelo rapaz, principalmente quando souberam que ele era *bixo* de outro curso.

Repare que na volta, além das diferenças hierárquicas, distinções entre os cursos pautam as relações. Não se trata mais de todos serem alunos da Unesp de Rio Claro, mas sim estudantes deste ou daquele curso, esta ou aquela turma.

A tensão foi amenizada somente quando o representante da Educação Física, retirou seu companheiro para uma conversa fora do ônibus para poderem dar início à viagem de volta. Uma frase dita enquanto o rapaz estava saindo é elucidativa: “*Quem esse cara pensa que é? É bixo e ainda por cima nem é do nosso curso*”.

A unidade vivenciada durante o evento, isto é, a “*integração*”¹²⁵ que se prima entre os alunos da Unesp estava sendo fragmentada e daria lugar para as relações rotineiras entre os cursos, muitas vezes, como no caso, baseada na *rivalidade*.

6. *Alojamentos: a “potencialização das repúblicas”*

Os alojamentos são os espaços destinados à estadia dos participantes durante os torneios; são locais reservados para deixar as malas, tomar um banho e descansar, um pouco. Geralmente são utilizadas as instalações de escolas públicas que podem ou não estar localizadas próximas aos ginásios ou aos locais onde ocorrerão às festas.

Essa é uma distribuição que varia de acordo com o número de estudantes que cada universidade leva para o evento ou ainda pelo crivo de uma certa ação política dos organizadores e representantes de cada instituição.

Ao conversar com um dos organizadores do Inter-Unesp, aluno de Rio Claro, pude saber de um certo lobby existente para a locação das escolas para alojamentos. Enquanto em Araraquara a Unesp de Rio Claro ficou em uma escola a menos de quinhentos metros do ginásio e do local das festas, outros *campi*, como Bauru, ficaram na zona rural da cidade, mais de trinta minutos de ônibus.

¹²⁵ Mais à frente.

Esse local foi conseguido através de uma conversa entre a diretora da escola, o representante da Unesp Rio Claro e um contato comum entre eles. Esse aluno ainda disse, com desdém, é claro, que ironizou a proposta de Bauru, feita antes dos jogos, de trocar o local do alojamento entre as duas cidades.

Cabe lembrar que alguns diretores não permitem a utilização de suas escolas por receio de como estas ficarão após a saída dos universitários – do mesmo modo, muitos proprietários de casas não alugam seus imóveis para as *repúblicas estudantis*.

À distância entre os alojamentos e os locais destinados às atividades é um dado interessante em ser levantado. Quando os locais são próximos os ônibus são menos utilizados, uma vez que os participantes costumam caminhar de um local a outro para comer, se arrumar ou mesmo dormir um pouco mais antes de enfrentarem uma nova maratona de atividades. Os ônibus ficam mais para os instrumentos e os tocadores da bateria, para não carregar peso, e para os atletas que disputam modalidades coletivas, para chegarem no mesmo horário aos locais dos jogos.

Porém, quando os locais são distantes, o que é mais usual, os participantes devem ir juntos para onde os times disputarão os jogos; isso porque as competições esportivas têm início às 8:30 da manhã e os times evitam ao máximo dar W.O. sob risco de punições como multas e desclassificações das competições.

Quando o transporte é feito com mais de um ônibus, uma escala é fixada na entrada do prédio indicando os horários de saída; entretanto, por mais tarde que seja a saída de um ônibus, ocorre antes do meio dia¹²⁶.

Além do mais, time e torcida andam sempre junto um do outro, o que faz com que a maioria das pessoas durma muito pouco nos alojamentos¹²⁷.

Cabe lembrar ainda que o tempo passado no alojamento não é só para dormir. Antes das festas sempre acontece um “esquentar”, na volta da balada os mais empolgados continuam a farra nos corredores e nas salas ou mesmo a necessidade de enfrentar longas filas para o banho.

¹²⁶ Durante o Engenharíadas, o alojamento da Federal era muito longe de tudo, o que implicava na necessidade de se acordar todo dia no mesmo horário, haja vista que cada um dos dois ônibus só saía uma vez ao dia, um às 9:00 e o outro às 10:00 horas da manhã. Na volta do ginásio para o alojamento ocorria a mesma coisa, um ônibus saía às 20:00 e o outro às 22:00 horas. Para as festas, o primeiro ônibus saía meia noite e o segundo 1:00 da manhã; para voltar todos vínhamos embora somente depois que a festa já havia acabado por volta das 6:00 da matina.

¹²⁷ Mesmo nos locais mais próximos, é costume acordar as pessoas para acompanhar seus atletas. Nos últimos dias algumas pessoas até ficam mais tempo no alojamento, especialmente aquelas que foram de carro. Contudo, vale ressaltar a participação *coletiva* de jogadores, torcedores ou participantes de modo geral.

Geralmente, os prédios das escolas que servem como alojamento não comportam a utilização súbita de tantas pessoas. No caso dos banheiros, por exemplo, o número reduzido de chuveiros instalados não dá conta de uma quantidade muito maior de pessoas para tomar banho.

Tal como nas repúblicas, mas potencializado porquê é um ambiente partilhado por um número de pessoas muito maior do que o das casas, o uso coletivo dos banheiros promove longas filas. Nos momentos que antecedem às festas, o tempo até todos tomarem banho e a saída dos ônibus é amenizado com os “esquentas”.

Note que as repúblicas também são os locais utilizados para se fazer os “esquentas”; beber entre amigos mais íntimos antes das grandes festas é um meio de trocar, de estar em contato com pessoas mais próximas, como moradores e agregados, antes da maior impessoalidade vivida nas festas.

É a máxima da *casa* e da *rua*, isto é, ao passo que nas repúblicas prima-se pelas relações pessoais de amizade, companheirismo e, eventualmente até parentesco, nas festas, as relações estabelecidas não se encontram no plano doméstico, mas sim na impessoalidade da *rua*¹²⁸ (DaMatta 1997).

Nos alojamentos, que são a moradia provisória dos participantes, a proximidade advém da ligação que os une seja o *curso*, tal como no Inter-Bio, os *departamentos* como no Engenharíadas ou as *universidades* como no Inter-Unesp.

Dessa maneira, os esquentas poderiam ser entendidos como atividades que visam aproximar os participantes, através da partilha de algumas substâncias, antes do momento de ficarem mais separados nas festas.

O consumo de bebidas alcoólicas é bastante intenso para se chegar “no clima da balada” e até mesmo jogos são realizados com esse intuito. A “mexicana”, por exemplo, é um jogo de dados cujo objetivo é avaliar a habilidade retórica dos participantes ao mesmo tempo em que testa a resistência de cada um a bebidas alcoólicas, especialmente à pinga, bebida mais usada nesse jogo.

A disputa requer no mínimo três jogadores, mas, nos alojamentos, um grande número de estudantes assim se preparam para as festas. A coisa se resume no seguinte: após estarem

¹²⁸ Talvez por isso mesmo a metáfora da guerra seja tão corrente no linguajar nativo sobre as festas. Mais à frente.

dispostos em uma roda, alguém joga os dois dados utilizados e esconde para si os valores tirados, geralmente sob algum copo ou caneca.

Esse jogador fala para o participante seguinte os possíveis valores que tirou; por sua vez, este pode acreditar ou duvidar dos valores mencionados, daí a habilidade retórica. Quando acredita, os valores dos dados embaixo do copo permanecem ocultos e este participante necessita tirar valor igual ou maior para passar para o adversário seguinte. Quando duvida, os valores são abertos e, após a conferência, quem perdeu bebe uma dose.

A pontuação é tal que números iguais valem mais que números diferentes e a combinação 6 – 6 é a mais alta até chegar na dupla 1 – 1. Todavia, o menor valor esperado, ou seja, o 2 – 1, é considerado o super trunfo, ou a *mexicana*. Essa então é a mais alta combinação que se pode tirar e dá direito ao participante que a conseguiu inventar uma regra.

Qualquer coisa dita será aceita como regra e geralmente o consumo de mais bebida está relacionado com essa pontuação. Em determinados momentos da disputa, os participantes, já bastante embriagados, se confundem com os números que tiraram, não conseguem blefar com tanta competência e cometem outros erros ao falar ou duvidar dos números em jogo. Cada erro é motivo para mais uma dose, o que faz desse jogo algo bastante “eficiente” quando se trata de fazer as pessoas beberem.

Apenas para se ter uma idéia, para deixar a roda no esquentado do alojamento era necessário tirar a *mexicana* ou beber um copo cheio de pinga. Muita bebida é consumida nesse jogo que ajuda a ilustrar como até mesmo o consumo de bebidas alcoólicas pode ser colocado em disputa durante os torneios¹²⁹.

Já as salas de aula rapidamente se transformam em “albergues” com a chegada dos universitários; cadeiras e carteiras usadas diariamente são colocadas nos corredores, nos pátios e em outros locais que não estão sendo ocupados – por vezes, os cantos das salas ficam amontoados com as mesas umas em cima das outras.

Com a desocupação, os grupos se dividem para espalhar colchões e colchonetes pelo chão; embora não exista uma regra para a ocupação das salas, é usual que alunos de mesma turma,

¹²⁹ Vale lembrar que, nos alojamentos, todo esse consumo é feito antes de ir para as festas, onde são servidas bebidas gratuitamente.

curso, república ou alguma outra coisa em comum hospedem-se em locais próximos. É uma maneira de manter uma proximidade através de relações estabelecidas em outros momentos¹³⁰.

Ficar hospedado nos alojamentos durante os torneios implica em dormir, literalmente, com os pés na cabeça de alguém e ter os pés de outro sobre sua cabeça; é estar lado a lado com outras pessoas, pois os espaços são reduzidos para a acomodação de tanta gente. Muitos não levam colchões ou colchonetes e se esparramam por cima do dos outros noite após a noite. Na maioria das vezes, não há problemas e as pessoas aceitam bem partilhar as coisas¹³¹. Um fato ocorrido durante o Engenharíadas pode ser ilustrativo.

No sábado à noite – quando as pessoas já estão mais cansadas e precisam recuperar o fôlego para a última festa – um grande número de pessoas se reuniu no quarto em que estava alojado para a “Eleição do mais chato do aloj 2006”.

O Engenharíadas foi realizado entre os dias 12 e 15 de outubro de 2006, em meio ao clima político envolvendo o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras. A “disputa eleitoral” em questão estava há algum tempo sendo informada nos corredores, mas, após a entrada na sala e os candidatos terem seus nomes escritos na lousa, o clima esquentou de vez. A maioria dos candidatos se recusava a ver seus nomes entre os “presidenciáveis”; queriam saber dos motivos e contestavam informações contraditórias. Tudo com muito bom humor e gargalhadas dos presentes.

Para tentar pôr ordem nas coisas, o rapaz que escreveu o nome dos participantes na lousa resolveu abrir a contagem dos votos. Aqueles que quiseram participar puderam votar, mas logo de início já estava indicado quais seriam os candidatos que iriam para o “segundo turno”: “Cauby” versus “moça do colchão”.

A movimentação gerada chamou tanto a atenção que participantes de outros quartos vieram ver o que estava acontecendo. Como havia certa confusão entre quem eram os candidatos e quais

¹³⁰ No alojamento da Federal no Engenharíadas teve pagode e churrasco logo na chegada à Barra Bonita. Antes mesmo de desfazer as malas ou procurar um lugar para dormir, a turma do pagode já emendou o samba na saída do ônibus, o “churrasqueiro” começou a preparar as carnes e os participantes se revezavam entre encontrar um espaço para seus colchonetes, comer e beber alguma coisa. Alguns jogadores do futsal masculino, responsáveis pelo pagode, foram sem dormir para o primeiro jogo do time às 9:00 horas da manhã seguinte.

¹³¹ Em torneios maiores como o Inter-Unesp é comum que os participantes levem barracas para montar no pátio das escolas. É uma prática mais usada por casais de namorados, mas resposta de um aluno da Unesp de Rio Claro cabe ser lembrada: “Dormir nas salas? Um monte de gente peidando e roncando cachaça de três dias; prefiro minha barraca.” Note que a *coletividade* não está apenas nas comidas, bebidas e roupas, mas também nas necessidades fisiológicas. Os banheiros dos alojamentos também evidenciam isso.

os motivos para estarem ali, o tal “mediador” fez uma síntese: “Cauby” foi assim chamado por terem achado sua fisionomia parecida com a do cantor Cauby Peixoto e estava ali por causa da “Sebastiana”¹³²; já a “moça do colchão” foi indicada, pois disseram que ela ficou brava com um rapaz bêbado que havia deitado em seu colchão na noite anterior.

Depois de esclarecidos os maus entendidos, inclusive com tempo para a “defesa das propostas” de cada candidato, foi aberta novamente a contagem e a “moça do colchão” ganhou por um voto de diferença. Tal evento pode ser entendido como uma forma “democrática”, isto é, *política*, de se atualizar as disputas que ocorrem a todo o momento entre os universitários; uma permeabilidade entre as esferas tradicionais e não tradicionais presentes no movimento estudantil.

Repare também que não dividir as coisas, ou seja, recusar participar do ambiente coletivo que é vivido, pode incorrer em punições; quem não estiver disposto a partilhar do momento corre o risco de ser taxado como chato – e ser considerado chato num ambiente de festa tem um peso simbólico, mesmo em brincadeira.

Novamente temos uma proximidade com as repúblicas; os objetos não estão sendo tomados de seus donos, apenas se espera que o uso possa ser partilhado entre as pessoas que ali se encontram.

Esse é outro relato indicativo da presença da *coletividade* nas relações estabelecidas entre os universitários; produtos como espelhos, xampus, pentes, bebidas, roupas, comidas e tudo mais são repartidas entre as pessoas. Não de uma maneira igualitária ou “idílica”, mas de modo que todos os participantes possam ter o que precisam para aproveitar o evento.

Os espaços são para uso de todos: toalhas penduradas nas janelas e carteiras, chinelos e sapatos amontoados na entrada, lençóis e cobertores por cima de diferentes colchões, pessoas usando pertences umas das outras, enfim, coisas desse tipo acontecem o tempo todo sem muitas reclamações; pelo contrário, quem vai para os torneios e fica nos alojamentos sabe que isso vai acontecer, pois muitos, inclusive, moram em repúblicas e já estão acostumados com a “vida universitária”.

¹³² “Sebastiana” era o refrão que esse rapaz da Engenharia Civil cantava incessantemente nos translados e no alojamento, não importava a hora. Com uma voz muito forte, gritava sem parar: “perguntei pra Sebastiana se ela queria fuder na cama; ela disse: não dá pra fuder, eu tô de chico, não dá pra meter. Porra, caralho até pra meter você dá trabalho”. Por vezes ainda era ajudado por seus colegas de turma. Repare no uso dos palavrões para lidar com as relações sexuais.

Outro exemplo é o sono dos participantes. Além do pouco tempo que se tem para dormir é comum que na chegada ao alojamento os mais empolgados, e bêbados, continuem a festa; basta que alguém pegue um violão ou os instrumentos para fazer um pagode e muito barulho ainda é feito.

Bebidas, maconha e anfetaminas continuam a serem consumidas para ajudar aqueles que desejam “ir direto”¹³³ da festa para os jogos. A empolgação fica por conta das músicas e gritos de guerra; nesse momento, o mais famoso deles é: “Orme, orme se eu não durmo ninguém dorme”, gritado com ânimo enquanto se passa nas salas acordando as pessoas, seja pulando em cima dos colchonetes ou até mesmo arrastando-as para os corredores¹³⁴.

Dificuldades como dormir ao lado de pessoas que pouco se conhecem, ser acordado com barulhos e gritarias ou ter de enfrentar longas filas para usar um banheiro sujo não impedem que o ambiente vivido durante esses quatro dias seja de descontração e entretenimento entre os participantes.

Nos alojamentos as pessoas trocam coisas entre si; trocam roupas, enfeites, cheiros, espaços, bebidas e toda sorte de produtos. Mais do que a partilha de produtos e substâncias, as relações estabelecidas instauram certa proximidade entre os participantes. Talvez mesmo por essas dificuldades, compartilhar as coisas seja um modo de superá-las coletivamente; afinal todos participam de algo em comum, isto é, são alunos e estão representando uma mesma instituição¹³⁵. Assim, é possível que alguém vá até um torneio somente com a roupa do corpo e consiga aproveitar todos os dias de festas¹³⁶.

O pouco tempo passado nos alojamentos também é utilizado para comentar os acontecimentos mais engraçados ou curiosos do evento. Quem beijou quem, quem “deu

¹³³ “Ir direto” é uma expressão nativa bastante usada para os que vão da festa para os jogos sem dormir.

¹³⁴ Nosso alojamento durante o Engenharíadas era numa escola primária. Como o evento ocorreu no feriado de Nossa Senhora Aparecida, dia em que se comemora o “Dia das crianças”, a direção da escola organizou duas festas para os alunos, mesmo com o alojamento nas salas: uma na sexta-feira e a outra no domingo, ambas pela manhã. Com isso, além da bagunça realizada pelos participantes do torneio, o barulho feito pelo som e pelas crianças a partir das 8:00 da manhã dificultaram o sono de muita gente.

¹³⁵ Seguranças particulares permitem a entrada apenas daqueles que possuem a pulseira de identificação de cada alojamento; desse modo, apenas os alunos da mesma universidade têm acesso às escolas.

¹³⁶ No alojamento em Ilha Solteira ouvi a estória de um rapaz que, no ano anterior, pulou pela última janela do ônibus enquanto estava sendo feita a conferência dos nomes ainda em Rio Claro; como ninguém da organização percebeu na hora, o rapaz fez a viagem até Jaboticabal, ficou no alojamento todos os dias e retornou apenas com a roupa do corpo. Quando os organizadores ficaram sabendo do ocorrido já era tarde e não tinha como negar transporte e hospedagem para alguém da mesma Universidade, ainda mais no Inter-Unesp.

trabalho”¹³⁷ durante a festa e outros assuntos são conversados sem muita privacidade. Os ocorridos são comentados entre todos os que estão no mesmo quarto; não somente no mesmo quarto, mas também outras pessoas que “visitam” os alojamentos vizinhos, tal como na “eleição do mais chato”.

Um dos assuntos diários entre as mulheres do quarto em que estive alojado durante o Inter-Unesp de Ilha Solteira era saber como estava a “competição do beijo”. Na lousa estavam escritos os nomes das participantes e eram marcados pequenos traços que indicavam o número de rapazes que cada uma havia beijado; o “placar” era atualizado diariamente e, por vezes, motivo de gargalhadas o número elevado que cada uma havia conseguido na noite anterior.

Cabe ressaltar, ainda, que a ocupação dessas escolas nem sempre é feita de maneira tranqüila; relatos de atos de vandalismos são freqüentes e acabam por difundir uma certa imagem de que os estudantes vão aos torneios em cidades pequenas e acabam por “destruírem” os espaços públicos.

Nem sempre é assim e pode-se dizer que há um certo exagero nas acusações feitas aos universitários; todavia, relatos de badernas são feitos entre os próprios estudantes. Na comunidade do Inter-Unesp no orkut, a utilização e ocupação dos espaços reservados em Araraquara durante dois torneios diferentes, o Inter-Unesp e o Economíadas, foi colocada como mais uma forma de se estabelecer uma *disputa* entre os estudantes de universidades diferentes:

“Economíadas – desse jeito não tem mais Inter-Unesp:

Galera, foi um estrago total nas escolas em que o pessoal do Economíadas ficou alojado aqui em Araraquara. Em quase todas sobram privadas e pias quebradas, isso sem contar as lâmpadas. Em uma delas quebraram 62 lâmpadas e várias privadas, em outra o pessoal resolveu puxar a fiação para fazer uma boate dentro da escola, acabaram c/ a fiação e desligaram os freezer. Resultado: a merenda do mês todo de novembro foi jogada no lixo e a criançada fica sem até Dezembro. A FEA-USP não deixou de decepcionar, a escola em que ficaram alojados ficou toda detonada também. Apenas uma escola não teve estragos significativos. *Vale lembrar que no INTERUNESP a delegacia de ensino disse que houve apenas uma pia quebrada em uma escola; camisinhas e cuecas em abundância jogadas e que não houve grandes problemas. Quem ficou alojado em Araraquara no Inter-Unesp está de parabéns! *Por essas e outras ainda temos a melhor festa universitária do país.*”¹³⁸.

Essa questão sobre os alojamentos também foi uma das dificuldades enfrentadas pelos organizadores do Inter-Bio 2004 realizado na UFSCar. A reitoria não queria liberar o uso dos prédios de sala de aula AT-1 e AT-2 para a acomodação dos participantes. O argumento utilizado

¹³⁷ “Dar trabalho” é quando alguém, geralmente por conta do consumo excessivo de álcool, faz coisas do tipo vomitar, cair.

¹³⁸ Grifo meu. Tópico da comunidade do Inter-Unesp no orkut:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=126414&tid=2497145153989087830>

era sempre a preocupação com o patrimônio da Universidade e como ele estaria em risco, caso servisse de alojamento.

Após muitas conversas, e o comprometimento da comissão organizadora de que arcaria com os possíveis gastos com reformas ou reparos, um dos prédios foi liberado para alojar cerca de mil alunos que vieram de diferentes lugares. Vale ressaltar que não houve grandes incidentes, mas, mesmo assim, foi a última vez que a reitoria da UFSCar permitiu a utilização de seus prédios de aula como alojamento.

A política atual da reitoria da UFSCar é a de não permitir que eventos desse tipo ocorram no *campus*. Outros cursos tentaram, através de projetos encaminhados a Pró Reitoria de Graduação, reservar os espaços da universidade, como quadras, ginásios e possíveis locais para alojamentos, mas cada vez mais a política é não permitir festas ou encontros desse tipo no *campus* de São Carlos.

São nesses momentos que a atuação política das entidades estudantis mais se chocam com os interesses de outras categorias, no caso, a administração do *campus*. O “baile do bixo” e a festa de abertura da Tusca também passaram pelo mesmo crivo que, tal como foi visto no início do capítulo, instaura uma oposição entre os estudantes e a reitoria geralmente pela utilização dos espaços do *campus*¹³⁹.

Já no Inter-Bio de 2006, como não havia alojamentos, as pessoas ficaram em barracas espalhadas pelo gramado de um clube onde também ocorreram as festas e as disputas esportivas. O evento foi realizado em Pirassununga e agradou aos participantes o fato de dormirem nos mesmos locais em que se realizavam todas as atividades, especialmente por não ter de pegar ônibus na ida e na volta das festas¹⁴⁰.

¹³⁹ Em anexo encontra-se um panfleto do DCE pedindo apoio aos CAs na luta contra a reitoria por espaços no AT-1. Mais à frente.

¹⁴⁰ Mesmo sendo bastante famoso no meio dos torneios, o Inter-Bio não é dos maiores; entretanto, no quesito *loucura* – categoria bastante apreciada entre os universitários – é um dos mais reverenciados. Mais à frente.

IV. Os Torneios Universitários

A distribuição dos espaços em que são realizadas as competições esportivas e demais atividades é indicativa da dinâmica das relações entre os universitários durante os torneios.

Ginásios, tendas, galpões para festas, pontos de venda de bebidas, praças de alimentação, alojamentos e estabelecimentos comerciais da cidade como padarias, restaurantes e lanchonetes são locais em que os participantes se encontram a todo o momento.

Torneios maiores têm como pré-requisito a existência de pelo menos quatro ginásios acessíveis para as disputas preliminares das modalidades coletivas: futebol de salão, basquete, vôlei e handebol. Campo de futebol, pistas de atletismo e piscinas são lugares necessários de acordo com o quadro de modalidades existentes em cada evento.

Os percursos podem ser percorridos a pé ou com os ônibus, fato que depende das distâncias entre os locais disponibilizados pela cidade sede. Todavia, os ginásios principais e os pontos de venda de comida e bebida são sempre muito movimentados¹⁴¹.

Devido a essa estrutura, é costume que as pessoas passem o dia a andar pelos espaços para assistir aos jogos, comer, beber, ou mesmo dançar nas tendas eletrônicas. A intensa circulação possibilita aos participantes conhecerem estudantes dos mais variados lugares¹⁴² e acaba por instaurar inúmeras trocas entre membros de diferentes instituições: troca de informações, de xingamentos, de objetos.

Cabe ressaltar ainda o caráter *coletivo* dessa movimentação; as pessoas andam em pequenos ou grandes grupos e as relações se estabelecem desse modo. A comunicação daí advinda muitas vezes é feita através de palavras ritmadas, cantadas, fato que evidencia a estreita relação entre bateria e torcida, isto é, mesmo que a bateria não esteja ao lado de sua torcida, as pessoas

¹⁴¹ Vale lembrar que a maioria dos torneios que pude participar deixava o ginásio principal para as competições preliminares de *handebol*. Embora as finais de todas as modalidades fossem realizadas ali, os jogos classificatórios de modalidades mais tradicionais como futebol de salão e vôlei eram disputadas em ginásios menores.

¹⁴² Durante o Inter-Unesp 2006 em Araraquara lembro de ouvir um rapaz dizer a seu amigo: “vou adicionar o mundo inteiro no orkut”. Essa frase pode ajudar a ilustrar como o ambiente vivido proporciona que as pessoas se conheçam durante o evento. Um dos interesses por detrás da organização é exatamente colocar as pessoas em relação, fato que se evidencia no lema do torneio: *Integração*.

continuam a falar e xingar cantando, acompanhadas de gestos corporais como breves pulinhos, movimento das mãos e braços etc, o que ilustra o caráter festivo vivido¹⁴³.

Os participantes, embora universitários, podem ser divididos em organizadores, atletas e torcedores, contudo, essa não é uma classificação estanque. As tarefas destinadas aos organizadores são variadas, tanto podem ser responsáveis pelo andamento dos jogos como fiscalizam o embarque dos passageiros nos ônibus após as festas; os atletas são os representantes das instituições nas práticas esportivas¹⁴⁴ e os torcedores ainda podem ser divididos entre os que tocam e os que não tocam na bateria.

Esses papéis¹⁴⁵ podem ser “acumulados” em uma única pessoa, ou seja, existem alunos que além de fazer parte da organização do evento, disputam as competições e ainda torcem por seus companheiros em outras modalidades. Essa variedade é estabelecida dinamicamente, além do mais, todos os participantes vão às festas¹⁴⁶.

Cada um procura um jeito de participar: organizar, jogar, torcer, tocar na bateria; beber muito é considerado positivamente, o que torna bastante “democrática” essa participação. A cerveja e a vodka, distribuídas nas festas de alguns torneios, são um modo de mostrar como é partilhado esse consumo: é a mesma a bebida servida para os participantes.

Durante o dia, as pessoas andam com todo tipo de bebidas alcoólicas: cerveja em lata vendida nas barracas ou transportadas em bolsas térmicas e “geladeiras móveis” improvisadas com carrinhos de supermercado, garrafas das chamadas “bebidas curtas” como vodka e

¹⁴³ Uma importante característica da comunicação entre os estudantes é a utilização dos xingamentos e palavrões. Na descrição de algumas músicas e hinos isso poderá ser mais bem evidenciado; por hora vale lembrar do mais famoso deles, o Xupa, que pode ser cantado de diferentes maneiras. Mais à frente.

¹⁴⁴ Muitos participantes circulam “exibindo” os machucados e até mesmo fraturas que ocorrem nas disputas esportivas. Além do risco inerente de sofrer contusões durante essas atividades, pode ser acrescentado o fato de que muitos dos que participam não são atletas; pelo contrário, podem estar embriagados, sem ter dormido, vindo direto da festa etc. Essas contusões não assustam os participantes que desfilam com tornozeleiras, joelheiras, tipóias.

¹⁴⁵ A utilização de “papel social” assume uma posição diferenciada ao termo “função social”, pois remete antes a aspectos e “interpretações” individuais – negociadas coletivamente – e ações relacionais, do que a racionalidade mecânica do termo “função” (Amaral 2000).

¹⁴⁶ Durante o Engenhariadas 2006 a UFSCar estava “fragmentada”, isto é, estavam apenas os alunos de Engenharia; por conta disso, alguns times não se completavam, fato que fez com que alguns atletas disputassem mais de uma modalidade. Houve um rapaz, integrante da organização, que disputou os jogos de futebol de salão, futebol de campo, handebol e basquete, além de torcer por seus companheiros em outras modalidades. Essa variedade atesta para a dinâmica da participação e a intensidade da movimentação durante os torneios.

conhaque ou ainda dois exemplos de como a bebida está sempre presente: o “melzinho” e o “Camel Back”.

O “melzinho” vem em tiras com aproximadamente 50 unidades que ficam penduradas ao pescoço; a bebida é uma mistura de mel e cachaça, além de sabores e cores diferentes. Já “Camel Back” é o nome de uma pequena mochila transportada nas costas de onde sai um canudo que chega até a boca; em seu interior, um recipiente serve para armazenar bebida. Vodka e whisky são as preferidas pois, além de não esquentarem tão rápido quanto a cerveja, podem ser acrescidas de uma outra bebida bastante apreciada nos torneios: o *energético*.

Além das bebidas alcoólicas, outras substâncias alucinógenas são consumidas tanto nas festas como nos ginásios e tendas. Os torneios se apresentam como momentos de uma ampla liberdade para esse consumo e, ao que parece, com a força que as festas eletrônicas ganharam nesses últimos tempos, até mesmo as pessoas que não gostavam de álcool ou maconha, começaram a consumir outras substâncias para “entrar na balada”. As anfetaminas passaram de desconhecidas a protagonistas nas tendas eletrônicas que tocam dia e noite.

Cabe ressaltar, entretanto, que esse consumo não se dá sem um propósito definido; antes disso, é uma forma de participar o mais intensamente do evento. Não se trata apenas de exagerar na dose, mas uma tentativa de otimizar o tempo vivido; a frase, muito ouvida por sinal, “dormir é para os fracos” ajuda a ilustrar a vontade de perder o menor tempo possível longe das atividades e o consumo de tais substâncias é pretendido com esse interesse.

A definição do Inter-Unesp encontrada no *site* de uma república pode ajudar a clarificar o que os estudantes entendem pelos torneios e como se dá essa participação: “INTER-UNESP: Uma desculpa, socialmente bem aceita, usada pelos estudantes da Unesp para fazerem sexo e encherem a cara”¹⁴⁷.

Repare que os torneios são considerados momentos “idéias” para a realização de atividades que também se encontram presentes no cotidiano dos universitários, tais como relatado nos primeiros capítulos dessa dissertação. Festas, disputas esportivas, relações sexuais, consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias alucinógenas são temas que perpassam a formação dos estudantes e se encontram concentrados por um período de tempo num mesmo espaço partilhado por entre “iguais”.

¹⁴⁷ <http://www.repamazonas.com.br/>

E o esporte, fenômeno que ao longo da história no ocidente se legitimou como um campo lúdico, profissional e higienizador (Sevcenko 1992), é praticado mesmo inserido nesse ambiente.

Cada torneio é composto de diferentes cursos, turmas ou universidades, o que acaba por atrelar um caráter um tanto particular para cada evento¹⁴⁸; todavia, a possibilidade da prática esportiva num ambiente festivo e descontraído é o que mais chama a atenção.

Essa relação entre *esporte* e *feira* permeia as atividades realizadas e é o parâmetro tanto para a organização como para a participação dos estudantes. Um ex-presidente da atlética do Caaso assim destacou a importância dessa relação ao apontar para o modo como se dá a dinâmica de funcionamento de um torneio:

“A existência dos jogos e de uma Atlética é uma senóide; minimizar a caída é responsabilidade de cada atlética. (...) Quando um torneio cresce muito, a relação entre *esporte* e *feira* deixa de ser a esperada pelo público participante”¹⁴⁹.

Isso também ocorre na organização do Inter-Unesp; desde 2001 o evento é realizado a cada ano em uma cidade sede diferente. O público cresceu muito, inclusive entre universitários de outras instituições. Muitos “unespianos” que participam desde o início não vêm com bons olhos esse crescimento, principalmente das festas, sob a alegação de que acaba por “perder o caráter” do evento, isto é, a *integração* entre os alunos da Unesp – ou seja, a *unidade* pretendida estaria em risco ao abrir esse espaço para os *diferentes*, alunos de outras instituições.

Ao relatar as sedes do torneio, um site de alunos da Unesp assim colocou a situação:

“2003: Guaratinguetá - Casa do Caralho; 2004: Jaboticabal - No meio da Casa do Caralho; 2005: Ilha Solteira longe pra caralho; 2006: Araraquara e 2007: Alguma cidade de verdade, *longe de Uspianos, Unicampineiros* e afins”¹⁵⁰.

Outra característica marcante é a diversidade de estilos que se encontram num mesmo ambiente. Para além do fato de que a maioria dos torneios promove algum tipo de festa à

¹⁴⁸ O CaipirUSP 2006 ocorreu em São Carlos e contou com a participação dos *campi* da USP que se encontram no interior do estado. Durante o evento a programação da rádio USP mudou do rock para o sertanejo; as pessoas bebiam cerveja na bota, fumavam cigarros de palha – inclusive para fumar raxixe – usavam chapéus de palha e outros estereótipos que eram lembrados pelos participantes e organizadores para atrelar a imagem do evento ao “caipira”.

¹⁴⁹ Repare no vocabulário vindo de um engenheiro civil. Senóide: gráfico que representa a curva das variações do seno em função do ângulo ou do arco.

¹⁵⁰ <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Interunesp> Grifo meu.

fantasia, durante o dia as pessoas “desfilam” com perucas, chapéus, óculos escuros, diferentes cortes de cabelo – do moicano ao rastafari – saias, instrumentos musicais – no Inter-Unesp 2005 vi uma gaita sendo “tocada” por um rapaz com uma saia escocesa – enfim, as pessoas esforçam por se diferenciar através de enfeites e adornos, pois o aspecto coletivo, devido à uniformização das torcidas, parece estar mais em voga do que a individualidade de cada participante.

A pluralidade¹⁵¹ está presente inclusive na variedade das músicas e das atrações promovidas: shows variados de pagode, axé, rock, sertanejo, funk, samba, música eletrônica – principalmente o Psy Trance.

Músicas que retomam a infância dos universitários são bastante apreciadas, seja nas tendas ou nas festas. Aliás, essa retomada à infância pode ser vista em outros momentos para além das músicas: armas de brinquedo, especialmente as que atiram água, brincadeiras de roda, pega-pega, enfim, são fatos recorrentes que, de uma maneira ou de outra, retomam aspectos da infância dos estudantes, o que instaura um clima de descontração e fraternidade¹⁵².

1. Identificação e rivalidades: As Torcidas Universitárias

As roupas e acessórios usados durante os torneios são um modo de atentar para a importância da *identificação* das torcidas. A vestimenta básica, por assim dizer, é composta de batas, pulseiras de acesso – que podem ser do alojamento ou das tendas eletrônicas – , canecas e mochilas.

Esses itens, especialmente as batas e as pulseiras, são de cores variadas e fazem referência à entidade da qual o aluno faz parte; é uma forma de unir os semelhantes e separar os diferentes de uma maneira visível a todos.

¹⁵¹ Entretanto, uma ressalva que deve ser feita é a discrepância entre o número de negros e brancos que vão aos torneios; em todos que tive a oportunidade de participar essa foi uma diferença que se mostrou imediatamente visível. Não apenas nos torneios, mas em outros momentos da pesquisa, a presença majoritariamente de universitários brancos chama a atenção. Não pretendo entrar no mérito da classificação sobre raça, cor ou etnia, porém, a preponderância é de tal forma que seria um equívoco tentar contestar tal afirmativa a partir desses pressupostos. A maior diversidade que pude perceber foi entre os alunos da Unicamp, embora mesmo aí o número de brancos seja infinitamente superior.

¹⁵² A última festa do Engenharíadas 2006 contou com a participação do cantor e apresentador Serginho Malandro que fez muito sucesso na década de 80 apresentando programas infantis no SBT. No palco, as antigas brincadeiras eram lembradas e contavam com a participação eufórica dos estudantes, principalmente ao lembrar da “Porta dos Desesperados”, quadro em que o público tem uma participação bastante ativa.

As batatas uniformizam as torcidas para diferenciar as entidades participantes; são mais usadas nas atividades ligadas às práticas esportivas, isto é, nos ginásios, nas tendas ou nas praças de alimentação, uma vez que, nas festas, a vestimenta dificilmente é um caminho para saber o local que se estuda – embora algumas pessoas costumem usar as batatas ou roupas com as cores de sua instituição também nas festas, essa é uma prática menos usual. Nesse sentido, as festas podem ser entendidas como um espaço mais individualizado quando comparado às disputas esportivas, momentos essencialmente coletivos.

Essa identificação atesta o caráter de *unidade* que se espera entre os membros de uma mesma totalidade; a ênfase no aspecto coletivo da torcida durante os jogos é outro modo de apontar para a importância dos esportes: não são apenas os times dentro de quadra que representam aquela instituição, mas também as torcidas cumprem o papel de rivalizarem-se e disputarem umas contra as outras.

Para completar essa identificação, o curso, a turma, o nome da república ou o apelido também podem ser escritos nas batatas para deixar à mostra e ao conhecimento de todos outras classificações que perpassam o ser universitário. Em um extremo se tem o nome de cada indivíduo – nome ganho na universidade –, ao passo que a cor da bata aponta para a totalidade última da qual cada um faz parte.

Essas identificações são produzidas a partir da classificação e as relações entre os diferentes grupos formados são segmentadas:

“Cada um desses grupos é, ou faz parte de, um sistema segmentário, em referência ao qual ele se define, e, conseqüentemente, o status de seus membros, ao agirem uns em relação aos outros e em relação a estranhos, é não-diferenciado.” (Evans-Pritchard : 2002; 8).

O canto de uma das torcidas da Unesp mostra como é transcorrido o caminho entre o indivíduo e o grupo: “Unesp Rio Claro agita pra valer, pra quem não conhece é só me conhecer”, ou seja, são esperadas atitudes semelhantes entre aqueles que fazem parte de uma mesma totalidade¹⁵³.

As torcidas do Mackenzie e do Caaso são exemplos de como essa identificação pode perpassar por certas “condutas” que assemelham e unificam os alunos de determinada instituição para além da visualização.

¹⁵³ Ou como consta na descrição do perfil de uma aluna da UFSCar: “Quem sou eu: Psico – UFSCar – 02”, isto é, ocorre uma certa confusão entre o indivíduo e os parâmetros adotados como referência para sua identificação. <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=5125946732296629204>

As frases escolhidas para representar essa identificação, “Orgulho Mackenzie” e “Raça Caaso”, são elucidativas da força simbólica por detrás da relação entre Universidade e alunos; em qualquer momento ou disputa em curso é necessário que se apresente condutas e características que acabam por definir certos estereótipos¹⁵⁴ – que, de certa maneira, coadunam-se às atitudes individuais. Essas frases são estampadas nas camisetas e batas, ou mesmo tatuadas provisoriamente durante os torneios.

Assim, estudantes do Mackenzie se definem como a “elite” da Universidade brasileira, tanto no plano da excelência acadêmica como nas disputas esportivas realizadas nos torneios.

Em contrapartida, a peculiaridade da “Raça Caaso” é “aloprar”. “Aloprar” ou “causar”, segundo os universitários, é perder a noção do limite; é fazer coisas inimagináveis em qualquer momento – nas festas, nos esportes, nas viagens. Tanto que uma das características que mais acompanham esse “espírito” é o do enorme consumo de bebidas alcoólicas, em especial, o *cajuzinho*.

Essa é a bebida típica dos alunos do Caaso; é muito consumida nos torneios, principalmente durante o Corso. Seu preparo envolve inúmeras estórias, inclusive a de que seria o “potencializador” das atitudes esperadas dos alunos do Caaso¹⁵⁵.

Um exemplo desse preparo ocorreu no primeiro jogo de sábado no Engenharíadas 2006. A disputa era entre Caaso e FEI no handebol feminino; era por volta de dez horas da manhã e o jogo de pólo aquático masculino do Caaso havia terminado um pouco antes. A torcida que estava na piscina mobilizou-se em massa para dentro do ginásio transportando os instrumentos da bateria, as bandeiras e um tonel azul – com capacidade para 200 litros – que tinha adaptado uma pequena torneira próxima ao seu fundo.

¹⁵⁴ Assim como a identificação pelas cores é uma maneira visível de estabelecer separações entre os participantes de um mesmo evento, os estereótipos criados também são um mecanismo usado nas relações entre cursos ou universidades diferentes. Um exemplo característico é a música cantada para os alunos da Poli: “A Poli é igual ao ChangeMan; é um dragão pra cinco japonês”. ChangeMan era um seriado japonês onde cinco personagens lutavam contra dragões e monstros alienígenas que queriam dominar a Terra. O “dragão” é um eufemismo para o que é considerado “mulher feia”, isto é, devido ao caráter de seus cursos, voltados para a área de exatas, naquela universidade só existiriam japoneses – popularmente considerados inteligentes – e mulheres feias.

¹⁵⁵ Algumas “dicas” para o preparo: “1 - Nunca, mas NUNCA, faça com uma pinga muito boa (21 e 51 são boas, estão proibidas); 2 - NUNCA faça com vodka; 3 - NUNCA, mas NUNCA MESMO, faça fraco, pq ele perde o efeito mágico; 4 - Sempre faça em grandes quantidades; 5 - Se possível, use coisas estranhas pra misturá-lo, como chinelo, remo, bambu, vassoura, rodo, taco de beisebol, braço...; 6 - Dêem os devidos créditos!!! <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=209002&tid=2493952328990856543>

Quando todos estavam em posição, com o tonel ao centro da bateria, começaram a trazer as caixas: havia cerca de cinco ou seis rapazes e cada um transportou pelo menos duas delas. Cada uma continha oito garrafas de plástico de 600 ml de pinga. Conforme eram trazidas, as caixas eram destruídas com certo alvoroço e empolgação e as garrafas distribuídas para a torcida que despejava o conteúdo no tonel.

Todos queriam participar conjuntamente do preparo daquela bebida tão importante, afinal, o cajuzinho, mais do que uma bebida, é forma de estabelecer uma unidade entre os torcedores da USP São Carlos. Tanto que depois de acrescentados os envelopes de suco de caju em pó foram distribuídos os instrumentos utilizados para mexer a mistura: chinelos havaianas e sapatos das mulheres que estavam na torcida. Isso seria “aloprar”¹⁵⁶.

Depois de pronto, bastava que se colocasse a caneca, copo ou garrafa embaixo da torneira para beber do “suco mágico” feito por esses alunos.

Um hino bastante ouvido nesse momento, enquanto são virados copos e mais copos da bebida, é: “vamos, vamos ,vamos embebedar, vamos, vamos, vamos embebedar até cair e vomitar”.

Mais duas coisas interessantes coadunam-se às representações que cerceiam o imaginário presente no Caaso e são usados como parâmetros de *identificação* por seus alunos: a mascote é um Porco¹⁵⁷, com um charuto na boca, sempre com ar zombeteiro e bonachão, disposto a “aloprar” em qualquer situação. Também a relação entre homens e mulheres vivenciada durante os torneios – tanto para os homens quanto para as mulheres.

Para os homens, um exemplo é a frase na frente de uma camiseta, confeccionada para uma Tusca, mas usada no Engenharíadas: “Tá bom vai...” e atrás: “Eu pego a gordinha”, incentivando os participantes desses torneios a beijarem o maior número de garotas, não importando se feias, bonitas, magras, gordas.

Ao conversar com alguns alunos do Caaso sobre esse assunto, pude saber de uma “competição” para ver quem fica com a mulher mais feia; “andar de mão dada” vale muitos pontos nessa disputa. Disseram que, pelo menos uma noite, “não vale” ficar com mulher bonita sob risco de punição.

¹⁵⁶ Uma outra performance de “aloprar” que foi muito reverenciada pelos alunos do Caaso foi a de um rapaz que nadava na lama sempre que chovia. Na comunidade do Engenharíadas no orkut, no tópico onde se lembram os ocorridos mais interessantes do evento, é uma das mais comentadas:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=209002&tid=2506256536298127060>

¹⁵⁷ Em anexo.

A contagem dos pontos, a premiação e outros aspectos constituintes das disputas esportivas – metáfora da qual partem muitas dessas outras representações – são debatidas entre os participantes de modo engraçado e acirrado.

Essa é a idéia sobre a *competição* instaurar uma relação; diversas atividades desenvolvidas pelos participantes desses eventos são constituídas como espécies de jogos, ou seja, estabelecem-se imediatamente normas e regras que devem ser respeitadas por todos os participantes e que podem mudar de acordo com momento em que estão sendo realizadas. Tudo está em competição, com a ressalva de que os jogos alternam-se a todo o momento:

“Isso contribui para uma melhor compreensão das nossas sociedades, para se ver que, neste caso como noutros, as pessoas jogam entre si, *não só um, mas diversos jogos interdependentes com regras diferentes*¹⁵⁸.” (Elias : 1992; 159).

Essas disputas e competições realizadas incessantemente atualizam as rivalidades existentes entre os universitários; caso a caso, o que deve ser enfatizado é a predisposição na instauração de relações competitivas entre eles, seja individual ou coletivamente.

Retomando o Mackenzie, vale lembrar da qualidade técnica dos atletas e times que participam em todas as modalidades. Além dos alunos que praticam o esporte paralelamente às carreiras acadêmicas, existem também atletas que, para disputar pelo Mackenzie, recebem bolsas de estudo¹⁵⁹.

O nível técnico desses atletas é bastante elevado levando-se em consideração o entorno no qual são disputadas as competições – não é à toa que das sete edições o Mackenzie, em 2006, ganhou pela quarta vez o Engenharíadas.

Já um ponto para enfatizar o “Orgulho Mackenzie”¹⁶⁰ é o aspecto financeiro; as mensalidades dos cursos são elevadas, o que dá argumento para uma disputa bastante acirrada entre alunos de universidades públicas versus alunos de universidades particulares.

O fato de pagar mensalidades para estudar é visto com certo desdém pelos estudantes das públicas que estudam gratuitamente. Frases como “só *burro* paga”¹⁶¹ são ouvidas a todo o

¹⁵⁸ Grifo meu.

¹⁵⁹ Essa não é uma prática exclusiva do Mackenzie; diversas outras universidades particulares oferecem bolsas de estudo a atletas ou ex-atletas profissionais para que eles disputem competições pelas universidades. Além das disputas nesses torneios, outras competições universitárias são disputadas periodicamente, tal como os torneios da FUPE e da CBDU.

¹⁶⁰ Mais uma frase elucidativa dessa identificação entre a universidade Mackenzie e seus alunos é: “Pra sempre Mackenzista”.

¹⁶¹ Durante o Engenharíadas um aluno da USP andava com um punhado de feno amarrado a uma pequena vara, como se estivesse montado num burro ou cavalo.

momento; essa frase remete ao fato de que somente aqueles que não conseguem passar no vestibular, os *burros*, cursam universidades particulares, ou seja, nessa disputa que é o ingresso ao ensino superior, teriam ficado para trás.

Nesse clima de competição, a vaga no vestibular ou mesmo o segmento profissional dos que saem da universidade são colocadas em disputa: “Eu sou da Poli¹⁶², não dou sossego; roubei sua vaga e vou roubar o seu emprego”.

Em contrapartida, por se colocarem como “elite” da universidade brasileira, os alunos do Mackenzie assumem a provocação na tentativa de esvaziar os xingamentos rivais; um exemplo é o campeonato interno entre os departamentos do Mackenzie que é chamado de “Burriadas”¹⁶³.

Outro argumento, usado principalmente nos torneios contra universidades públicas, pode ser elucidativo da presença do aspecto financeiro nessa relação e do posicionamento dos alunos do Mackenzie frente essa questão: “Eu sou solidário; pago seu curso e também o seu salário”. Com essa retórica, os alunos do Mackenzie se colocam como elite financeira que está para além das disputas por vagas ou empregos; assumem o “orgulho” de fazer parte dessa elite e poderem estudar numa renomada instituição.

Essa relação entre universidades públicas e privadas é uma dentre as muitas *rivalidades* existentes no cenário universitário; além dessa questão mais “englobante”, por assim dizer, que envolve estudantes de diferentes modelos de ensino, rivalidades localizadas pautam a dinâmica das disputas esportivas e o relacionamento entre suas torcidas: UFSCar x Caaso, Mackenzie x USP, FEI x Mauá e PUC Campinas x Unicamp são algumas oposições que merecem ser destacadas.

Essas relações nem sempre são amistosas e acontecimentos mais graves envolvendo seus torcedores ocorrem vez por outra – especialmente nas disputas esportivas, uma vez que elas potencializam o confronto entre os rivais:

“Fora do espaço do jogo e da máxima exposição diferencial engendrada por esses torcedores, o sentimento da disputa tende a diminuir. (...) Afinal, para além da condição de torcedores, esses indivíduos identificam-se também como trabalhadores, desempregados, malandros, estudantes, sambistas, religiosos etc.” (Toledo 2000: 143).

¹⁶² Faculdade Politécnica da USP.

¹⁶³ Um outro exemplo que podemos dar a respeito dessa resignificação por parte de torcidas é a adoção, por parte da torcida do Palmeiras, do símbolo do Porco, que no início era tido como pejorativo e fonte de provocação por parte dos torcedores dos outros times, até que os palmeirenses passaram a adotar a figura e com isso esvaziar a provocação (Toledo 1996).

Nesse caso, a identificação se dá principalmente pelo fato de todos serem estudantes e viverem estilos de vida semelhantes, fazem os mesmos cursos, ou ainda serem provenientes de uma mesma cidade.

Durante a partida final de futsal masculino da Tusca 2004, um episódio envolvendo uma bata ilustra a rivalidade e a importância desse objeto de identificação para as torcidas. Um torcedor da UFSCar tinha em seu poder uma camiseta amarela da Atlético do Caaso e mantendo-se em pé na grade de segurança da quadra, ameaçava queimá-la enquanto a suspendia por um pedaço de pau – não poderia ter escolhido momento melhor.

Depois de algumas tentativas fracassadas, vários torcedores se dispuseram a ajudá-lo, o que aumentou a tensão. Torcedores da USP começaram a protestar veementemente e à medida que a cena continuava a *rivalidade* entre as universidades parecia aumentar.

De um lado a torcida da UFSCar gritava ensandecida: “queima, queima, queima” e palmas e vaias eram ouvidas a cada insucesso; do outro, alunos da USP estavam em vias de atravessar a quadra para retomar aquele objeto que era de suma importância para seus torcedores; não se queimaria uma simples camiseta, mas sim um símbolo sobre o qual a identidade daquelas pessoas é estabelecida durante o torneio.

Nesse momento em que indignação e euforia contrastavam nas arquibancadas, um diretor da Atlético da UFSCar, em conjunto com um segurança, foi até o torcedor que estava tentando atear fogo e pediu para que ele lhe entregasse a camiseta para evitar que uma briga generalizada interrompesse as disputas; ao ser atendido foi para o lado da outra torcida e a devolveu em perfeito estado.

Após esse momento, os ânimos se inverteram: a euforia passou para o lado dos alunos da USP e a decepção ficou do lado da torcida da UFSCar que vaiava sonoramente ambas atitudes, tanto a do torcedor que entregou a camiseta, como a do representante que a devolveu¹⁶⁴.

Todavia, nem sempre os mecanismos de segurança dos torneios conseguem refrear os ânimos dos torcedores mais exaltados. No Engenharíadas 2006, um fato envolvendo as torcidas da Poli e do Mackenzie também atesta a importância das batas e a rivalidade existente entre essas torcidas.

No jogo preliminar de handebol feminino entre as duas universidades, uma bata vermelha da torcida do Mackenzie se encontrava em poder de algum torcedor da Poli que a balançava e

¹⁶⁴ Entretanto, no ano seguinte esse mesmo torcedor arrumou uma outra camiseta e conseguiu queimá-la em pleno ginásio.

mostrava para seus adversários na arquibancada do outro lado do ginásio. Um rapaz muito forte – identificado diariamente com camisetas da torcida Mancha Alviverde – junto de alguns companheiros entrou no meio da torcida da Poli, pegou o torcedor que estava com a bata de sua universidade e a tomou de suas mãos de um modo, no mínimo, truculento.

Durante o tumulto, o torcedor do Mackenzie mandou um soco na cara do rapaz que tinha pegado a bata e virou-se para retornar ao lado de sua torcida. Alguns alunos da Poli se indignaram com o fato de um adversário vir até seus espaços e dar um murro em um deles. Foi quando começou o empurra-empurra: alunos do Mackenzie corriam pelas arquibancadas para prestar socorro a seus batedores e alunos da Poli formavam uma “parede” para ir para cima de seus oponentes.

Não havia muitos seguranças no ginásio, mas imediatamente todos se posicionaram entre as torcidas, auxiliados pelos representantes das duas universidades. O clima permaneceu arredio por algum tempo e muitas pessoas apavoradas começaram a correr para fora do ginásio. Estava claro que os seguranças não dariam conta caso as torcidas efetivamente quisessem o confronto – segundo um dos organizadores, eles mesmos disseram isso na reunião de balanço.

O caso é que, mesmo em questões mais sérias como essa, a maioria dos torcedores não está ali para brigar e sim para se divertir e incentivar seus times. O fato de representantes das duas instituições ajudarem os seguranças terminou por tranquilizar a situação e, por mais que tenha assustado muitos participantes, a briga esperada não se concretizou¹⁶⁵.

Todavia, essas brigas fazem pensar sobre as dimensões que a *rivalidade* pode atingir nas relações entre as totalidades tradicionalmente adversárias. Não se trata de apresentar uma estrutura ausente de conflitos, mas antes saber que, em diferentes contextos, os motivos que geram esses sentimentos são também diferentes.

Seguindo a abordagem de Elias, poderíamos partir da hipótese de que a identificação com totalidades diferenciadas entre si, mas que fazem parte de uma mesma categoria mais abrangente, a *Universidade*, faz com que a tensão e a excitação provocada pelos esportes entrem em ressonância com o contexto em que as oposições e relações entre esses grupos estão sendo vivenciadas.

¹⁶⁵ Embora brigas não sejam bem vistas pela grande maioria dos participantes, pude saber que um rojão foi atirado de uma torcida para outra durante o Economíadas 2006, o que paralisou, inclusive, as disputas esportivas naquele dia.

A *rivalidade* entre as torcidas durante os jogos potencializam a tensão existente no cotidiano; tomando esses exemplos de universidades rivais, no caso Mackenzie x Poli e UFSCar x Caaso, ocorre uma atualização mimética de um confronto que é esperado nos mais diferentes níveis da “vida real”, pois atualiza dentro da quadra disputas colocadas ontologicamente (Elias 1992).

A preocupação do autor é saber quais são os prazeres e tensões, excitação e ansiedade que permitem às práticas esportivas desencadear tantas relações diversas, especialmente àquelas ligadas à violência: “pode afirmar-se assim que o futebol, como outras modalidades de desportos de lazer, se apóia no equilíbrio precário entre o enfado e a violência” (Elias : 1992; 84)

Partindo dessa diversidade promovida pelo esporte, a questão da *rivalidade* e de como ela pode incorrer em violência é um modo de atestar para as diferenças existentes entre os torneios.

Uma briga entre torcidas durante o Inter-Unesp é bastante improvável¹⁶⁶; o maior ideal, por assim dizer, existente nesse evento é a *integração* entre os *campi* da Unesp. Mesmo que os times estejam disputando as competições esportivas dentro da quadra, nas arquibancadas as torcidas se unem e cantam diversos gritos e hinos enfatizando o fato de serem da Unesp.

Um exemplo bastante ilustrativo ocorreu na final de futsal feminino da edição de 2005 em Ilha Solteira. O jogo era entre Rio Preto e Presidente Prudente, mas, como as finais são realizadas em um único ginásio, outras torcidas também estavam presentes.

A torcida e a bateria de Bauru são as maiores; o slogan “Bauru é foda!” é cantado ritmado de acordo com a bateria e empolga todos os participantes. Por conta disso, Bauru tradicionalmente ocupa uma arquibancada colorindo de amarelo claro o ambiente.

Do outro lado, e em menor número, estava a torcida e a bateria de Rio Preto trajando batas azuis claras; mais à frente, torcedores de Presidente Prudente vestindo preto e verde rivalizavam com seus adversários da final. No entorno do ginásio que era oval, as torcidas davam maior colorido: Rio Claro : rosa choque, Ilha Solteira : vermelho e laranja, Jaboticabal : verde limão, Botucatu : laranja fluorescente, Araraquara : preta entre outras.

Em determinado momento do jogo, a bateria de Bauru começou a tomar posição para dar início ao seu espetáculo – cabe lembrar que a torcida e a bateria de Bauru são bem maiores do

¹⁶⁶ Um ambulante de Ilha Solteira disse achar “estranho” o fato das pessoas beberem tanto e não sair briga nenhuma; completou dizendo que no forró onde freqüentava isso era impossível. Segundo muitos alunos que participaram de outros Inter-Unesp, o “clima” desse evento foi exatamente o que se espera: muita *integração* entre os “unespianos”, perpassado por muita bebida, festas e disputas esportivas.

que as das outras participantes, principalmente a bateria, ensaiada e composta por muitos alunos e instrumentos¹⁶⁷.

Ao perceber essa movimentação, a torcida de Rio Preto passou a tocar e a chamar por “aliados” para a disputa que se iniciaria dentre em breve, isto é, uma disputa entre torcidas: “vem, vem, vem Ilha, vem; vem, vem, vem Ilha, vem” e os alunos e alguns instrumentos da bateria de Ilha Solteira que estavam por ali se movimentaram até onde se encontrava a torcida de Rio Preto e começaram a fazer parte da mesma torcida. Com a chegada desse primeiro aliado, cantaram novamente: “vem, vem Araraquara, vem...” e os torcedores de Araraquara deslocaram-se até o outro lado do ginásio para compor uma aliança contra Bauru.

Conforme eram convocadas, as diferentes torcidas se agregavam enquanto as outras aguardavam ansiosas o momento de participar daquela integração; as que não estavam presentes no ginásio foram chamadas para não perderem um momento tão importante como aquele. Mesmo a torcida de Prudente, adversário de Rio Preto na final de futsal feminino em disputa, foi convocada e se deslocou em massa para junto das outras torcidas – foi interessante ver um gol de Rio Preto ser comemorado por todos, menos pela torcida de Prudente, embora estivessem no mesmo espaço e cantando as mesmas músicas.

Como os torcedores “compraram a briga”, cânticos ressaltando a Unesp de Bauru também eram ouvidos e o ginásio ficou dividido de modo que, de um lado, estava a torcida de Bauru e do outro uma mistura de batatas coloridas resultante daquela aliança entre as torcidas. Nesse ambiente, a disputa se dava através dos cantos, dos hinos, das baterias e da empolgação que cada uma apresentava.

Além de exaltar as qualidades do evento e dos alunos que cursam essa Universidade, a torcida formada por *todos*, menos Bauru, satirizava a adversária que não participava daquele momento de *integração* promovido pelo Inter-Unesp. Gritos do tipo: “Hei Bauru, vai tomar no cú!”, “Bauru não tem amigos” ou “Bauru ficou sozinho” eram cantados como forma de provocar o maior dos adversários, embora a disputa esportiva não fosse contra ele.

¹⁶⁷ Bauru é o maior participante do Inter-Unesp; nas últimas edições contou com quase mil alunos em cada uma delas. Por ser também o maior *campus* da Unesp, gera uma certa *rivalidade* entre todos contra Bauru. Um modo de se “apresentar” para alguém de Bauru, conhecendo ou não essa pessoa, é dizer: “Bauru vai tomar no cú”. Em contrapartida, o “Bauru é foda” é a resposta para essa provocação. As alianças feitas entre as torcidas durante as contendas esportivas também seguem essa dinâmica, ainda mais pelo fato de Bauru ser quem mais disputa jogos finais, ou seja, sempre se unem torcidas contra Bauru.

Bauru respondia com o refrão “Bauru é foda!” e toda uma coreografia especialmente ensaiada para esse ritmo. A bateria empolgava e tentava “abafar” a festa de seus adversários, principalmente através de seus inúmeros surdos.

Apesar das torcidas estarem separadas para rivalizarem-se, brigas não têm espaço para ocorrer no interior do ginásio; o clima vivido é outro. Mesmo que o jogo fosse entre Bauru e qualquer outro *campus*, como ocorreram outras vezes, desentendimentos não são esperados. Tanto é que, com o jogo ainda em andamento, a torcida das Unespes chamou os torcedores de Bauru para completar aquele momento.

Ao cantar: “vem, vem Bauru, vem” a torcida composta de estudantes dos mais variados *campi* se exprimia para ocupar os espaços e unir os presentes. Uma multidão vestida de amarelo, por vezes transportando instrumentos da bateria, locomovia-se lentamente até suas antigas rivais. Ao completar a fusão, os hinos cantados, dessa vez em uníssono, enunciavam os ideais mais ressaltados durante o evento e colocavam as torcidas sob uma mesma identificação: “ão, ão, Inter-Unesp integração, ão, ão, Inter-Unesp integração”, ou ainda, “louco, louco, louco, louco, louco, eu sou da Unesp”.

Todos estavam juntos e cantavam as mesmas músicas, por mais que as disputas entre as torcidas, as baterias ou as demais formas de se estabelecer relações competitivas entre os diferentes *campi* pudessem ter colocado grupos em oposição. Quando estavam completamente unidos, uma ola foi feita entre os participantes para exaltar o grande momento de *integração*.

Por fim, uma música cantada em coro atesta para o peso que o torneio tem entre os alunos da Unesp: “Alegria, alegria, olê, olê, olá, Inter-Unesp é uma festa, melhor que o carnaval”.

O jogo acabou com a vitória de Prudente, mas a comemoração envolveu tanto ganhadoras como perdedoras que passaram a fazer parte de uma única torcida¹⁶⁸.

Outro fato que atesta essa *integração* promovida pelo Inter-Unesp é a troca das batatas; ao final de cada edição é costume dar e receber de estudantes de outros *campi* batatas, camisetas ou canecas. Muitos estudantes levam batatas usadas em outros eventos ou em anos anteriores para

¹⁶⁸ Um erro na contagem final dos pontos do Inter-Unesp 2005 deu a vitória para o *campus* de Bauru. Alunos de Guaratinguetá assim descreveram o episódio: “Outra tradição importante é Bauru ganhar no “tapetão”, em 2005 mais uma vez aconteceu o que todos esperavam. Mas tudo bem só eles vão pra competir mesmo, o resto vai lá pra fazer sexo, encher a cara e se divertir. Mas não zoem eles, afinal “Bauru não tem amigo.” <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Interunesp>

Esse relato ressalta a força de Bauru nas disputas esportivas, mas também mostra o modo como as competições são entendidas durante o evento. O mérito esportivo é “invertido” em detrimento de outros princípios que estão em jogo, como os aspectos mais próximos das festas: beber, fazer sexo, se divertir. Mais à frente.

trocar; é uma forma de mostrar uma certa *unidade* entre os participantes do evento, isto é, acima das diferenças instauradas pelas disputas esportivas ou pelos confrontos entre torcidas, cabe estabelecer que todos fazem parte de uma mesma totalidade: são alunos da Unesp e se identificam positivamente dessa maneira.

O livre acesso que torcedores de diferentes *campi* têm entre as torcidas durante os jogos também é elucidativo dessa unidade. Ao contrário da Tusca, por exemplo, onde os espaços das torcidas da UFSCar e do Caaso devem ser separados por corredores cercados de seguranças para evitar confrontos, no Inter-Unesp as pessoas vestidas de diferentes cores circulam pelas torcidas não importa qual seja a disputa esportiva em andamento.

A atuação das torcidas durante os jogos também tende a ser ressonante com os propósitos mais em voga em cada torneio. No Inter-Bio, reconhecidamente um evento de ampla liberdade para seus participantes, um tema publicitário do Governo Federal no combate às drogas foi alterado para se tornar mais “adequado” para os interesses e era cantado com entusiasmo: “esporte não é droga, *não* pratique esporte”, ou seja, a intenção que era fazer da prática esportiva um dos caminhos no combate as drogas, através do lema “esporte não é droga, pratique esporte”, foi invertido para se tornar mais interessante para os torcedores.

Uma frase de um aluno de biologia da UFSCar no Inter-Bio 2004 ilustra o que é esperado desse evento: “Inter-bio é essa bagunça; nenhuma briga ocorre porquê tem drogas e mulheres pra todo mundo... A galera se liga nessas coisas, só uns mané que estão a fim de jogar sério, mas aí entra um cara correndo pelado na quadra e esfria os ânimos deles”¹⁶⁹.

Assim como entre as torcidas do Inter-Unesp, o lema proclamado pelos alunos de biologia de diferentes universidades também é o da *integração*. Contudo, devido alguns problemas envolvendo alunos do Mackenzie na edição de 2003, o lema ressaltava aqueles que não mais faziam parte do evento: “ão, ão, Inter-Bio integração... enzie, enzie, menos o Mackenzie”¹⁷⁰.

¹⁶⁹ Outro caso foi o rapaz que antes de ir ao Inter-Bio descoloriu os pêlos pubianos antevendo que ficaria pelado. Esse fato é indicativo de que não é, pelo menos não exclusivamente, o consumo de substâncias alucinógenas o responsável por tais atitudes, isto é, as pessoas já vão preparadas para performances excêntricas. Outro caso foi a *competição* entre moradores de uma mesma república para ver quem ficaria mais tempo com a bunda de fora; ganhou um rapaz que permaneceu com as calças arriadas durante dois dias ininterruptos.

¹⁷⁰ A Comissão Organizadora do Inter-Bio é composta por alunos de diversas universidades, inclusive de outros estados: UFRJ, UEL e UNB se juntam a atléticas de diversas universidades paulistas.

Foi recorrente a opinião de que as universidades deveriam ter como elemento de oposição o Mackenzie¹⁷¹; estas expressões podem ser reflexas de um conhecido episódio da história do Brasil quando o Mackenzie, na época da ditadura militar (1964-84), era tido como o reduto da direita e onde se encontrava a sede do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) – é interessante notar que a mascote da Faculdade de Engenharia do Mackenzie é o Marinheiro Popeye, representação da ideologia norte-americana –, enquanto o reduto da esquerda e de oposição à ditadura militar era sediado na faculdade de Filosofia da USP.

Em outubro de 1968, na esquina das ruas Maria Antônia e Doutor Vila Nova, membros das faculdades travaram uma batalha com trocas de pedradas, rojões, coquetéis molotov, bombas e inclusive tiros. Um estudante de posição de esquerda foi morto (Pontes & Carneiro : 1998; 40-47). O ocorrido demarcou posições políticas e estereotipou o Mackenzie como uma faculdade conservadora e de direita.

A batalha se dava por assuntos políticos e num contexto sócio-histórico cuja intervenção por parte dos estudantes no cenário nacional era de suma importância; hoje a partir da reavaliação dos significados (Sahlins 2003) reproduz-se com contornos diferentes um mesmo processo de oposição: Poli x Mackenzie, Todos x Mackenzie. Ou seja, o contexto sociocultural de natureza política, se refaz adequado ao contexto vivenciado pelos agentes; a oposição antiga não deixa de existir, mas foi tornada mais própria para as transformações advindas da atualidade.

“Daí o empírico não ser apenas conhecido enquanto tal, mas enquanto uma significação culturalmente relevante, e o antigo sistema é projetado adiante sob novas formas.” (Idem 2003: 11).

Outra importante atribuição das torcidas durante os jogos são as músicas, hinos e gritos cantados tanto nas disputas esportivas como em outros momentos do evento. A intensa utilização de palavras para destacar as coisas mais presentes é a forma característica dessa comunicação:

“O Inter-Unesp também é conhecido por suas músicas toscas, cheias de malícias que envolvem invariavelmente umas das três coisas mais importantes para o evento: Maconha, sexo e bebidas alcoólicas. Ou todas. Dentre elas está a de Araraquara: E mete em cima e mete embaixo Araraquara é um regaço E põe no cu, põe na buceta Sobe um pouquinho e chupa as tetas Pinto na mão, goza no chão Araraquara é um tesão !!!”¹⁷².

¹⁷¹ Na Tusca 2004 um integrante da Unicamp, ao relatar a dinâmica de alianças de sua universidade, disse o seguinte: “aqui podemos nos juntar tanto com uma como com outra (UFSCar ou USP), a única coisa que nós nunca faremos é nos aliar ao Mackenzie, por mim eu destruiria tudo do Mackenzie”.

¹⁷² <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Interunesp>

Os palavrões estão inseridos no interior de uma lógica de tradução e ressignificação dos códigos cotidianos; são proferidos com o intuito de negociar situações de alianças e conflitos entre grupos diferentes que existem em grande parte pela existência do outro, ou seja, é uma forma de comunicação ofensiva que pode ser entendida como uma metáfora para a “guerra” que se evidencia, ou melhor, está por vir, entre essas entidades.

É uma maneira de trazer a *violência* para as relações mesmo num espaço onde ela não é desejada, pelo menos não deliberadamente, a partir de locais onde ela está marcadamente presente. Repare o hino da UFSCar:

“Se você, está afim, de estudar se divertir ...
Eu conheço o lugar, você não vai resistir!
O Luau, é animal! E na Tusca sempre a Mil!
Vem curtir, na Federal, a melhor do Brasil!
A Federal, não é fraca não,
Só tem gostosa e gostosão
E na bosta do CAASO, só tem Puta e cusão!
CAASO, CAASO, Vai tomar no cú, Filho da puta!
Ô ÔÔÔÔÔ ... Federal!
Ô ÔÔÔÔÔ ... Federal!”

A metáfora é usada como forma de lançar alguma luz sobre algo que não conhecemos, a partir de preceitos que já conhecemos de outros lugares. Isso não de modo mecânico ou integral, mas a partir de fatos e de fragmentos do desconhecido que nos remetem a algo conhecido, isto é, na metáfora: “we have two thoughts of different things *active* together and supported by a single word, or phrase, whose meaning is a result of their *interaction*” (Richards *apud* Turner : 1974; 29).

Tanto a guerra como os esportes são pautados pela intensidade das disputas entre os seus atores; são atividades onde a diferença instaura relações competitivas evidenciadas no vocabulário que parte daí.

No caso da comunicação entre as torcidas, as interações entre turmas, cursos ou universidades partem desse vocabulário na tentativa de exacerbar as rivalidades existentes, seja ao vangloriar-se de seus atributos, seja por desmerecer os de seus adversários.

Essas temáticas e a maneira pela qual elas são comunicadas repetem-se de torcida a torcida; a intensidade com que são consumidas bebidas alcoólicas, a presença constante das relações sexuais, a qualidade do ensino oferecido ou outros atributos que elevam hierarquicamente cada instituição, como a presença – ou ausência – de mulheres, são exaltados, principalmente nos

hinos de cada uma. Além desses hinos, várias músicas e gritos se repetem ao se tornarem adequados para as situações enfrentadas¹⁷³.

Cabe ressaltar ainda que as torcidas não deixam seus times sozinhos nas disputas esportivas; mesmo que haja poucos torcedores ou o horário dos jogos bater com outras atividades, alguns deles estarão lá para torcer e incentivar seus atletas. A frase estampada no colete dos alunos de Rosana é ressonante com a imagem de apenas três torcedores cantando e gritando empolgadamente durante uma disputa contra Bauru: “Poucos, porém loucos”.

2. *As Práticas Esportivas e os “Jogos Alternativos”*

Para dar início à apresentação das modalidades disputadas nos torneios, cabe ressaltar a variedade que se encontra no meio acadêmico; seja por via das atléticas, dos times ou mesmo por iniciativas individuais, os estudantes praticam e são incentivados a participar de treinamentos e competições esportivas.

As mais conhecidas como futebol – de salão e de campo –, basquete, vôlei, handebol e natação estão presentes em praticamente todos os torneios; atletismo, pólo aquático, lutas – judô, jiu-jitsu e caratê –, baseball, tênis – de mesa e de quadra – marcam presença em eventos maiores. Mesmo o softbol, modalidade pouco conhecida no país, atrai estudantes interessados em descobrir uma nova prática¹⁷⁴. O caso do rúgbi é interessante.

O rúgbi parece ser o esporte da elite da universidade brasileira; equipes de universidades particulares como Mackenzie, Mauá, FEI e Uni Santa’Anna têm times completos, com cerca de trinta jogadores, e mantêm os atletas treinando e competindo regularmente.

Entre as universidades públicas, a USP possui times em diferentes faculdades: Esalq, Medicina de Ribeirão Preto e São Paulo, Direito e Poli; em São Carlos, o time de rúgbi tem vínculo com o Caaso, mas é um time da cidade, do qual fazem parte, inclusive, alunos da UFSCar. A Unicamp e a Unesp – no *campus* de Bauru – também oferecem a modalidade a seus alunos. A ligação entre o rúgbi e a universidade pode ser confirmada através dos locais em que

¹⁷³ Algumas músicas podem ser encontradas na comunidade “Trovas e canções universitárias”:
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=27571765>

¹⁷⁴ O truco, jogo de cartas geralmente praticado entre duplas, é considerado em muitos torneios modalidade que conta pontos para a soma final.

se encontra o esporte: dos 33 lugares para sua prática no estado de São Paulo, pelo menos 23 têm alguma ligação com universidades ou departamentos de universidades¹⁷⁵.

Não são todos os participantes que têm plena noção das regras do esporte; a vontade de jogar, porém, não impede que muitos deles entrem em campo sem esse pleno conhecimento.

Um jogo preliminar durante o Engenharíadas 2006 é ilustrativo: um jogador do Mackenzie deu uma porrada muito forte no jogador da Unicamp, olhou-o no chão e tirou sarro do rapaz – o time da Unicamp parecia ser formado predominantemente por atletas que não conheciam bem as regras do esporte. Alguns estavam participando de uma competição pela primeira vez.

Essa força utilizada, contudo, é uma maneira que os jogadores têm de “apresentar” o esporte para aqueles que realmente desejam praticá-lo, pois, conforme definiu um atleta do Caaso, que também é árbitro durante as competições: “violência é aquilo que está fora do esporte, então o rúgbi não é violento”¹⁷⁶.

Um fato que demonstra esse caráter de não violência, mesmo numa disputa de muito contato físico, é o “terceiro tempo”. O esporte é dividido em dois tempos de quarenta minutos; no terceiro tempo, jogadores de ambas equipes se reúnem para o “tempo da cerveja”. Essa é uma tradição, mas entre os universitários acrescentou-se a maconha. Assim, ao término das partidas, os jogadores se unem para beber, fumar e comentar os lances do jogo em clima de descontração.

Tal como no rúgbi, os estudantes não precisam ser atletas para conhecer, treinar ou jogar outras modalidades mais inseridas no cotidiano da sociedade brasileira; basta a vontade de participar. Durante os torneios, alguns times são compostos de pessoas que, notadamente, não são atletas; mesmo assim, a prática esportiva, por ser considerada positivamente, atrai pessoas menos interessadas na qualidade das disputas do que na interação promovida pelo esporte.

Já outros times contratam treinadores e todo um corpo de especialistas que cada vez mais fazem parte do esporte praticado em alto nível. Fisioterapeutas, nutricionistas e preparadores físicos têm espaço na formação dessa equipe técnica – especialmente se a universidade oferece

¹⁷⁵Existe uma união bastante grande entre os praticantes; o interesse em difundir o esporte no país faz com que muitos novatos vão até os times para conhecer a modalidade.

<http://www.brasilrugby.com.br/onde1.asp?UF=SP>

¹⁷⁶Essa definição pode ser comparada àquela encontrada numa edição de início do século no jornal argentino El Gráfico sobre o futebol: “Es importante tener presente que el fútbol no es un deporte delicado...Es un juego violento y fuerte en el que se prueban la resistencia física y los músculos de los jugadores.” (Archetti : 2003; 98).

esses cursos a seus alunos. Essa prática, todavia, é mais comum nas universidades particulares em vista do financiamento despendido; algumas investem até na formação e capacitação de pessoas para trabalhar com o esporte universitário, especialmente na área de marketing esportivo¹⁷⁷.

Vale lembrar, entretanto, que muitas universidades, principalmente as de caráter público, não têm condições de oferecer todo esse aparato técnico para seus alunos. Em detrimento disso, os estudantes é que se responsabilizam por manter os times treinados para competir regularmente. Mesmo assim, alguns times de universidades públicas conseguem disputar igualmente com as rivais particulares mesmo em competições da série ouro da FUPE – em especial os times da Poli e da Faculdade de Medicina da USP.

Durante os torneios os esportes são preocupações centrais dos organizadores; o horário dos jogos é indicativo do espaço que lhes é destinado: podem ter início às 8:30 da manhã e terminarem mais de meia noite. Em todo esse tempo, e em mais de um lugar – ginásios, piscinas e campos – atletas de diferentes modalidades ocupam todo o dia nas disputas entre as universidades ou cursos.

Embora os horários sejam apertados em virtude de outras atividades presentes nesses eventos, os times evitam ao máximo não participarem de seus jogos, pois o WO, além de ser mal visto entre os participantes, traz prejuízos para as atléticas.

A exceção de poucas modalidades, as competições são disputadas no masculino e no feminino¹⁷⁸. Os jogos femininos tendem a ser menos técnicos. Talvez seja pelo fato de que existem menos times femininos que treinam regularmente; contudo, essa “deficiência” técnica é superada com muita vontade pelas participantes.

Os jogos ocorrem de maneira muito dinâmica; assim que termina um, outro já tem início. Por vezes diferentes modalidades são realizadas alternadamente – especialmente nos dias das finais. A rapidez com que os times entram e saem das quadras também é vista nas arquibancadas, uma vez que os torcedores acompanham seus times.

¹⁷⁷ A Unip, por exemplo, oferece cursos de pós-graduação voltados para a área de gerenciamento e marketing para o esporte universitário.

¹⁷⁸ As modalidades que não são praticadas pelas mulheres são basicamente o futebol de campo e o rúgbi. Coincidência ou não, são modalidades disputadas no campo, o que exige maior preparo físico dos atletas. Um representante do Caaso relatou a dificuldade em arrumar “pelo menos onze mulheres dispostas a correr debaixo do Sol do meio dia”.

Do mesmo modo, as *rivalidades* entre times e jogadores se mostram tão intensas quanto nas relações entre os torcedores; jogos disputados ocorrem em diversos torneios e os times se preparam para essas partidas – algumas, inclusive, aguardadas. Vale lembrar a partida final de vôlei entre UFSCar e Caaso na Tusca 2005.

A tabela desse torneio é montada de modo que os jogos classificatórios ocorram entre cada uma dessas universidades e outra universidade convidada, para que as finais possam ser disputadas entre USP e UFSCar – momento em que as arquibancadas ficam completamente tomadas pelas torcidas, cada um com seu lado do ginásio.

A partida estava bem disputada quando, após uma marcação do juiz de cadeira, um atleta da USP, inconformado com tal marcação, começou a discutir veementemente com o árbitro até que este lhe aplicou o cartão amarelo; em seguida, o atleta foi para cima do juiz e começou a “escalar” a cadeira do árbitro tentando golpeá-lo de todo modo. Foi preciso que integrantes da comissão técnica e companheiros de time segurassem-no para que efetivamente algo mais grave não acontecesse.

Numa reunião depois do torneio, ficou como proposta por parte da UFSCar que esse aluno nunca mais pudesse participar de nenhuma modalidade em nenhum evento organizado pelas duas universidades em conjunto.

Medidas como essas são tomadas pelos “representantes” ou “organizadores” das universidades participantes; seja durante os jogos ou nas reuniões de balanço, são eles os responsáveis pelas decisões de encaminhamento das atividades do evento. No caso dos esportes, além das tabelas e das súmulas que devem ser atualizadas a todo o momento, a fiscalização dos participantes é outra atribuição.

Apenas alunos regularmente matriculados em uma instituição podem participar das modalidades esportivas; as carteirinhas de identificação devem ser portadas pelos competidores para confirmar o pertencimento do aluno à universidade. O exemplo da desclassificação das equipes da UFSCar e do Caaso no torneio de pólo aquático da Tusca 2006 é ilustrativo.

Como ambas equipes treinam e, por vezes, competem em conjunto, defendendo a cidade de São Carlos, os integrantes já se conhecem e pode-se dizer que são amigos. Alguns ex-integrantes das equipes, já formados e sem vínculos com as universidades, foram convidados por alguns

atletas para jogarem o campeonato em forma de “relembrar os velhos tempos” – havia tanto atletas da UFSCar como do Caaso nessa situação.

Os jogos foram realizados e esses ex-alunos participaram normalmente. Todavia, quando foram conferir os deferimentos necessários de cada instituição, ficou comprovado que esses atletas não estavam matriculados regularmente, o que faria com que fossem desclassificados.

Quando foram avisados, os membros das atléticas do Caaso e da UFSCar ficaram furiosos, pois os times – que têm autonomia para disputar as competições – sabiam disso; para evitar a desclassificação, entraram em acordo e tentaram anular a competição de pólo. Era o primeiro ano que a modalidade valeria pontos na contagem final, haja vista que antes o torneio era disputado em caráter de exibição.

Alheios a qualquer desentendimento, os membros das atléticas da Unicamp e da UNIFEI, não aceitaram tal decisão, alegando que seus atletas estavam dentro das normas, por isso não se deveria suspender a competição, mas sim as entidades que não respeitaram o estatuto.

Após esses argumentos não foi difícil para os convidados mostrarem que a anulação da competição não tinha sentido; foi então que a UFSCar passou a tentar a desclassificação somente do Caaso, ao alegar que só havia um atleta nessa situação de seu lado e que ele nem havia jogado, somente tinha acompanhado os integrantes da equipe. Do lado do Caaso, argumentos eram usados para a desclassificação de ambas, pois caso somente eles fossem desclassificados, ficariam muito atrás na pontuação geral. Por fim, ambos foram desclassificados e a competição valeu pontos apenas para os convidados.

Além de confirmar a importância de uma documentação que ateste que os participantes são estudantes, o rigor na fiscalização e a vontade de ganhar o torneio também são pontos a serem destacados. O valor das competições esportivas é ressaltado entre os representantes das atléticas, os atletas e os participantes de modo geral, pois a organização do evento prima exatamente por manter o nível das disputas¹⁷⁹.

¹⁷⁹ Ainda com relação aos aspectos organizacionais do esporte universitário, uma das discussões entre os praticantes desse esporte diz respeito ao caráter que ele deve ter. Em face ao crescente aumento de atletas e ex-atletas profissionais no meio acadêmico, em vista de bolsas de estudo cedidas por programas de incentivo ao esporte, muitos alunos não vêm com bons olhos tal medida na intenção de manter o caráter *amador* do esporte praticado em conjunto com a carreira acadêmica. Esse debate sobre o que seria o “esporte universitário”, ou qual o seu caráter, parte de uma diferenciação nativa entre “profissionais” e “amadores”. Nesse confronto, uns dizem que os outros não são estudantes, ou seja, são atletas que podem ou não estudar,

Todo esse rigor e anseio pela vitória também são percebidos em outras atividades existentes nos torneios; diferentes práticas ou formas de jogar apontam para a complexidade dos esportes na universidade.

Aliás, preferencialmente ao termo “esporte”, pretende-se adotar “práticas esportivas”, pois se mostrará mais coerente com algumas atividades que, não poderiam ser classificadas como esporte, mas são disputas como fossem. Nesse sentido, vale separar as modalidades em duas categorias de análise: “práticas tradicionais” e “práticas excêntricas”.

Por “práticas tradicionais” entende-se toda a sorte de práticas esportivas reconhecidamente inseridas em nossa sociedade; as modalidades apresentadas até aqui são exemplos do que se pretende com tal classificação – por mais que algumas delas não façam parte de todos os torneios. Já “práticas excêntricas” seriam as atividades criadas e realizadas pelos estudantes nesses eventos; mais do que isso, são diferentes formas de jogar que podem ser vistas com certa frequência.

No Inter-Bio 2004, quando os alunos da Unesp de Botucatu trouxeram uma lona de aproximadamente quinze metros, competições esportivas que estavam sendo realizadas nas quadras foram interrompidas para que todos pudessem participar dos jogos promovidos a partir daquele instrumento.

A chuva forte facilitou o que se pretendia: a lona foi esticada no gramado e muitos alunos começaram a escorregar por sobre sua superfície; depois que um rapaz trouxe uma caixa de sabão em pó, despejado de tempos em tempos, ficou ainda mais escorregadio.

O auge se deu quando começaram as competições entre os participantes, ou seja, aquilo que se pretende chamar de modalidades “excêntricas”: boliche humano, sumô ou salto em distância foram algumas disputas que, de uma maneira ou outra, faziam referência a práticas esportivas

mas que, majoritariamente, estão ali para participarem das competições; não vão às aulas, trocam de cursos com certa frequência e se dedicam quase que exclusivamente aos treinos e competições. Do outro lado, profissionais defendem-se ao dizer que os esportes devem receber esse apoio para cada vez mais ter a possibilidade de manter e descobrir talentos esportistas no meio universitário e oferecer aos atletas a formação superior. Os exemplos citados são Cuba e os EUA para demonstrar o quanto pode ser elevado o nível olímpico de um país ao fortalecer o esporte praticado na universidade, quer por estudantes-atletas quer por atletas-estudantes.

tradicionais, mas eram realizadas de formas completamente diferentes num ambiente de muita descontração e diversão entre os participantes¹⁸⁰.

A descrição nativa de uma performance bastante reverenciada ajuda a ilustrar a criatividade das práticas e das representações criadas sobre:

“Estudantes de Direito do campus de Franca são exímias praticantes do *esporte* popularmente conhecido como Bundão. *Ao sinal da torcida*, as garotas serelepes abaixam suas calças e shortinhos maliciosamente curtos e mostram seus glúteos à galera (à esta altura, completamente bêbada e com a libido atiçada). A tradição do Bundão de Franca vem desde 1897, quando as estudantes queimaram seus corpetes e armações de saias, a fim de protestar contra os adereços que atrapalhavam sua *performance no esporte*”¹⁸¹.

Note que a descrição exalta as coisas mais presentes nos torneios como os esportes, as bebidas e as relações sexuais. Repare ainda que a atividade mencionada é classificada como *esporte*, utilizando-se, inclusive, desse mesmo vocabulário: *torcidas*, *performances*.

Como as práticas esportivas são consideradas positivamente, outras atividades criadas pelos estudantes são pensadas e organizadas segundo preceitos semelhantes aos dessas práticas, mesmo que retomem aspectos relacionados com o ambiente de festa que perpassa os eventos – como o elevado consumo de substâncias alucinógenas, nudez dos participantes. Atividades como essas estão presentes em mais de um torneio e geralmente são conhecidas como “jogos alternativos”¹⁸².

Os “jogos alternativos” são os maiores exemplos da referência adotada por essas atividades; já na nomeação está ressaltado o caráter competitivo que se pretende instaurar ao classificar tais disputas enquanto “jogos”, isto é, um torneio que envolve diversas modalidades. Algumas dessas modalidades são constituídas por regras bem estabelecidas e fiscalizadas por árbitros e torcedores.

A “maratoma”, por exemplo, é uma corrida que além de avaliar a condição física dos participantes, ao premiar aqueles que completam o trajeto no menor tempo, também coloca alguns “desafios” no caminho. Em locais pré-determinados, onde se encontram responsáveis pela

¹⁸⁰ O momento mais aplaudido foi o *Cú-com-Cú*, onde dois homens pelados, um vindo de cima e o outro correndo por baixo, tomavam velocidade e escorregavam até se chocarem com as pernas erguidas, batendo assim, as nádegas umas contra as outras.

¹⁸¹ Grifos meu. www.youtube.com.br

¹⁸² É costume que as universidades estampem alguma frase com dizeres significativos em suas batatas, seja em menção às atividades esportivas ou a características de seus participantes. No colete de Rio Claro para o Inter-Unesp 2005 estava o seguinte: “Campeão dos Alternativos”, o que atesta a importância dessas competições entre os universitários.

fiscalização, é obrigatório que o competidor pare e beba uma quantidade de alguma bebida alcoólica, geralmente pinga. São diversos pontos durante o percurso e cada corredor somente pode seguir em frente após beber o que lhe foi indicado. As doses variam entre os locais e as disputas podem ser individuais ou em duplas.

Repare na somatória para que se identifique o campeão; não basta fazer o melhor tempo, o que caracteriza algumas provas de atletismo, principalmente as corridas, mas é necessário que se tenha uma certa preparação para conseguir beber o que é indicado. O mérito da vitória consiste numa junção entre os quesitos relacionados com a atividade esportiva – ganha o competidor que fizer o menor tempo – com os aspectos mais próximos das festas existentes nesses torneios – a resistência ao consumo de bebidas alcoólicas.

O campeonato de “bola-beque” prima por situações semelhantes. Bolar um beque é fazer um cigarro de maconha; para tanto, cada participante começa a disputa com uma quantidade do produto, um pedaço de papel – conhecido como “seda” – e um isqueiro. Nos dizeres nativos: “ganha quem primeiro fizer fumaça”, ou seja, aquele que mais rápido conseguir preparar o cigarro e fazer com que ele acenda – para ser fumado.

Outras modalidades criadas pelos estudantes¹⁸³ podem ou não envolver o consumo dessas substâncias, mas o que cabe notar é o modo como a competitividade é trazida para atividades que, usualmente, não pretendem instaurar disputas – como beber ou fumar, por exemplo.

O grau de organização de algumas dessas competições é um caminho para apontar como as práticas esportivas influenciam as atividades criadas. O “Campeonato Mundial do Quadrado” é elucidativo.

A 5ª edição desse campeonato foi realizada durante o Inter-Unesp 2006 em Araraquara. A disputa leva em consideração preceitos semelhantes às da “maratoma” e da “mexicana”, ou seja, é uma prova de habilidades, cujo objetivo maior é a resistência a bebidas alcoólicas.

A competição consiste no seguinte: um quadrado de aproximadamente 40 centímetros, tamanho padrão, é desenhado no chão para cada participante; todos devem permanecer em pé sobre seu desenho e, aquele que deixar seu espaço, mesmo que seja com a ponta dos pés ou dos tênis, é eliminado.

¹⁸³ O “4x100 roupa” é um revezamento, geralmente disputado em equipes mistas, onde os participantes devem correr pelados ou, no máximo para as mulheres, de calcinhas ou apenas com a parte de baixo dos biquínis.

Os quadrados são desenhados formando duas linhas paralelas, uma em frente à outra; entre as linhas ficam os árbitros, sentados ou agachados ao chão para poderem ver quem pisou fora do permitido. No entorno, a participação da torcida é fundamental para cantar as músicas, ditar as coreografias ou mesmo apontar eventuais deslizes.

A disputa é realizada em duas categorias: masculino e feminino, além de contar com a participação dos árbitros e dos torcedores; para essa identificação, camisetas coloridas são feitas para diferenciar os participantes: *azul* para competidor, *amarelo* para os árbitros e *verde* para a torcida – pelo menos na edição 2006.

Como são muitos competidores, “baterias eliminatórias” são realizadas até se chegar à final; para dar início, todos devem “dar uma golada” nas garrafas de vodka que se encontram com os árbitros. São eles e a torcida quem avaliam se o competidor bebeu o suficiente; em tentativa de fraude para se beber pouco uma sonora repreensão lhe é direcionada. Enquanto se bebe, o lema da disputa é cantado em coro: “Tem que estar no grau; tem que estar no grau¹⁸⁴”.

Após a rodada da bebida, árbitros e torcedores passam a cantar as músicas que servem como desafios para os competidores se manterem em pé sobre o quadrado; criam refrões e coreografias que visam dificultar a permanência dos atletas no espaço determinado. O grau de dificuldade para a realização das performances exigidas nas músicas aumenta de acordo com a eliminação dos participantes.

Os primeiros desafios são mais simples como: “cada um no seu quadrado, cada um no seu quadrado” ou ainda “fórrózinho no seu quadrado, fórrózinho no seu quadrado” e é necessário que os participantes imitem a coreografia feita pelos árbitros sem sair dos limites. Conforme são eliminados, pausas são feitas para dar mais bebida aos competidores e passar para uma fase mais difícil: “giratória no seu quadrado, giratória no seu quadrado”, por exemplo, é uma exigência para que os competidores girem em torno de seu próprio eixo; por vezes, devem agachar para completar o giro.

Além da dificuldade em ficar girando após o consumo de tanta vodka, outros obstáculos são elencados para a disputa. No caso do “cofrinho com giratório”, modalidade especialmente cantada para as mulheres, as participantes devem abaixar um pouco as calças de modo que parte das nádegas fique à mostra enquanto é feito o movimento circular. Outro desafio “restrito” às

¹⁸⁴ “Estar no grau” é uma expressão para estar bêbado, ou melhor, “no grau da balada”.

mulheres é o “peitão com giratório”; o princípio é o mesmo, mas as blusas devem ser levantadas para não desclassificar as participantes¹⁸⁵.

Note o grau de organização dessa competição: em sua quinta edição, reúne alunos de diferentes *campi* da Unesp; a confecção e distribuição das camisetas, a escolha dos árbitros, dos competidores e torcedores e outros aspectos, como o local e a hora do evento, são feitos entre os próprios alunos, mesmo em cidades diferentes. O conjunto de regras também é de responsabilidade dos estudantes e se resume em três pontos:

- “1) Estar no grau;
- 2) Não sair fora do quadrado padrão (40 cm*cm);
- 3) cumprir a coreografia de acordo com os árbitros;

Galeria de heróis!:

2002 inter-unesp Araraquara

1º CMQ

Campeão: KBÇA

2003 inter-unesp Guará

2º CMQ

Campeão: Didi

2004 inter-unesp Jaboticabal

3º CMQ

Campeão: Tchotcha

2005 inter-unesp Ilha Solteira

4º CMQ

Campeão: Chapolin e Giovanna

2006 inter-unesp Araraquara

5º CMQ

Campeão: Matheus e Giovanna

O nosso quadrado é mágico!

Parabéns a todos por mais um ano de CMQ!”¹⁸⁶.

Observe que as práticas esportivas são o modelo de onde partem as representações que cerceiam essas atividades classificadas como “excêntricas”; além da “galeria de heróis”, ou seja, os campeões de cada edição, a referência ao esporte pode ser evidenciada na nomeação da atividade, isto é, um “campeonato mundial” e também na comparação entre os quadrados: os dos alunos da Unesp e o da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2006¹⁸⁷.

¹⁸⁵ Muitas competidoras, já sabendo desse desafio, vão com tops ou mini-blusas por baixo da camiseta de participante; outras, entretanto, ficam apenas de sutiã com a camiseta à altura do ombro.

¹⁸⁶ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=401578>

¹⁸⁷ A referência é ao esquema tático usado pelo técnico Carlos Alberto Parreira para alguns jogos antes e durante a Copa do Mundo de 2006. O esquema foi apelidado de “quadrado mágico” por ser composto por quatro jogadores de reconhecida habilidade técnica: Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo. O

Embora cada uma dessas modalidades tenha suas próprias peculiaridades, todas acabam por imbricar características das atividades esportivas e das festas, exatamente o que se encontra nesses torneios.

A relação entre *esporte* e *festa*, decisiva no plano organizacional, não está presente somente na preparação, mas também no entendimento das atividades realizadas. Nesses eventos, as práticas, tradicionais ou excêntricas, devem ser relacionadas com o ambiente de festa ali instaurado. É uma relação que altera e influencia mutuamente.

Outra maneira de perceber como ocorre essa imbricação são algumas *performances* realizadas mesmo nas práticas tradicionais. Atitudes inesperadas em disputas profissionais são realizadas com certa frequência e a participação da torcida nessas performances é fundamental, tanto para o incentivo quanto nos pedidos feitos aos atletas dentro de quadra. Dentre elas, a partida preliminar de basquete feminino entre Rio Claro e Franca no Inter-Unesp 2005.

Não é preciso ser especialista em basquete para perceber que o nível técnico é muito inferior quando comparado ao praticado profissionalmente; passes dados sem a menor direção, arremessos que não chegam sequer à tabela, trombadas entre as atletas e outras performances que seriam improváveis no esporte de alto rendimento.

Contudo, após abrir uma vantagem considerável no placar¹⁸⁸ – mais pela falta de habilidade do time de Franca do que pela qualidade do time – as jogadoras de Rio Claro simplesmente começaram a fazer coisas inimagináveis para o esporte profissional: “estátua”, mandar “bombas” com a bola e arremessar para trás foram apenas alguns acontecimentos que contrastam sobremaneira com as performances esperadas num jogo de basquete.

A “estátua” é feita da seguinte maneira: a torcida tem uma participação fundamental, pois é ela quem dita o momento de começar; depois de uma contagem regressiva de dez segundos um grito de “estátua” faz com que as atletas, dentro da quadra, fiquem paralisadas por um certo tempo e em seguida caem no chão.

A “bomba” é quando a atleta que está com a bola reúne suas companheiras ao seu redor e a lança para o alto; ao pingar da bola no chão todas caem como se tivessem sido atingidas por uma

esquema durou poucos jogos e não obteve os resultados esperados, contudo, é utilizado como metáfora para exaltar as qualidades da modalidade criada pelos alunos da Unesp.

¹⁸⁸ Repare que é recorrente a vontade de ganhar; a competitividade está presente em diferentes momentos nesses eventos, inclusive no esporte, mesmo que ele seja entendido de outra maneira.

bomba. Tudo acontece com o jogo em andamento e a arbitragem nada pode fazer – a não ser que interfira nas regras do esporte, o que geralmente não ocorre.

Um outro exemplo ocorreu no jogo de futsal masculino entre Rio Claro e Rio Preto desse mesmo torneio; ao contrário do jogo de basquete relatado anteriormente, a partida estava bem disputada e podia-se perceber que um ou dois atletas já haviam encarado o futebol com certa aspiração profissional¹⁸⁹.

O primeiro tempo terminou empatado em 0x0, mas tinha sido um jogo bastante disputado, com várias chances de gol. Na segunda etapa o time de Rio Claro conseguiu abrir 2x0 logo no início e administrou a vantagem até bem próximo do fim da partida; foi quando a torcida começou a gritar: “dinossauros, dinossauros”, pedindo para que os representantes mais velhos pudessem entrar em quadra.

O time que estava jogando era formado pelos *bixos* do curso de educação Física¹⁹⁰, todavia, agora que a vantagem já estava consolidada, estes deveriam sair para deixar os veteranos jogarem – uma atualização de uma disputa hierárquica que não deixa de estar presente.

Pedidos aceitos, os veteranos entraram em quadra no final do jogo e garantiram a vitória por 2x0, mas sem que nada semelhante ao episódio do basquete feminino fosse presenciado. Uma pista interessante para a diferença entre as modalidades é o trabalho de Ricardo Benzaquen sobre a *formação da Pessoa* entre jogadores de futebol. O autor ressalta a importância da categoria *humildade* nesse meio, seja para os profissionais ou mesmo para aqueles que já desistiram de qualquer aspiração na carreira, mas que continuam a praticar o esporte. (Benzaquen 1980).

Contudo, o importante é que diferenças entre modalidades à parte, a relação entre time e torcida é muito intensa e, de certo modo, os torcedores são atendidos em seus pedidos. Esses

¹⁸⁹ A “carreira” de alguns atletas que disputam as competições nesses torneios pode ser interessante em ser levantada. Em diversas modalidades alguns jogadores se destacam entre os demais. São ex-atletas que, possivelmente, aspiraram a carreira esportiva, mas que um dia entrou em choque com a carreira universitária. Nesse sentido, a universidade é um espaço onde ex-atletas encontram a possibilidade de dar continuidade aos treinamentos e à prática esportiva favorita, mesmo sem visar o profissionalismo. Esse é um dado que ajuda a pensar como é diferente a carreira esportiva daqueles que entram na universidade no Brasil e em outros lugares. Ao invés de iniciarem um trabalho de treinamento e aperfeiçoamento, dando condições e infraestrutura para os atletas se dedicarem à sua modalidade, ocorre o inverso: os atletas estão chegando ao fim de uma carreira esportiva em potencial. Isso no sentido de que, por não haver uma política de formação de atletas atrelada à Universidade, o esporte é colocado em segundo plano, frente a carreira escolhida pelo curso, por exemplo. Os atletas continuam com essas atividades mais por “amor ao esporte” do que por aspirações profissionais.

¹⁹⁰ A atlética da Unesp de Rio Claro cede ao time campeão de seu Inter-Curso o direito de serem os representantes nas modalidades. Os times de educação física são os que mais conquistam esse direito, mas, muitas vezes, convocam atletas de outros cursos.

pedidos são feitos após a obtenção da vantagem no placar, o que ilustra a competitividade nesses eventos; mas não apenas isso, pois pode abrir espaço, e esses dois exemplos evidenciam isso, para mostrar que os estudantes entendem o esporte de uma outra maneira, que não a profissional, pelo menos durante esses torneios.

Sendo assim, cabe apreender quais são as categorias que jogadores e torcedores se utilizam para vivenciar o esporte praticado nesse momento. Isso parece mais produtivo do que estabelecer parâmetros, como o esporte profissional por exemplo, e dizer que os esportes durante esses torneios não são levados a sério, pois eles são¹⁹¹.

Em sua análise sobre o futebol, Toledo (Toledo 2002) afirma a concorrência de três “naturezas” distintas para a definição dessa atividade esportiva: *Regras*: definem o que é o esporte; *Formas*: diferenciam *performances* de se praticar o esporte, comunicadas através da “linguagem dos esquemas táticos” e *Representações*: desencadeiam disputas simbólicas entre os atores que se reverberam em diferentes perspectivas sobre o jogo.

Nesse modelo, duas dimensões fundamentais convivem no futebol: as *regras* e as *padronizações das performances* entre os competidores.

Todavia, diferentemente das regras, não há como fazer uma análise pormenorizada de todas as *formas e padrões* de jogo. O que se pretende é uma busca pelas relações estabelecidas entre esses *padrões* e suas relações com as regras do jogo; o modo como esses ordenamentos simbólicos têm entrada nos meios que vivenciam o futebol.

As *formas-representações* apresentariam ajustamentos variáveis de acordo com os locais e os agentes envolvidos, sem, contudo, constar das *regras*:

“Desse modo, o conjunto das regras, a primeira natureza que define a atividade como esporte, não determina ou instrui totalmente as maneiras de jogar, o que revela nas *formas* de jogo uma espécie de ‘segunda natureza, ambas justapostas ainda a uma ‘terceira natureza’, identificada nas *representações* que consolidam as anunciadas ‘escolas’, ‘jeitos’ ou ‘estilos’”. (Toledo : 2002; 61).

¹⁹¹ Depois da derrota por 3 x 1 para a equipe de Presidente Prudente na final de futebol de campo do Inter-Unesp 2005, alguns integrantes de Rio Claro souberam que parte do time adversário tinha ido dormir num hotel – financiado por sua atlética – e que, para isso, abriram mão de ir a festa à fantasia da noite anterior. A indignação com a notícia foi grande entre os atletas de Rio Claro; alguns diziam que os adversários “não entendiam” o espírito do torneio. Não viam cabimento no fato de eles terem deixado de participar da festa à fantasia “apenas” para descansar para o jogo final. Embora o time de Rio Claro estivesse completo, muitos jogadores haviam ido direto da festa para o jogo – marcado para as dez da manhã – e mantinham-se acordados à base de cerveja, maconha e anfetaminas. A derrota era contestada com base nesses argumentos e os adversários criticados por terem “perdido a festa”.

As *formas-representações*, embora partam de pressupostos universais, no caso as *regras*, podem estabelecer identificações positivas e locais de acordo com especialidades regionais, mesmo com a padronização das performances entre os atletas¹⁹².

Tais diferenças operam transformando e adestrando as sensibilidades envolvidas com esse esporte, desde o jogar até o torcer:

“Se as regras são universais (...) as *formas* ou padrões consistem nos ajustamentos ou numa linguagem que dialoga com os sotaques mais locais do jogo, amplificados e perpetuados no domínio do senso comum pelas auto-representações que definem as categorias nativas da ‘terceira natureza’”¹⁹³. (Toledo : 2002; 61).

Mesmo com as diferenças entre o futebol e outras práticas esportivas, cabe alargar essa definição, pois em todas as modalidades, de alguma maneira, essas “naturezas” estarão presentes. Ao exacerbar ainda mais essa definição, a tentativa é estabelecer que, para além da variedade de modalidades existentes nos torneios, tradicionais ou excêntricas, algumas *formas-representações* que se tem sobre as *performances* desenvolvidas estão ressonantes com o ambiente promovido por tais eventos.

A idéia é mostrar que as *formas* de jogar presentes em alguns torneios podem ser diferentes daquelas encaradas no cotidiano do esporte praticado profissionalmente, ou mesmo entre os universitários, por levar em consideração os ideais ali presentes, como a participação da torcida, o clima de festa e demais particularidades que diferenciam esses torneios de outros ambientes em que os esportes são praticados.

Contudo, não cabe perceber essas diferenças pela falta, pelo não sério ou por qualquer outro motivo que estabeleça um modo de jogar “certo”, o esporte profissional, e outras maneiras menos corretas; antes disso, o melhor é perceber a diferença entre esses domínios – através do trabalho de campo – por levar em consideração as próprias categorias nativas, pois como relatou um aluno de Rio Claro: “Pra que se profissionalizar se ninguém valoriza o atleta nesse país; tem mais é que beber cachaça e curtir a festa mesmo”.

¹⁹² A grande diferença que pode ser levantada é entre os *estilos* europeu – mais voltado para o sistema tático – e o sul-americano – reverenciado pela habilidade individual: “(...) e, num plano mais global, o ‘jogar à sul-americana’, confrontando à outras *formas-representações*, sobretudo às européias. Todas essas *formas-representações* aparecem relacionadas e referidas, dialogando entre si numa lógica simbólica contrastiva, das quais, dependendo das circunstâncias, lança-se mão, seja no discurso *especialista, profissional* ou *torcedor*” (Toledo : 2002; 153).

¹⁹³ Grifo meu.

Isso ajuda a ilustrar o que está sendo proposto: nem sempre o esporte profissional é o parâmetro usado por esses atletas para a construção de suas próprias visões sobre o que são esses torneios, ou melhor, o modo como as práticas esportivas são encaradas aí – e a “defesa” da manutenção do caráter “amador” do esporte universitário corrobora tal afirmação. A festa se mostrou mais importante na construção do que poderia ser chamado de “teoria nativa” do que o esporte de alto rendimento.

Para finalizar, vale lembrar que as diferentes práticas e *formas* de jogar são realizadas de acordo com o local em que estão inseridas¹⁹⁴; desde performances excêntricas até o esporte de alto rendimento, os universitários apresentam formas variadas de jogar.

As *representações* coadunam-se com as *formas*, contudo, sem que as *regras* sejam alteradas; essa variedade é fruto de uma relação de “amor ao esporte”¹⁹⁵ que se apresenta em ambos momentos e aponta para a complexidade desse tema.

3. As Festas

As atividades existentes nos torneios primam por colocar as pessoas em relação; as festas são momentos onde essa integração é mais intensamente vivida, seja ao partilhar bebida, estabelecer relações sexuais, dançar ou conhecer pessoas de diferentes, turmas, cursos e universidades. Durante o dia, as tendas eletrônicas e os jogos são realizados em locais separados, muitas vezes distantes uns dos outros; os alojamentos ou mesmo locais para a alimentação também dispersam um pouco do público. A noite ocorre o contrário, todos vão às festas; é a hora de unir os participantes em um mesmo lugar, por mais que tenha diferentes ambientes¹⁹⁶.

Os convites geralmente são vendidos antecipadamente através dos pacotes¹⁹⁷ das universidades; eles permitem a entrada nos três dias de evento, ou seja, aqueles que não forem também perderão o dinheiro. Os pacotes completos incluem ainda as viagens, o alojamento e

¹⁹⁴ A polícia militar cercou o gramado que tinha sido reservado para a realização dos “jogos alternativos” do Inter-Unesp 2005. Por saber antecipadamente que competições envolvem o consumo de substâncias proibidas, como a maconha, a polícia proibiu antes de ocorrer.

¹⁹⁵ www.atletica.ufscar.com.br

¹⁹⁶ A movimentação também é diferente da presenciada durante os jogos, uma vez que, ao invés da *torcida* caminhar conjuntamente, nas festas os grupos de amigos são menores.

¹⁹⁷ Os preços para quem compra antecipado são mais baratos do que para comprar na hora.

material como batatas, pulseiras e caneca. A entrada nas festas, contudo, é outro ponto para destacar a separação existente entre estudantes e não estudantes.

Como a maioria dos participantes adquire os pacotes, ingressos avulsos são menos vendidos; para comprá-los na hora é necessária a apresentação da carteirinha de estudante e do RG. Durante a espera para entrar na primeira festa do Inter-Unesp 2005, algum tumulto na bilheteria chamou a atenção: moradores da cidade tentavam comprar as entradas, mas, por não serem estudantes, não conseguiram o convite.

A resposta de um representante da CO sobre o assunto ilustra a intenção em separar os participantes do evento: “Enquanto temos certeza de que todo mundo aqui é *universitário* podemos ficar tranqüilos em saber que não vai ocorrer nenhuma briga ou confusão; mas se a gente começa liberar a entrada pra qualquer um, aí é muito perigoso, alguém entrar com uma arma ou uma faca e provocar uma coisa mais séria”.

Novamente são as carteirinhas que possibilitam a participação nas atividades; além de atestar o pertencimento do aluno a determinada instituição, confirma que aquela pessoa é estudante e pode fazer parte daquele evento. A separação é uma tentativa de garantir que o ambiente desejado seja vivenciado entre “iguais”, isto é, os torneios são organizados pelos e para os *universitários*.

Uma “troca de cortesias” entre os membros das atléticas, os maiores responsáveis pela organização, é uma maneira de atentar para a relação existente entre participantes de diferentes torneios. É costume que representantes convidem presidentes e diretores de atléticas de outras universidades para participar de suas festas; cedem os pacotes, muitas vezes até mesmo nos camarotes, como forma de apresentar seus torneios e inseri-los no quadro maior das atividades realizadas pelos estudantes.

Outras vezes, essa relação é mediada por empresas terceirizadas que pretendem apresentar seus serviços para possíveis futuros clientes. Toda essa comunicação é responsável por certas regularidades encontradas na estrutura e organização das festas; o modo como são feitos o fornecimento das bebidas, as equipes de segurança, som e iluminação podem repetir-se por

partirem de modelos semelhantes que ficam conhecidos através dessa troca entre organizadores¹⁹⁸.

O faturamento das festas pode gerar até 250 mil reais para as empresas responsáveis pela estrutura; algumas delas, que trabalham exclusivamente com marketing universitário, são formadas por ex-estudantes que eram representantes ou organizadores desses mesmos eventos. São “especialistas” que conheceram o funcionamento e passaram a trabalhar com isso, muitas vezes deixando de lado a carreira acadêmica cursada na universidade.

Ainda com relação a essa questão financeira, algumas atléticas de universidades particulares recebem entre três e cinco reais por boleto para manterem suas atividades; não é à toa que no Economíadas 2006 em Araraquara, composto majoritariamente por escolas particulares, cada universidade montou sua própria tenda durante o dia. Em frente ao pavilhão onde também foram realizadas as festas, os espaços eram separados e os alunos somente tinham acesso às tendas de sua universidade – controlada pelas pulseiras.

Em seu interior, atrações como bandas de variados estilos, som eletrônico ou mesmo churrascos eram oferecidos aos alunos todo o tempo. Isso era uma maneira de prolongar a festa, pois as tendas forneciam cerveja 24 horas por dia, ou seja, muitas pessoas saíam das festas e já paravam nas tendas. Essa estrutura custa em torno de 2 mil reais, sem contar os shows, seguranças, bebidas e outros “brindes” que as atléticas dão aos seus membros¹⁹⁹.

As festas podem ou não ocorrer num mesmo local; no caso da Tusca como foi visto, uma divisão dos espaços também é um mecanismo de compensação material e simbólica entre as universidades organizadoras. Em eventos itinerantes, ou seja, aqueles que ocorrem a cada ano em uma cidade sede, os locais costumam ser os mesmos, ou por terem sido antecipadamente alugados ou para facilitar o transporte dos participantes.

¹⁹⁸ Alguns alunos da Unesp, responsáveis por organizar várias edições do Inter-Unesp, são chamados de “velha guarda” nas reuniões das comissões organizadoras. Como a dinâmica de entrada e saída da universidade é intensa, ou seja, o tempo passado como aluno é relativamente curto, outros representantes acabaram por tomar o lugar dos mais experientes; em forma de retribuição pela crescente em que o evento foi deixado para eles, cederam a essas pessoas os pacotes para as festas dos futuros torneios.

¹⁹⁹ Nunca tive nenhum acesso a contas de qualquer torneio ou atlética; os números descritos são frutos de conversas com representantes de diferentes universidades. Inclusive, foi relatado que durante o Inter-Unesp em Araraquara foi gerado em torno de seis milhões de reais para a cidade. Contando que havia cerca de 15 mil participantes, não é um número tão astronômico.

Os tamanhos variam de acordo com as necessidades: no Inter-Unesp 2006, que contou com aproximadamente 15 mil participantes, as festas foram realizadas num amplo pavilhão onde se encontrava um palco principal, uma tenda armada num gramado lateral e um galpão destinado à música eletrônica, numa espécie de boate, com som e iluminação característicos. Já no Engenharíadas 2006 as festas foram no salão de um clube, que ainda disponibilizou uma pequena área ao ar livre onde foram montados bares extras.

Os bares são de extrema importância para a realização das festas; a quantidade de bebida é muito grande, então se deve estar preparado para colocar a cerveja para gelar e servi-la aos participantes, pois ficar sem beber é algo inadmissível entre os universitários. O modo como é feito esse serviço é conhecido por “open bar”, ou seja, a bebida é gratuita por todo o tempo; geralmente, cerveja, vodka, água e refrigerantes são fornecidas pela organização. Alguma outra bebida pode ser oferecida esporadicamente – uma que ganhou espaço nesses torneios é a “jurupinga”, destilado de sabor suave, mas com elevado teor alcoólico, o que permite aos participantes beber a noite toda.

A cerveja, contudo, é a mais consumida; caixas térmicas repletas de garrafas cobertas de gelo são colocadas lado a lado nos diversos bares montados. Apenas para se ter uma idéia, o cálculo base, segundo um dos organizadores do Inter-Unesp, é de 3,5 e 4 garrafas de cerveja por pessoa durante uma festa. Nesse mesmo evento, foram compradas mais de sete mil caixas da bebida, além de mais ou menos 500 caixas de vodka, somente para as três festas.

A distribuição nos bares é feita por atendentes que enchem as canecas das pessoas; uma caneca, todavia, não comporta todo o conteúdo de uma garrafa, então se divide com outros. Esse tipo de serviço, principalmente no começo das festas quando as pessoas estão chegando, pode gerar longas filas, uma vez que, além de serem muitos participantes para beber, o consumo entre eles é por demais elevado. A demora em beber é uma das coisas que mais deixam as pessoas irritadas com a organização; por conta disso, quando essas filas se alongam demais, no dia seguinte é praticamente certo que mais bares serão montados²⁰⁰.

Repare que servir os participantes em suas canecas individuais é uma maneira de dividir o que está sendo bebido; a festa é o momento de partilhar, de trocar e através da bebida as pessoas

²⁰⁰ Isso porquê a comissão organizadora faz reuniões de balanço diárias na tentativa de melhorar os serviços oferecidos, seja durante os jogos ou nas festas; é mais comum que as filas, quando ocorrem, sejam no primeiro dia, pois ainda não se tem a dimensão exata do público participante.

estão em relação. A intensidade com que são consumidas durante as festas indica essa aproximação; conhecer estudantes de outros lugares, reencontrar antigos amigos ou mesmo a paquera é transpassada pelo consumo das bebidas alcoólicas, pois ela estabelece uma relação.

A *segmentação*, tema já abordado, também pode ser evidenciada nas conversas que se tem. Dizer o curso, turma ou universidade é o modo mais recorrente de se apresentar; principalmente nas festas, pois a identificação visual não fica tão à mostra como durante o dia. Com essas informações, nomes em comum são procurados e como se conhece muita gente, conversas e paqueras se prolongam animadamente a cada sucesso; sempre acompanhado de bebidas.

O elevado consumo de uma bebida diurética como a cerveja acaba por promover longas filas nos banheiros; muitas vezes, as instalações não comportam todo esse uso ou mesmo as pessoas não conseguem esperar nas filas devido à urgência da necessidade. Em locais abertos, os participantes urinam ao ar livre, ocupando, inclusive, grandes extensões; para as mulheres, é comum que grupos de amigas façam cobertura enquanto uma delas urina. Outras vezes, os banheiros são usados indiscriminadamente, por homens e mulheres e as condições de limpeza nem sempre são as mais higiênicas²⁰¹.

É difícil ver alguém que não esteja com uma caneca ou copo na mão; ao mesmo tempo, os torneios não podem ser “passados em branco”, isto é, são momentos em que relações sexuais são esperadas entre os participantes. A presença da sexualidade pode ser evidenciada a partir de uma categoria bastante usada pelos universitários: “beijo na boca”.

O “ficar” ou “pegar” são usados para expressar o número de vezes e de pessoas diferentes que se beijou durante a noite. No Inter-Bio, por exemplo, ocorre a “roda do beijo”, onde homens e mulheres se posicionam alternadamente e cada vez se viram para beijar a pessoa do lado; depois ainda fazem a mesma coisa, porém em diagonal, ou seja, todos os homens beijam todas as mulheres presentes²⁰².

Beijar na boca poderia ser entendido como uma maneira de *conhecer* pessoas; em torneios que têm por lema a *integração* entre os participantes, isso estaria em completa ressonância com o que mais se pretende em uma festa universitária: beber e beijar. Entretanto, em que medida essas

²⁰¹ Isso não impede, contudo, que mesmo relações sexuais sejam realizadas dentro dos banheiros.

²⁰² Outro ponto para ilustrar a intensidade com que as pessoas se beijam é assistir a duas ou três amigas beijarem, cada uma de uma vez, o mesmo rapaz; muitas músicas que fazem essa referência também fazem sucesso durante os torneios.

coisas estariam associadas? Colocar o álcool como uma espécie de “desinibidor” seria uma resposta pronta. Qual seria, então, a relação entre álcool e sexo vivida nesses torneios? Por quê seria perpassada pelo “exagero”, no sentido de que tanto o “ficar” como o “beber” podem, inclusive, ser colocados em forma de disputas?

A intensidade evidenciada naquilo que a festa tem de mais interessante para os *universitários*, ou seja, as relações sexuais e o consumo de substâncias alucinógenas, principalmente através do “ficar” e do elevado número de bebidas alcoólicas consumidas, aponta nessa direção: beijar na boca e beber é conhecer pessoas, é estar em relação com elas; e isso é o que se espera de uma festa universitária.

Inclusive, durante o Inter-Unesp 2006, muitas pessoas reclamaram que as festas estavam ruins, pois a “pegação” estava devagar, isto é, não foi um evento onde as pessoas se beijaram tanto. Um dos motivos para isso são as proporções que o torneio atingiu: muitos participantes em um local muito grande. Não é à toa que os “unespianos” desejam voltar o torneio para lugares mais distantes do centro do Estado, na tentativa de diminuir o público participante. É nesse sentido que a definição da “senóide”, relatada anteriormente, pode ser aplicada aos torneios universitários.

Contudo, para enfatizar a presença da sexualidade nos torneios, inclusive no âmbito organizacional, cabe retomar a “festa erótica” ocorrida no Economíadas 2006.

A festa enaltece a sexualidade; é uma maneira de instigar homens e mulheres a estabelecerem relações. A entrada é dividida em duas: uma para homens e outra para mulheres. Durante as primeiras duas horas de festa, eles continuam separados; em cada lugar, atrações direcionadas divertiam os participantes: no espaço destinado aos homens, o palco era reservado para shows de dançarinas e stripers enquanto no outro palco dançarinos, chamados de “lover-boys”, animavam as mulheres. É claro que também havia bares em ambos espaços.

Após essa separação inicial, homens e mulheres chegavam ao mesmo lugar onde o palco principal iniciava outras atrações e os bares já se encontravam montados, isto é, começava efetivamente a festa.

Repare que a organização do evento é preocupada em exaltar a sexualidade vivida pelos universitários; o “esquenta” para um momento em que já é esperado que as pessoas se beijem é passado de modo que só aumente essa vontade – coletiva, poder-se-ia dizer.

Os torneios, como se disse, são momentos de bastante liberdade para seus participantes; as relações sexuais, o consumo de bebidas alcoólicas e substâncias alucinógenas e, inclusive, as práticas esportivas, estão inseridas num ambiente que prima pela alta dosagem do que é feito.

Sendo assim, num ambiente partilhado entre pessoas que apresentam características semelhantes, isto é, são jovens estudantes universitários, as atividades existentes são colocadas de modo a intensificar as relações entre eles; cabe lembrar ainda que diversas dessas atividades são permeadas por uma relação entre *esporte* e *festa* que influencia e altera substancialmente performances esperadas em cada momento.

Tal como nas práticas esportivas, as festas também oferecem exemplos de performances que levam em consideração aspectos relacionados aos esportes e essa influência geralmente pode ser percebida nas relações sexuais.

Além da metáfora do esporte fazer parte do vocabulário que envolve esse tema, disputas como a “competição do beijo”, para saber o número de pessoas beijadas pelos participantes, são estabelecidas a todo o tempo. “Apostas” do tipo: “duvido que você beija aquela garota” ou “você vai ter que ficar com aquele rapaz” são comuns nas relações entre as pessoas mais próximas.

Alguns alunos de Rio Claro fornecem um caso interessante. Como foi visto, usar batas ou coletes durante as festas é algo incomum; todavia, numa festa do Inter-Unesp 2005, um grupo de amigos pintou em seus coletes uma numeração que ia do 1 ao 11, ou nos dizeres nativos “do goleiro ao ponta esquerda”.

A festa seria entendida enquanto um jogo e essa numeração não foi dada ao acaso, mas sim respondia a características individuais que deveriam ser levadas em consideração de acordo com os interesses que se apresentavam por detrás dessa relação: o número 1, que seria o goleiro, por ser alguém mais tímido ficaria mais atrás; no meio campo, alguém mais “conversador” e na frente com a dez e com a onze os “craques” do time, aqueles que, reconhecidamente, trariam o maior número de mulheres para o grupo.

Em mais de uma atividade levantada essa relação entre *esporte* e *festa* se mostrou decisiva na realização dos torneios. Beber, praticar esportes ou estabelecer relações sexuais, isto é, aquilo que é mais presente nesses eventos, são influenciados por aspectos de ambos termos dessa relação. Em diferentes momentos os universitários mesclam em suas relações as disputas retiradas do esporte e a diversão presenciada nas festas.

Essa permeabilidade pode ser considerada uma das responsáveis pelas performances esperadas; a especificidade apresentada pode ser advinda dessa relação e os torneios são organizados a partir desses mesmos princípios. Nos jogos, torcidas ou durante as festas, esses preceitos serão levados em consideração e as relações estabelecidas – um dos grandes objetivos desses eventos – estão inseridas nesse ambiente *divertido e competitivo* que ilustra sobremaneira o que é a “vida universitária”.

Considerações Finais

Durante todo o texto a intenção foi apresentar alguns espaços, físicos e simbólicos, ocupados pelos estudantes em sua *passagem* pela graduação. A recorrência de certas temáticas presenciadas em diferentes momentos traz a possibilidade de pensar o tempo passado aí no interior de um sistema, ou melhor, dentro daquilo que se pretendeu chamar de “vida universitária”.

Para além das salas de aula teóricas e práticas, os locais freqüentados diariamente, as inúmeras formas de participação nas entidades estudantis, a moradia nas repúblicas ou ainda as práticas esportivas e as festas no cotidiano acadêmico podem indicar uma sociabilidade diferenciada, pois atrelada ao “ser universitário”.

Cabe retomar que essa diferenciação entre quem é e quem não é *universitário*, inclusive, é evidenciada pelos setores que convivem na Universidade; seja na matrícula, quando o aluno ganha um número de identificação com aquela instituição, ou mesmo nas determinações que exigem a comprovação de estar regularmente vinculado, como nas disputas esportivas ou nas entradas para as festas durante os torneios, tanto os estudantes quanto a burocracia da universidade exigem essa separação.

Contudo, por mais que seja variável o tempo de estada, essa relação entre aluno e universidade sempre vai acabar. As carteirinhas, por exemplo, têm datas de validade que estão de acordo com o tempo indicado para cada curso.

A intensidade com que é mantida a dinâmica de entrada e saída dos alunos reflete que a universidade é um *local de passagem* para os universitários; a duração da maioria dos cursos é de quatro ou cinco anos e, embora não seja uma média, o tempo vivido ali pode variar entre quatro e sete anos.

A entrada em tal período ocorre após as provas e vestibulares enfrentados pelos estudantes que concluem o ensino médio; a separação é feita de modo que nem todos os alunos que concluem o segundo grau podem ingressar na universidade. Essa separação é feita também através de escolhas individuais, uma vez que as possibilidades são muitas, seja nos cursos ou nas universidades, isto é, a separação é permeada por uma *escolha* individual que acaba por definir, inclusive, o papel que poderá ser desempenhado por cada um no futuro, dentro de um “sistema de posições”.

Essa separação deve ser marcada – inclusive no corpo, vide o costume de se raspar a cabeça dos homens ou mesmo as pinturas com tintas (Clastres 1974) – para indicar a todos os ingressantes o local no qual eles estão sendo inseridos.

O *trote*, nesse sentido, é um importante marco para se estabelecer a diferença entre os que chegam e os que já estão, instaurando uma *relação hierárquica* que se encontrará presente durante toda a formação acadêmica, seja nas relações entre discentes ou junto a outras categorias da universidade.

O *batizado*, inclusive, é um momento em que se dá um novo *nome* para aqueles que estão ingressando; o nome anterior, na maioria das vezes, não é nem lembrado por todos aqueles que partilharam esses momentos conjuntamente, isto é, um processo de formação de *Pessoa* que começa pela nova nomeação na nova vida durante esse tempo.

Em alguns casos, especialmente em lugares como São Carlos, que recebe muitos estudantes de outras cidades, a separação é feita de modo nítido: os estudantes saem da casa dos pais e vão para outras residências, *as repúblicas estudantis*.

Essa separação ocorre em diferentes momentos, como no vestibular ou na mudança de cidade, e o que deve ser ressaltado é à saída de um local anterior e a entrada em “mundo novo”, isto é, um corte ou uma transição entre “estados” completamente diferentes.

Com isso, o tempo passado na graduação é a própria “vida universitária”. Nesse período variável, *mas que inevitavelmente se acaba*, as relações entre os estudantes se mostram completamente diferentes daquelas estabelecidas em outros locais da estrutura social. Nem o passado nem o futuro terão as características que se encontram nesse período em separado.

Outro exemplo que confirma a universidade como uma época de *passagem* na vida dos alunos de graduação ocorreu na Gincana 2007.

Antes de dar início às atividades descritas no primeiro capítulo, o apresentador pediu para o DJ colocar uma “valsa” para os participantes dançarem. A valsa é uma dança típica dos “bailes de formatura”, isto é, as festas que encerram o ciclo do aluno na graduação.

O animador assim explicou essa passagem: “daqui há quatro anos vocês vão estar dançando com seus pais... seu pai pisando no seu pé, sua mãe chorando no seu peito e você completamente bêbado”.

Na Gincana, momento de ensinar alguns discursos presentes na “vida universitária”, os *bixos* já são informados que o tempo passado ali necessariamente irá acabar.

Ao aproximar-se o final da graduação, os alunos de uma mesma turma acabam por se distanciar devido situações diversas, como a ida para estágios em outras cidades, as matérias que já foram concluídas ou outros motivos.

A *festa de formatura*, todavia, é um momento que pretende a *re-integração* de todos os que se encontraram lá no começo; essa reintegração ocorre anualmente e existem diferentes maneiras pelas quais são feitas: churrascos, reuniões, bailes de gala, todas invocando a importância da *festa* na vida universitária.

A saída de um “estado” transitório é um marco que deve ser ressaltado, pois, a partir daquele momento – pelo menos simbolicamente – as pessoas tomarão suas posições na estrutura social; deixam de ser *universitários* e passam a ser médicos, advogados, sociólogos etc, ou seja, as preocupações, direitos e deveres se alteram de acordo com a saída desse universo.

Para corroborar, vale lembrar os mandamentos éticos de alguns cursos, ou seja, o que se espera de quem passou por esse momento é que se “encaixe” no sistema de posições encontrado para fora dos domínios da universidade de modo que nele cumpra suas funções, direitos e deveres:

“A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um “estado”), ou ainda de ambos. Durante o período “limiar” intermédio, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consuma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e “estrutural”, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições.” (Turner : 1974; 116).

Desde o documento que ateste a matrícula do aluno a determinada instituição, até a entrega do diploma após a formatura, os estudantes vivem num estado de transição que influencia decisivamente aqueles que passam por esse período:

“Existe, aqui, uma dialética, pois a imediatidade da ‘communitas’ abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos *rites de passage* os homens são libertados da estrutura e entram na ‘communitas’ apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da ‘communitas’. Certo é que nenhuma sociedade pode funcionar adequadamente sem esta dialética”. (Idem 125)

As atividades mais presentes no cotidiano universitário, como as *festas* e as *práticas esportivas*, são momentos em que a diferença com a “estrutura social” mais se evidencia; nesse sentido, as descrições dos torneios, das repúblicas ou as instâncias do movimento estudantil apresentam essa diferença a partir de coisas que efetivamente acontecem na vida universitária: o intenso consumo de substâncias, a *loucura* encarada como atributo positivo, as festas intermináveis, a “ausência” de compromissos, ou pelo menos a flexibilidade para a realização de tais coisas, a relação entre os universitários e outras categorias da universidade e também com os moradores da cidade, que pode nem sempre ser pacíficas, enfim, inúmeras características que diferenciam sobremaneira a vida universitária da “estrutura social”.

È recorrente que se encontre referências às particularidades aí presentes; perfis encontrados em comunidades na Internet atestam a importância atribuída ao período em questão, como a descrição de um ex-aluno que dizia algo assim depois de ter concluído o curso: “São Carlos, aquilo foi um sonho”, ou ainda a descrição da vida nas repúblicas, onde é enfatizado a ausência de compromissos e a intensidade da vida noturna:

“Essa comunidade é p/ você que faz ou já fez universidade e concorda que não tem vida melhor, com baladas nas republicas, e não ter preocupação com nd.. além das provas que tomam ferro. Melhor ainda p/ quem mora fora da casa dos pais, pois vão as aulas quando querem, acordam a hora que der vontade e ir p/ as baladas sem hora pra voltar e chapado ainda!!

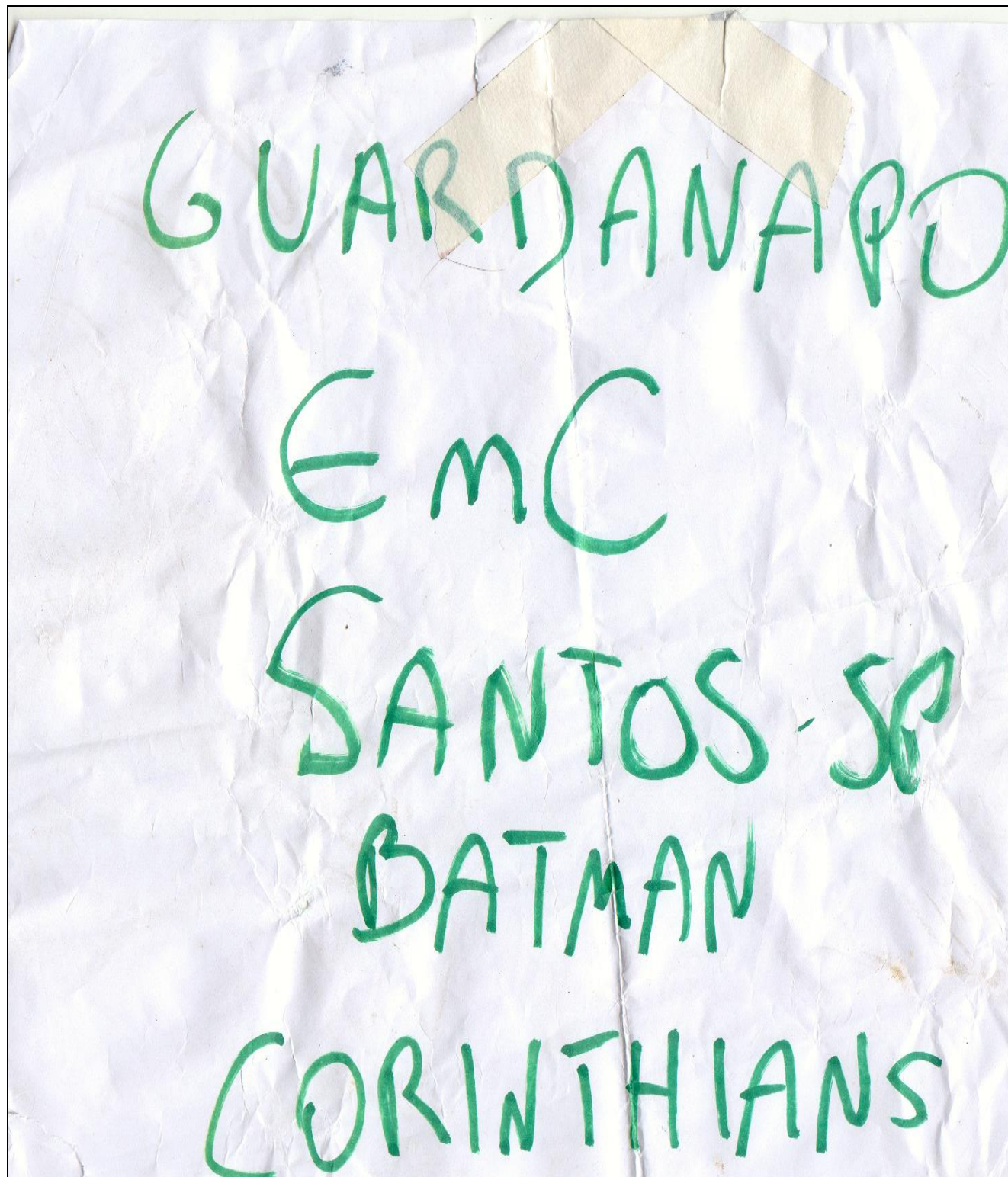
Sejam Bem-vindos!!”²⁰³

A tentativa aqui foi apresentar diferentes momentos desse tempo passado em separado; dentre as principais características apresentadas, a *coletividade*, a *competitividade*, a intensidade no consumo de substâncias alucinógenas, a presença das práticas esportivas e das relações sexuais são certamente aquelas mais marcantes da “vida universitária”.

A presença da *hierarquia* e uma certa *tendência à segmentação* também devem ser apontadas como princípios definidores das relações que se estabelecem. Assim, para fora das salas de aula, a dinâmica das relações entre os estudantes de graduação estão fortemente atreladas a esses princípios e características.

²⁰³ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8993407>

È nesse sentido que a pesquisa primou por aumentar o leque de temas a serem abordados, isto é, ao invés de “prender” a análise a momentos onde as disputas esportivas e as festas são fatores constituintes, como nos torneios universitários, a etnografia trilhou por outros caminhos, mostrando que a especificidade da análise antropológica reside exatamente nesse constante diálogo entre pesquisador e pesquisado, diálogo esse que permite uma simbiose entre o arcabouço teórico e os dados das pesquisas de campo, uma maneira característica de estabelecer uma relação entre sujeito e objeto.



Crachá de identificação dos calouros durante a Gincana da Atlético. “EnC”: Engenharia de Computação.

Em defesa dos Centros Acadêmicos

Logo no 1º dia da calourada os CAs localizados no AT2 (Psicologia, Pedagogia, Ciências Sociais e Biblioteconomia) foram surpreendidos com a confirmação de uma informação, e um bilhete nas portas “Entrar em contato com Rogério na P.U ramal... . Motivo: os CAs serão transferidos e as salas serão utilizadas como salas de aula.” O prazo dado foi de que em um dia os CAs desocupassem as salas e se transferissem para o ex-prédio da manutenção atrás do AT1. Em busca de esclarecimento os CAs envolvidos, a Moradia Estudantil mais os CAs da Fisioterapia e Terapia Ocupacional solicitaram da Pró-Reitoria de Graduação uma reunião para esclarecer e discutir o ponto de vista dos envolvidos.

Nessa primeira reunião foi esclarecido que as 4 salas ocupadas atualmente pelos CAs se transformariam em duas salas que iriam se transformar num laboratório de informática no AT2 e essa seria a única possibilidade de realocação das aulas, senão faltariam salas. A moradia expôs que o espaço que estava sendo destinado aos CAs já havia sido prometido para ela como Centro de Convivência num acordo entre a moradia e a reitoria em 1999. Nesse impasse foi realizada uma Assembléia entre os cursos e a Moradia na qual foi tirado o apoio a Moradia na manutenção do acordo firmado com a reitoria pelo espaço para Centro de Convivência e um trabalho conjunto para realocar os CAs.

Em outra reunião com a Reitoria os CAs pediram uma reavaliação da disposição aulas nas salas de aula da Babilônia, mas a Reitoria alegou que todas as possibilidades estavam esgotadas. Após um longo tempo de discussão decidiu-se que os CAs teriam até o final do semestre, 3 meses na época e menos de 3 semanas agora, para encontrar uma solução. Com muito esforço para conseguir o material necessário junto a Chefe de Gabinete da Reitoria, Professora Nanci, os CAs conseguiram realocar as aulas das salas que serão utilizadas pelo novo laboratório de informática no AT1 ou AT2, sem que para isso os CAs precisem se mudar.

Os CAs estão terminando um relatório a ser entregue a Reitoria na qual contextualiza o problema e propõe a solução, com a manutenção da qualidade de ensino atual e permitindo também a continuidade da construção de um espaço público, de livre discussão, de autonomia na produção de conhecimento e representação discente dos cursos, o que requer apenas o cultivo dos hábitos e direitos democráticos..

Esse processo de discussão mostrou que a posição intransigente por parte da Reitoria mostra na verdade uma disposição da mesma atacar os centros acadêmicos que são mostradas nas suas próprias posições: “na minha época se fazia movimento estudantil com uma pasta de baixo do braço” diretor do CECH, atacando o direito ao espaço físico que foi conquistado; ou “ não é questão de espaço é outra questão” vice reitor, mais que questão é essa então?

Assim o DCE declara seu apoio a questão dos CAs e propõe uma campanha de moções em defesa dos CAs. Você que faz parte de alguma entidade estudantil ou organização que luta pela democracia discuta em sua entidade e mande a moção abaixo.

Moção de apoio à luta dos Centros Acadêmicos

Nós do
vimos por meio desta moção declarar apoio aos CAs da Psicologia, Ciências Sociais, Biblioteconomia e Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos na luta pela manutenção do seu espaço físico, entendendo a importância dele para a realização de suas atividades. Essa posição antidemocrática do Reitor Oswaldo Batista Duarte Filho é um ataque contra os espaços de livre discussão e portanto inaceitável.

Mandar para o reitor da UFSCar Oswaldo Batista Duarte Filho: reitor@power.ufscar.br
Mandar cópia também para: dcelivre@hotmail.com

Reunião aberta do DCE segunda às 17:30h no DCE.

Dinâmica das alianças entre as entidades estudantis na disputa por espaços na Universidade. A reitoria é o grande adversário dos universitários.

InterREP A Festa

26/10

Quinta-feira 23:30



2

OPEN BAR:



CONVITES:

1º Lote: R\$ 15,00 masc.
R\$ 7,00 fem.

2º Lote: R\$ 20,00 masc.
R\$ 10,00 fem.

PATROCÍNIO:



XXarts: r_tanaks@yahoo.com



Info: www.republicademoro.com

Local:

Chácara do Barão

Rua Caetano Moruzzi, 111
Jardim São João Batista
São Carlos / SP
www.chacaradobarao.com.br

Apoio:



Jovem Pan 96.9 Mhz

Organização:

REPÚBLICA
São Carlos - São Paulo
DEMORO
tel: 33073715

Cartaz de divulgação da festa de uma competição "Inter-Repúblicas". A rivalidade entre UFSCar e Caaso mantém-se mesmo nas disputas entre as repúblicas: *Porco* versus *Dragão*.



Cartaz de divulgação da festa de uma competição “Inter-Bixo”. Repare a recorrência com que *festas e disputas esportivas* são organizadas conjuntamente.

ATENÇÃO SENHORAS, SENHORES, MIGUELITOS Y MIGUELITAS!

Estão abertas 2 vagas para a famuosa

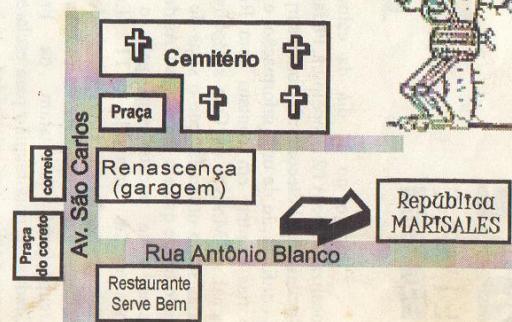
REPÚBLICA POPULAR DE MARISSALES

Vaga para dividir quarto em 2 pessoas.



- casa com 3 quartos + edícula;
- 3 banheiros (um com banheira de hidromassagem);
- Garagem para 2 carros;
- c/ faxineira;
- Assinatura diária da Folha de São Paulo;
- Assinatura mensal da Caros Amigos;
- 10 minutos da federal (a pé);
- 5 minutos da rodovia (a pé);
- ao lado de mercadinho;
- ponto de ônibus em frente;

Rua Antônio Blanco, nº 649
(ao lado do Sacolão São Antônio)



Cartaz para divulgar a abertura de vagas em uma república.



“Homem Capivara” – distintivo do curso de Ciências SÓcias. Recorrência de algumas temáticas; *bebidas, maconha e relações sexuais*: “Bebum, Phumum, Phodum”

O Homem Capivara

...APESAR DO ESFORÇO, O GRUPO AMBIENTAL DO DCE NÃO CONSEGUE IMPEDIR A "IMFHC* POLLUENTS S.A." DE SE INSTALAR NOS ARREDORES DA TERRA...

...TONELADAS DE LIXO RADIOATIVO SÃO DIARIAMENTE DESPEJADAS PELOS RIOS DO PLANETA...

E O QUE TEMIAM, MAS NÃO CONTAVAM, DESASTROSAMENTE ACONTECEU!

*INDÚSTRIA MUNDIAL FODAM-SE HUMANOS E CAPIVARAS



TESTEMUNHAS AFIRMARAM TER VISTO UMA CAPIVARA BABANDO E GRITANDO COM UMA CORTINA NAS COSTAS

POR ESTAREM PARTICIPANDO DE UMA RODINHA SUSPEITA, AS TESTEMUNHAS ESTÃO PRESAS E A CAPIVARA À SOLTA



Estória em quadrinhos publicada num jornal dos alunos das Ciências Sociais que deu origem ao "Homem Capivara". As capivaras são muito numerosas no Lago da UFSCar.



Logotipo com a imagem da mascote do Caaso.



Panfleto de divulgação do torneio Engenhariadas. Destaque para as festas “Open Bar” e para os bonecos “vestidos” de esportistas.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H.

1994 Cenas juvenis – punks e darks no espetáculo urbano. Rio de Janeiro, Editora Scritta.

ALABARCES, P.

2001 Fútbol y Pátria. El fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina. Buenos Aires, Prometeo Libros.

AMARAL, R.C.

2000 Cidade em festa: o povo-de-santo (e Outros Povos) comemora em São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca. (orgs.). Na Metrópole textos de antropologia urbana.

ANTÔNIO, J.

2004 Malagueta, Perus e Bacanaço. São Paulo, Cosac Y Naify.

ARCHETTI, E.

2003 Masculinidades. Fútbol, tango y pólo em la Argentina. Buenos Aires, Editorial Antropofagia.

BAUMAN, Z.

2004 Identidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

BENZAQUEN DE ARAÚJO, R.

1980 Os gênios da pelota. Um estudo do futebol como profissão. Dissertação de Mestrado, PPGAS Museu Nacional, Rio de Janeiro.

BOURDIEU, P.

1983 Gosto de Classe e Estilo de Vida. In: Ortiz, Renato (org), Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo. Ática.

BOURDIEU, P.

1984 Como é possível ser esportivo. *Questões de Sociologia*. RJ, Marco Zero.

BOURDIEU, P.

1999 A Dominação Masculina. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

CAILLOIS, R.

1988 [1950] “Jogo e Sagrado”, in Caillois, Roger. *O Homem e o Sagrado*, Lisboa, Edições 70.

CARNEIRO DA CUNHA, M.

1985 Etnicidade: da Cultura Residual mas irreduzível. In: Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/EdUSP.

CARSTEN, J.

2004 *After Kinship*. Cambridge University Press.

CASTRO, C.

2004 O espírito militar. Um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.

COSTA, M. R. & FLORENZANO, J. P.

1999 Futebol: o espetáculo do século. s/l., Musa,

CLASTRES, P.

1974 A Sociedade contra o Estado. Francisco Alves. Brasil.

DA MATTA & ALLII.

1982 Universo do futebol. Rio Janeiro: Pinakotheke,

DAMATTA, R.

1977 Centralização, estrutura e o processo ritual. Anuário Antropológico. n.º 76.

DAMATTA, R.

1997 Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco.

DICIONÁRIO de Ciência Política

2004 São Paulo, Editora da UNB quinta edição.

DOSTOIÉVISK, F.

2004 *Um Jogador*. São Paulo. Editora 34.

DOUGLAS, M.

1976 "The meaning of myth". *Implicit Meanings*. Londres. Routledge & Kegan Paul.

DUMONT, L.

2000 O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.

DUNNING, E.

2003 "Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer". *História. Questões e debates*, ano 20, no 39, Ed UFPR.

DURHAM, E.

1986 A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DUVIGNAUD, J.

- 1999 Festas e Civilizações. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- ELENA, S. & DAMATTA, R.**
1999 Águias, burros e borboletas, um estudo antropológico do jogo do bicho. Rio de Janeiro: Rocco.
- ELIAS, N. & DUNNING, E.**
1992 A busca da excitação. Lisboa: Diffel.
- EVANS-PRITCHARD, E.E.**
2002 Os Nuer. São Paulo: Perspectiva.
- FORACHI, M.**
1968 “Aspectos da vida universitária na sociedade brasileira”; In Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, ano 4.
- GOLDENZWEIG, R.**
1995 Os dois corpos do sujeito. Educação física e Nação sob Vargas. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: PPGAS-MN.
- GUEDES, S.**
1977 O futebol brasileiro. Instituição zero. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional.
- GUEDES, S.**
1998 O Brasil no Campo de Futebol: Estudos Antropológicos sobre os Significados do Futebol Brasileiro. Niterói, EDUFF.
- HUIZINGA, J.**
1993 Homo Ludens. São Paulo, Perspectiva.
- LATOUR, B.**
1997 Vida de Laboratório. A produção de fatos científicos. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- LEACH, E.**
1983 Aspectos Antropológicos da Linguagem: Categorias Animais e Insulto Verbal In: DaMatta, R. (org), “Coleção Grandes Cientistas Sociais”. São Paulo. Ática.
- LÉVI-STRAUSS, C.**
1974 “Introdução à obra de Marcel Mauss.” In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP/EPU.
- LÉVI-STRAUSS, C.**
1993 História de Lince. São Paulo, Companhia das letras.
- LÉVI-STRAUSS, C.**

- 2004 História e Etnologia. Campinas. Textos Didáticos; IFCH/Unicamp.
- LÉVI-STRAUSS, C.**
1986 Minhas Palavras. São Paulo, Brasiliense.
- LÉVI-STRAUSS, C.**
2002 O pensamento selvagem. Campinas, SP: Papyrus Editora.
- MAGNANI, J.G.**
1999 Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca. (orgs.). Na Metrópole textos de antropologia urbana.
- MAGNANI, J.G.**
2002 De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de Ciências Sociais. (ANPOCS), vol. 17, n.º 49.
- MAGNANI, J.G.**
2003 Festa no Pedago. São Paulo: Ed. UNESP/Ed. HUCITEC.
- MAUSS, M.**
1974 Sociologia e Antropologia. São Paulo, Edusp, vols. 1 e 2.
- MARTINS FILHO, J.**
1996 A Rebelião Estudantil. Campinas, SP. Mercado das Letras.
- PEIRANO, M.**
1992 A Favor da Etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PEIRANO, M.**
2003 Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- PIMENTA, C.**
1997 Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal.
- PONTES, J.V. & CARNEIRO, M. L.**
1998 “1969, do sonho ao pesadelo: da revolta dos estudantes ao fim das liberdades democráticas.” São Paulo. Grupo Estado de São Paulo.
- RADCLIFFE-BROWN, E.**
1978 O método comparativo em antropologia social. In: radcliffe-Brown. Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática.

ROJO, L.F.

2001 Os diversos tons do branco. Relações de amizade entre estudantes de medicina. Rio de Janeiro: Litteris Editora.

ROSENFELD, A.

1994 Negro, macumba e futebol. São Paulo: Cia das letras.

SAHLINS, M.

2003 Ihas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SCHNEIDER, D.

1980 *American Kinship: A Cultural Account*. University of Chicago Press.

SCHWARTZMAN, S.

1981 Ciência, Universidade e Ideologia. A política do conhecimento. Riode Janeiro, Jorge Zahar Editor.

SEVCENKO, N.

1992 Orfeus Extáticos na Metrópole, São Paulo Sociedade e Cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Companhia das letras.

STRATHERN, M.

1992 *Reproducing the Future: Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies*. Manchester University Press.

TOLEDO, L. H.

1996 Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados Anpocs.

TOLEDO, L. H.

2000 No país do futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

TOLEDO, L. H.

2002 Lógicas no futebol. São Paulo: Hucitec/ Fapesp.

TURNER, V.

1974 O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

TURNER, V.

1974 Dramas, fields and metaphors: Symbolic Action in Human Society. Cornell University Press. Ithaca and London.

TURNER, V.

2005 Floresta de símbolos. Aspectos do ritual Ndenbo. Niterói: EDUFF.

VAZ, A. F.

2003 Teoria crítica do esporte: desdobramentos, críticas e possível atualidade. ANPOCS, paper.

VINNAI, G.

1986(1974) El fútbol como ideología. México, Siglo veintiuno editores, pp 19-82.

WACQUANT, L.

2002 Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

Referências da Internet

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=2251331>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=492759>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=222360>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=944478>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1322035>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=259590>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=106973>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=427869>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=557466>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=961636>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=23276961>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=126414>

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=209002&tid=2506256536298127060>

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=209002&tid=2493952328990856543>

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=5125946732296629204>

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=126414&tid=2497145153989087830>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=401578>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=27571765>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=928304>

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=100006>

www.atletica.ufscar.com.br

www.youtube.com.br

<http://www.brasilrugby.com.br/onde1.asp?UF=SP>

<http://desciclo.pedia.ws/wiki/Interunesp>

<http://www.repamazonas.com.br/>

www.cbdu.com.br

www.dce.ufscar.br/news03.php

www.ufscar.br

<http://www.brasilhandebol.com.br/>